

Organizadoras:

Deise de Azevedo Parreiras Brito

Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga

Mariana Godoy de Miranda Queiroz



**MEMORIAIS DE VIDA E
FORMAÇÃO DAS EDUCADORAS DA
UMEI DR. PAULO CÉSAR DE ALMEIDA PIMENTEL:**
Caminhos de si, caminhos da docência

**MEMORIAIS DE VIDA E FORMAÇÃO DAS EDUCADORAS
DA UMEI DR. PAULO CÉSAR DE ALMEIDA PIMENTEL:
CAMINHOS DE SI, CAMINHOS DA DOCÊNCIA**

**DEISE DE AZEVEDO PARREIRAS BRITO
JULIANA GODÓI DE MIRANDA PEREZ ALVARENGA
MARIANA GODOY DE MIRANDA QUEIROZ
(ORGANIZADORAS)**

**MEMORIAIS DE VIDA E FORMAÇÃO DAS EDUCADORAS
DA UMEI DR. PAULO CÉSAR DE ALMEIDA PIMENTEL:
CAMINHOS DE SI, CAMINHOS DA DOCÊNCIA**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Deise de Azevedo Parreiras Brito; Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga; Mariana Godoy de Miranda Queiroz [Orgs.]

Memoriais de vida e formação das educadoras da UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel: caminhos de si, caminhos da docência. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 141p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-0623-3 [Impresso]
978-65-265-0624-0 [Digital]**

1. Memórias. 2. Relatos e narrativas. 3. UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel. 4. Caminhos da docência. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Mariana Godoy de Miranda Queiroz

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Mairce da Silva Araújo Inês Ferreira de Souza Bragança	
COMO SURTIU UM PROJETO DE MEMORIAIS DAS PROFESSORAS DA ESCOLA?	15
Deise de Azevedo Parreira Brito Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga	
TECENDO FIOS DE MEMÓRIA	19
Andréa Dias Nunes Valério	
MEMORIAL DE (TRANS)FORMAÇÃO DOCENTE	27
Andressa de Sá Teixeira	
UM OLHAR ATENTO ÀS DIFERENTES LINGUAGENS E APRENDIZAGENS	35
Angélica Costa da Silva Soares	
AGRADECENDO O PRESENTE E CRENDENDO NO FUTURO	47
Elisabete Ferreira de Moraes	
OLHO DE ONDE VENHO PARA SABER ONDE ESTOU E PARA ONDE VOU	51
Deise de Azevedo Parreiras Brito	
MINHA VIDA DE PROFESSORA	65
Luciana Machado Monteiro	
MEMÓRIAS DOS CAMINHOS TRILHADOS ATÉ A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	69
Luciana Pereira da Silva	

TRAJETÓRIA	75
Maria Antonia Tripodi Giglio	
A VISTA DE CIMA DO MURO: COMO CHEGUEI AQUI	85
Maria Inês de Azevedo Ventura	
SER PROFESSORA NÃO É DOM, É UMA QUESTÃO DE ESCOLHA E FORMAÇÃO	99
Silvia Leal	
MEMÓRIAS DO PASSADO QUE NOS TRAZ PARA O PRESENTE E NOS FAZ PLANEJAR O FUTURO	105
Millena Guerra Lourenço Nunes Maia	
MEMÓRIAS DE UMA CUNHANTÃ	115
Palas Brazão	
HERANÇA DO MEU ÁLBUM DA INFÂNCIA	121
Rachel Moreno Folly	
TRILHANDO MEMÓRIAS DA CIDADE SIMPATIA ENTRE MONTANHAS E FLORES À CIDADE SORRISO	123
Tharcila de Abreu Almeida	
O RETORNO DA FAMÍLIA: RELATO DA ALICE MÃE DO NICOLAS	127
Alice Raquel Fortunato Rocha	
MEMÓRIAS ÓBVIAS E ENTRECruzADAS: UM CAMINHO EVIDENTE	129
Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga	
MINICURRÍCULOS DAS AUTORAS	135

PREFÁCIO

Com especial alegria, recebemos o convite de Deise Brito, Juliana Alvarenga e Mariana Queiroz para escrita deste prefácio, que chegou como *presente, convocatória e abraço*. É um *presente* vindo de ex-alunas da graduação em Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), bolsistas do Núcleo Vozes da Educação e orientandas, hoje professoras da educação básica de redes públicas de ensino. Fomos remetidas a memórias afetivas e de muito trabalho – a organização dos Seminários de Educação do Vozes, dos cursos de extensão, as pesquisas nas escolas de São Gonçalo, as monografias escritas por Deise e Juliana e tantas outras lembranças. Mas a escrita deste texto é também uma *convocatória*, pois o livro consiste em uma caixa de histórias de mulheres, mães, filhas, merendeiras, professoras, pesquisadoras, narradoras da UMEI Paulo César Pimentel, que “tomam a palavra” e se unem para registrar fragmentos de suas histórias de vida, da formação e da profissão. Prefaciá-la esta obra “encontro-texto”, nas palavras de Juliana, é, portanto, reafirmar o compromisso *políticoepistêmico* de espalhar pelo mundo saberes tecidos nos cotidianos escolares e da profissão.

O caminho percorrido para tessitura do livro, que encontramos em “*Como surgiu um projeto de memoriais das professoras da escola?*”, nos envolve em fios narrativos. Deise e Juliana se conheceram na graduação, fizeram parte do Núcleo Vozes e levam para suas trajetórias profissionais a importância das experiências, memórias e narrativas nos movimentos cotidianos de *heteroautoecoformação* (PINEAU, 2010) e de (re)construção cotidiana dos saberes docentes. Em seu doutoramento, Juliana desenvolveu oficinas de *investigaçãoformação* com professoras da rede municipal de Niterói, Deise participou e deste reencontro narrativo e leva a proposta para UMEI. No contexto de luto, incertezas e

intensificação do trabalho, trazidos pela pandemia de COVID19, as professoras e profissionais da educação realizam reuniões mensais de forma remota, partilham experiências e aceitam o desafio de escrita de um livro com seus memoriais. Retomamos, aqui, este percurso pois fala de movimentos potentes vividos no Brasil e na América-Latina que apontam para o reconhecimento da indissociabilidade entre vida, formação e profissão, bem como da produção de saberes que se dá nos cotidianos (ALVES; GARCIA, 2001; DUHALDE, 2012).

Andrea, Andressa, Angélica, Alice, Bete, Deise, Juliana, Luciana Monteiro, Luciana Pereira, Maria Antônia, Maria Inês, Milena, Palas, Rachel, Silvia e Tharcilla ao partilharem suas histórias produzem um testamento (ARENDR, 1972), deixam uma herança para professoras e profissionais da educação que exercem a docência e outras que estão em movimentos de formação inicial; deixam, também, uma contribuição para a memória e história da UMEI Paulo César Pimentel e para a rede municipal de educação de Niterói, legando às próximas gerações uma história da educação contada por suas protagonistas.

Lembranças e esquecimentos do tempo da infância, das brincadeiras de “escolinha”, do aprender a ser professora “olhando por cima do muro”, das vivências no curso normal, no curso de pedagogia, de professoras e professores marcantes, do ingresso na carreira docente, do “encontro com a realidade”, das incertezas dos tempos pandêmicos, enfim, “de caminhos espinhentos e pedregosos, mas ainda assim encontramos em torno deles a beleza das cores, das formas, dos cheiros, das texturas, dos sons, dos gostos” (Millena). Em cada memorial das professoras e das profissionais da educação, muitas questões se desdobram, nos desafiam e ensinam. Traremos aqui apenas alguns lampejos...

Sabemos que a escrita de um memorial é sempre um desafio, que bom que elas seguiram e nos presentearam com seus textos! Elizabeth, hoje pós-graduada em História, trabalha como merendeira e confia que no início não tinha nenhuma intenção de participar da proposta, “mas depois do relato de

algumas colegas, me emocionei e decidi também contar um pouco de minha história”. Luciana Monteiro também ficou “apreensiva e relutante”. “Como professora, temos que registrar a nossa prática, registrar ações, observações e toda rotina escolar, porém construir um texto sobre suas memórias para apreciação de outros é um tanto desafiador [...]”. Silvia Leal compartilha conosco seu movimento de escrita e confirma a organicidade escrever-refletir: “Revivi grandes momentos de aprendizagem ao narrar um pouco dessa trajetória. Sou uma grande questionadora do sentido da minha prática. Essa sensação de incompletude, de inacabado é bússola que me guia para aprender e ensinar. [...] E entendi que a educação não se faz solitária como eu imaginava, se faz em rede, conexões, entrelaçamentos de ideias e ideais”. Alice Raquel, mãe de Nicolas, como parte integrante da rede de que nos fala Silvia, deixa seu depoimento “Não tenho palavras que expressem minha gratidão a UMEI Paulo Cesar Pimentel e todas as professoras, diretoras, pedagoga, merendeiras e faxineiras. Já me sinto saudosa, pois esse será o último ano do Nicolas na escola. [...] Que Deus possa colocar em nosso caminho profissionais tão amorosos e dedicados quanto esses que encontramos na Escola Paulo Cesar Pimentel”.

As autoras dos memoriais deste livro contam suas histórias de pertencimento às classes populares e da luta cotidiana pelo direito à educação. Condições estas que as tornam mais sensíveis e propensas a se identificarem com as crianças pobres, negras periféricas, das classes populares presentes em suas salas de aula.

Sou filha de uma mulher muito guerreira e batalhadora, seu nome é Maria Aparecida, criou três filhos sozinha, trabalhando como faxineira e cobradora de ônibus, meus irmãos são gêmeos e cinco anos mais novos, Luís Fernando e Luís Eduardo, ajudei minha mãe a criá-los junto com minha avó materna, Geralda. (Luciana Pereira)
A despeito da importância que meus pais sempre deram à minha educação, a falta de democratização do acesso aos livros literários fez com que meu contato com eles acontecesse exclusivamente na escola durante a infância. Isso, porém, não impediu minha paixão pelas letras. Lembro-me de selecionar os textos de que mais gostava nos

livros didáticos de Língua Portuguesa e lê-los para a minha irmã caçula antes de dormirmos. Também conservei, por anos, o hábito de folhear jornais e manter diários pessoais. Todas essas práticas, mais tarde, convergiriam para criar em mim o desejo de estudar a nossa língua, seus usos na comunicação e seus impactos na sociedade. (Alessandra)

Estas experiências me apresentaram com mais força as lutas que nós filhos das classes trabalhadoras temos para ingressar na universidade pública, entrar para o curso superior em uma estadual ou federal é um ato de resistência, pois as condições de acesso não são iguais para todos. Por mais difícil que tenha sido a minha condição eu ainda posso me considerar privilegiada porque não precisava trabalhar enquanto estudava, mas a realidade de muitos colegas era de estudante e trabalhadores, razão pela qual o sonho pelo ensino superior era distante ou deixado de lado. (Deise)

Ao concluir o magistério no ano de 1995, percebi que o sonho de ser professora tornara-se maior pois havia um desejo enorme de chegar ao curso superior. Mas como? Não tínhamos universidades públicas por perto. Com muito esforço e dificuldades consegui ingressar na graduação em Letras de uma faculdade particular de um município do interior do estado do Rio de Janeiro. Foi uma época desafiadora. Estava iniciando minha vida laborativa por meio de contratos firmados ora com a Secretaria Municipal de Educação, ora com a Secretaria Estadual de Educação do estado do Espírito Santo e todos os dias deslocava-me para outro município, em outro estado, em busca de alçar voos maiores em minha prática pedagógica. Nesse período, eu deixava de comer na hora do intervalo para pagar as apostilas no cantinho da xerox existente na faculdade ou comprar algum livro. Fome? Era de estudo e aprendizagem! (Tharcilla)

Nos memoriais, as profissionais da educação dizem do muito que aprendem no cotidiano da profissão com as crianças e colegas. Andréa compartilha a aprendizagem de escuta “aprendi a ouvir a escuta da criança, me abaixar para olhar nos olhos dela e a repensar a minha forma de agir mediante as questões trazidas por elas”. Crianças produtoras de cultura que nos deslocam e encantam.

Encantei-me pela escola, pela equipe e pelos alunos. Aprendi muito com as crianças nesse tempo. Envolvi-me com as famílias (as quais tenho mães amigas até hoje) com as crianças e o trabalho foi sendo construído através de diversas lentes. Fiquei conhecida na região como “a tia Andréa dos pequenos.” Comprei um mimeógrafo para adiantar as atividades em casa e me lembrei daquela época em que sentia o cheiro do álcool nas aulas com a professora Rose. (Andréa)

Surge a oportunidade de um contrato no município tão sonhado e lá estava eu vivendo experiências incríveis, em sala de aula, com uma equipe pedagógica incrível e formações que me impulsionaram para firmar os meus pés em tudo que sempre acreditei. A literatura era viva nos interiores e nos espaços externos. Uma frase foi um divisor de águas na minha vida: “Não aprisionem nossas crianças numa folha A4! Existem diferentes possibilidades, explorem tudo que puder”. (Angélica) ~

Um dos maiores desafios da escola de horário integral é organizá-lo de forma que não engessem seus sujeitos. A estrutura escolar não dá liberdade para respeitar o tempo da criança, sendo esta atropelada por uma grade rígida que precisa ser seguida para não atrapalhar o andamento das outras turmas. Cabe a nós, corpo docente, estudarmos para burlar essa estrutura e encontrar formas de oportunizar as crianças serem protagonistas da sua história bem como contribuindo através do diálogo para a construção de um espaço pedagógico democrático. (Palas)

Nos fragmentos vemos Andréa, Angélica e Palas partilhando movimentos de (trans)formação, reflexão e aprendizagem com as crianças e com as colegas! Os tempos de pandemia intensificaram não só o trabalho, mas também a reinvenção coletiva da prática docente possível.

Nos primeiros meses de pandemia, ficamos atordoados com a incerteza dos dias vindouros. Tivemos momentos de silêncio e muitas dúvidas. Uma enxurrada de notícias repletas de tristeza nos chegava a cada minuto. Não sabíamos o que fazer! E o sentimento de impotência nos tomava por completo. Como poderia a escola, o

mundo, a vida parar?! Foi precisamos um tempo para nos reestruturarmos e pensar estratégias para que a escola de alguma forma pudesse atuar e chegar às suas crianças e famílias. (Maria Antonia)

A escrita é, sim, um trabalho laborioso, muitas vezes tenso e intenso, implica em reflexividade (auto)biográfica, em retomar, com os sentidos e pulsões do presente, experiências que nos atravessaram e que nos impulsionam em projetos de futuro. As autoras da presente obra “encontro-texto” se lançando no tumultuado mar dessa escrita, nos presenteiam com retratos da escola e da profissão docente que alimentam nosso *esperançar* freireano sobre as contribuições da educação para a (trans)formação da escola, sociedade e do mundo.

Por fim, encerramos nosso prefácio retomando os sentimentos que nos atravessaram a partir do convite com um forte *abraço* coletivo que, no tempo de tantas incertezas, fortalece a luta por uma sociedade democrática, menos desigual, mais fraterna, solidária e incluyente.

Encerramos igualmente, desejando que este livro testamento “ganhe asas”, voe alto, circule muito e fecunde novos diálogos entre professoras, escolas e crianças.

Mairce da Silva Araújo (FFP/UERJ)

Inês Ferreira de Souza Bragança (FE/UNICAMP)

Referências

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite; GALLO, Silvio; MORIN, Edgar; FERRAÇO, Carlos Eduardo (Orgs.). **O sentido da escola**. 3. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2001, p. 81-110.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. SP: Perspectiva, 1972, p. 28-42.

DUHALDE, Miguel A. Experiencias alternativas de formación docente. Trabajo em redes y colectivos de educadores. *In*: BIRGIN, Alejandra. **Más alla de la capacitación**: debates acerca de la formación docente en ejercicio. Buenos Aires: Paidos, 2012.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre hetero e a ecoformação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

COMO SURTIU UM PROJETO DE MEMORIAIS DAS PROFESSORAS DA ESCOLA?

Poderíamos dizer que o dia que iniciou esse lindo projeto foi um com manhã ensolarada, depois de um bom café entre pessoas que gostam de falar sobre a escola e se conhecessem desde a graduação. Mas isso seria uma narrativa ilusória.

O encontro se deu em meio ao caos da pandemia de Covid-19. Processo de lockdown na vida cotidiana e que atingiu de forma brusca a educação. Em todos os momentos históricos nos deparamos com questões que devem ser problematizadas, mas nunca imaginávamos que o início do século XXI fosse ganhar este desenho. Com a pandemia, a desigualdade ficou mais escancarada e, dessa forma, foi preciso nos orientarmos em novos caminhos para a compreensão do espaço escolar.

A princípio nosso encontro determinou para outros fins. Deise participou como colaboradora da pesquisa de doutoramento de Juliana. Poderia ter terminado com esse contorno, mas quem se forma na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), sabe que toda brecha pode se transformar em oportunidade.

Neste cenário pandêmico a escola percebeu a necessidade de se reinventar, assumindo o uso das novas tecnologias como ferramenta para manter o contato afetivo com os educandos, contudo muitos foram os desafios e, se tratando de professoras, o primeiro caminho para enfrentá-los foi buscar formações e compartilhamentos de experiências.

Ousamos dizer que nunca houve antes um movimento tão intenso de busca por formações quanto neste período pandêmico, a universidade foi até a escola e a escola à universidade, barreiras físicas foram transpostas pela tecnologia em busca de um mesmo propósito, pensar a educação das classes populares e formas de

mitigar as mazelas da pandemia diante da desigualdade já conhecida pelos educadores e exposta pela situação mundial.

O coletivo de profissionais e professores da UMEI Paulo César Pimentel buscou formações que trataram temáticas diversas, construindo ferramentas para atuar a distância com as crianças e se preparando para o retorno presencial, sempre iminente, que, no entanto, levou dois anos para acontecer.

Apesar de trabalhar com uma carga horária superior ao normal, estudando, produzindo vídeos, tendo suas casas compartilhadas e, em alguns momentos, até invadidas, as professoras sofreram uma grande pressão da mídia e da sociedade como um todo. Um caso em particular chamou a atenção da professora Deise, em uma live do Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita de São Gonçalo, um expectador afirmou: “As escolas públicas são desorganizadas e caóticas”, diante desta fala a professora se posicionou na live em defesa da escola pública e a mesa respondeu ao expectador.

No dia seguinte a professora Deise fez a proposta às parceiras de trabalho de publicizar os percursos formativos e a escola, tal como ela, para que a sociedade conheça, compreenda e, quiçá, valorize os profissionais. Para acompanhá-las nesta empreitada convidou a Juliana aproveitando a brecha deixada com a participação na sua pesquisa de doutoramento, a qual se tornou a oportunidade das professoras e profissionais partilharem suas memórias formativas.

Essa nova oportunidade de partilha pode ser compreendida a partir do conceito apresentado pelos autores do Dicionário de Paulo Freire, Inédito viável, já que:

Assumir a luta pelo inédito viável é decorrência da natureza dinâmica da consciência crítica que faz do ato de sonhar e projetar coletivamente o futuro um movimento transformador do mundo. As situações-limites podem ser transpostas por acreditarmos que a mudança se constrói coletivamente no desvelamento dos temas problemas que se materializam no inédito viável. Esse movimento

converge para a dialética ação-reflexão-ação, que auxilia o vislumbrar novas possibilidades de superação dos condicionamentos históricos momentaneamente inviáveis. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2015, pp. 42-43)

A proposta da envergadura da dinâmica da UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel, escola de educação infantil da região oceânica de Niterói, sempre encarou a docência como fonte de pesquisa e debate, e na pandemia, a expansão para o reencontro com a UERJ e também com a Universidade Federal Fluminense (UFF) foi reconectada.

Quando Deise propôs levar as oficinas de “*investigaçãoformação*” da tese para o encontro com as professoras da UMEI começamos a pensar se era esse o tom que gostaria de dar aos encontros, já que os objetivos das oficinas de investigação formação eram os encontros entre professoras no fim de carreira e professoras com poucos anos de entrada na rede. Em conversa, notamos que por mais que o memorial seja um dispositivo comum para ambas as interlocutoras, para grande parte da equipe da unidade escolar, era algo novo.

No momento em que iniciamos as oficinas, que ocorreram ao longo de encontros mensais por meio da plataforma on-line, a proposta de escrever sobre a vida dava um frio na barriga das parceiras. Como assim escrever sobre a minha formação? Foi assim que chegamos à proposição aqui presente que foi tecida ao longo dos encontros de 2021, no intuito de produzir um livro de memoriais da UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel.

A proposta ecoou no coração de dezoito profissionais entre merendeiras, professoras, equipe de articulação pedagógica e direção. No decorrer da produção, algumas companheiras não puderam continuar. Ao longo dos encontros, construímos coletivamente o formato e o que seria compartilhado, esses encontros eram marcados por muita emoção. As histórias individuais da infância, de luta pela educação, pela ascensão social,

entrecruzam-se na história coletiva que marca a trajetória de muitas mulheres que compõem o magistério.

O que seria escrito? Seria escrito sobre a vida e formação. Esse livro é um livro-convite para que mais escolas se proponham o exercício de escreverem sobre si e publicizar os sujeitos que se encontram no processo de formação das futuras gerações de brasileiros e brasileiras.

Niterói, 04 outubro de 2022.

Deise de Azevedo Parreiras Brito
Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga
(DEF/ CAp-UERJ)

Referências

ALVARENGA, Juliana Godói de Miranda Perez. A docência como percurso de reconhecimento intergeracional: A tessitura da *reciprocidade formativa* entre as histórias de vida e projetos profissionais. **Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense**, Faculdade de Educação, Niterói, 2022, 323 f.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2015.

TECENDO FIOS DE MEMÓRIA

Andréa Dias Nunes Valério

Chamo-me Andréa, tenho 45 anos, sou casada com o Claudio há 26 anos e tenho duas filhas. Ana Clara, de 14 anos, e Lara, de 8 anos. A minha trajetória começou no Município de Itaguaí, Rio de Janeiro, no bairro de Seropédica, na rua da adutora do rio Guandu. Eu morava com a minha mãe, Maria (costureira), meu pai, Isaias (serviços gerais) e minha irmã mais velha, Adriana. Tínhamos uma vida muito simples e a diversão era brincar na rua livremente, subir em árvores frutíferas e tomar banho de rio.

A minha escola era próxima da minha casa. Comecei a estudar no antigo “Jardim de Infância” e usava uma jardineira vermelha quadriculada e uma blusa branca com o meu nome bordado. Lembro-me que minha professora gostava de fazer algumas atividades com a turma na parte externa da sala, e a alegria de todos era imitar uma cobra rastejando pelo chão. Na saída minha mãe ficava “pálida” quando via minhas roupas.

Morar próximo ao rio Guandu parecia ser divertido, mas revelava um perigo constante. Sempre que algum cano verde e muito grosso se rompia com água potável, perdíamos tudo o que tínhamos, e isso aconteceu três vezes. Após a última perda que tivemos, atravessamos o município e nos mudamos para o bairro de Cosmos, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A adaptação não foi tão fácil, porque estávamos morando em uma vila com muitas pessoas, grades e contextos diferentes. Aprendi a conviver com os desafios para sair e chegar a casa.

Fui estudar em uma escola pequena onde conheci a professora Rose Lellys. Ela era pequenina, andava com dificuldade porque tinha uma prótese na perna direita. Eu sempre a via como uma pessoa muito forte, guerreira, lutadora... Um exemplo a ser

seguido. Isso me impulsionava a estudar e a vencer os desafios. Ensinou-me a lutar e a estudar para galgar lugares maiores.

Às vezes, eu a encontrava a caminho da escola. Ela descia do ônibus e seguia andando por uma rua repleta de paralelepípedos, e juntas, caminhávamos a seu tempo, de passo em passo, até chegar à sala de aula. Suas aulas eram especiais! Ela sempre amável, carinhosa, mas também cobrava resultados positivos.

Lembro-me do barulhinho do mimeógrafo rodando as nossas atividades e o meu rosto junto à folha para sentir o cheiro do álcool ainda na folha molhada. A professora Rose acompanhou a turma até o final do primeiro Ciclo do Fundamental I (antigo primário) e o encerramos com a Formatura. Foi emocionante!

Fui para uma nova escola, de Ensino Fundamental II (antigo ginásio), e conheci outros professores bem diversos. Lembro-me do professor Esmeraldo, de matemática, que levava o violão para as aulas e usava a música como estratégia para fixarmos as regras das equações e também da professora Vilma de Francês, supereducada, que nos presenteava com lindos certificados (eu tenho dois guardados até hoje), para os que conseguiam recitar os poemas perfeitamente em francês.

Durante minha trajetória escolar, houve um período em que precisávamos comprar alguns livros didáticos e meus pais não podiam assumir essa despesa extra. Comecei a fazer faxinas em algumas casas no contraturno e a ajudar algumas crianças menores com dever de casa, já que seus pais não tinham tempo para ajudá-las. Todo “dinheirinho” que conseguia, comprava os livros. Concluí o Fundamental II com a Formatura de encerramento. Foi muito especial!

Todas as escolas por onde passei eram públicas e encontrei bons professores comprometidos com uma educação de qualidade e excelência.

O próximo passo era concorrer a uma vaga no Instituto de Educação Sarah Kubistchek, localizado em Campo Grande, RJ, para o curso de Formação de Professores. Fiz a minha inscrição e

me preparei para a prova. Fui classificada com a maior pontuação do Estado. Meus pais ficaram emocionados com essa conquista!

O curso tinha duração de 4 anos, e durante esse período, novos desafios foram surgindo. Os materiais disponibilizados tinham um custo alto e, por isso comecei a levar lanches para vender na sala de aula. Nos contraturnos, montei um grupo de crianças menores para aulas de reforço. Com os valores arrecadados, conseguia ter acesso aos materiais.

Os professores de algumas disciplinas foram fundamentais para a minha formação. Lembro-me da professora Silvia, de filosofia, que sempre separava um tempinho em suas aulas para conversar conosco sobre as questões da vida e do professor Ary, de Didática, que cobrava organização, capricho e desempenho nos trabalhos e estágios. Ainda hoje, vinte e oito anos após a Formação de Professores, temos um grupo da turma onde nos falamos e mantemos o contato. Fiz os estágios e concluí o curso com a Formatura no final de 1994. Foi muito marcante esse dia! Ah, aquela música... “Já chegando a hora de ir, venho aqui me despedir e dizer que, em qualquer lugar por onde eu andar, vou lembrar de você...”

No início de 1995, abriu o concurso para professores na prefeitura do Rio de Janeiro e eu fiz. Passei e fui classificada. Fui lotada em uma Creche na Nona CRE em Inhoaíba. Fiquei superfeliz! A creche era perto da minha casa e percorria o caminho de bicicleta. Estava encantada com a Educação Infantil! Eu tinha uma rotina de atividades pedagógicas e de cuidados com a alimentação e higiene das crianças. O cuidar e o educar.

Casei-me em 1996 e continuei o trabalho com os pequenos na creche. Amava estar com eles, conhecia as famílias, me envolvia com as histórias... Alguns fatos me marcaram profundamente deixando, portanto marcas na minha história. Recordo-me de alguns deles, resgatando a minha memória.

Chorei junto com eles, quando dois alunos perderam as suas mães de formas violentas e vibrei com eles quando a prefeitura mandou brinquedos novos para o parquinho e jogos pedagógicos para as salas de aula. Aprendi a fazer penteados e cachos enquanto

os arrumava para casa e ria com as histórias engraçadas que eles contavam. Na minha primeira turma tinha um menino recém-chegado da Bahia e ele era muito divertido. Todas as vezes que eu tossia na sala, ele me dizia: “ Beba água, tia, beba água, tia!”.

Até hoje quando vou beber água, me lembro dele...

Aprendi a ouvir a fala das crianças, me abaixar para olhar nos olhos delas e a repensar a minha forma de agir mediante as questões trazidas por elas.

Para Josso (2004), os fatos narrados, biograficamente, por professores podem revelar um caminho para conseguirmos compreender o processo de formação, visto que o

[...] processo auto-reflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de auto-interpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural das referências interiorizadas pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutiva da dimensão cognitiva da sua objetividade (JOSSO, 2004, p.60)

Eu completara cinco anos de trabalho nessa Creche, e esses anos foram intensos e produtivos. Nesse período meu marido tinha uma loja de eletrônica e estava passando por problemas financeiros devido a mudanças no plano econômico do país. Ele precisou fechar as portas e encerrar as atividades. Paralelamente a esse fato, surgiu uma possibilidade de emprego para ele na Empresa de Telecomunicações em Alcântara, São Gonçalo. Ele aceitou o desafio. Retornar à Zona Oeste todos os dias era cansativo, uma vez que a viagem até lá era muito longa, mas ele permaneceu no emprego e eu continuava na creche com o meu trabalho junto às crianças.

Nesse período tentei permutar com algumas professoras em São Gonçalo e Niterói, mas não obtive sucesso. Então, conversamos e tomamos uma decisão bastante importante. Eu pedi exoneração do meu cargo da Prefeitura do Rio e nos mudamos para São Gonçalo. Ele continuou trabalhando nessa Empresa de Telecomunicações e eu fui contratada para trabalhar como

professora na Educação Infantil em uma escola particular conhecida na região.

Encantei-me com escola, com equipe e com alunos. Aprendi muito com as crianças nesse tempo. Tornei-me próxima das famílias (preservando, inclusive, amizade com alguns mães), das crianças, e o trabalho foi sendo construído por meio de diversas lentes. Fiquei conhecida na região como “a tia Andréa dos pequenos.” Comprei um mimeógrafo para adiantar as atividades em casa e me lembrei daquela época em que sentia o cheiro do álcool nas folhas das atividades das aulas da professora Rose.

Já havia se passado alguns anos e nós planejávamos um bebê. Não demorou muito e eu engravidei. Contudo, permaneci no meu trabalho. Infelizmente, o bebê já quase nascendo, morreu dentro do meu ventre, porque o coração havia parado de bater. Isso ocorreu três vezes durante os 8 anos em que trabalhei nesta escola. Pude senti o carinho das crianças e das famílias nesses períodos de perdas e tristezas.

Quando o segundo semestre estava terminando, eu engravidei pela quarta vez, deste modo, eu e meu marido decidimos que eu encerraria minhas atividades na escola no fim do ano. Eu passei os meses seguintes em casa e correu tudo bem até o final da gestação. Deus foi gracioso conosco e Ana Clara nasceu perfeita e saudável, branquinha como o seu nome. Dediquei-me a ela por um grande período e aproveitei essa bastante nova fase da minha vida, ser mãe.

No início do ano de 2013, eu procurei uma Unidade de Educação Infantil perto da minha casa para matricular a minha filha e encontrei uma creche municipal maravilhosa. Amei a equipe e o trabalho realizado naquele espaço. Conheci o trabalho de excelência e qualidade da diretora, que se tornou uma amiga muito querida, que me incentivou a estudar e a me graduar em Pedagogia. Tornei-me amiga da escola e, posteriormente, fui contratada pelo município para trabalhar neste espaço.

Meu contrato estava encerrando em São Gonçalo e a prefeitura de Niterói estava contratando. Fiz a inscrição e escolhi a UMEI Dr Paulo César de Almeida Pimentel para trabalhar como professora

regente no GREI 2. Minha filha, Ana Clara, me acompanhou nessa mudança de escola e foi matriculada na Grei 4. Ela encontrou um ambiente acolhedor e sua adaptação foi tranquila. No ano seguinte, fui convidada pela direção da UMEI para trabalhar como Professora Articuladora. Encantei-me com esse trabalho e utilizei a sustentabilidade como fonte de inspiração.

Eu planejava as minhas aulas articulando os conteúdos com materiais recicláveis, transformando o que iria ser descartado em trabalhos produzidos pelos alunos e eles amavam as suas próprias produções. Esse trabalho de articulação dentro da escola produz conhecimento, estimula a criatividade e garante o 1/3 do planejamento dos professores. (Infelizmente este ano a UMEI perdeu este profissional e essa perda incidiu a garantia de 1/3 deste planejamento). Nesse período engravidei da minha segunda filha. Continuei o trabalho de articulação na UMEI até o final da gestação. Deus novamente foi gracioso conosco e a gravidez foi bem até o final, e a Lara nasceu perfeita e saudável.

Nesse período, precisei trancar o Curso para me dedicar durante os primeiros meses a ela, mas concluí-lo posteriormente. O contrato com a prefeitura de Niterói terminou e fiz a inscrição para o contrato com a prefeitura de Maricá. Nesse período, matriculei a Lara na UMEI Paulo César para o GREI 2 e fui trabalhar como contrato em Maricá. Ela foi muito bem acolhida e se adaptou rapidamente à sua rotina. Trabalhei um ano como Professora Diversificada com dois Projetos: Projeto Meio Ambiente e Sustentabilidade e Projeto Horta Escolar, onde desenvolvi atividades com todas as turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental até o quinto ano. Foi um ano de muitas colheitas!

O contrato com a prefeitura de Maricá continuaria por mais um ano, mas em 2016 eu havia prestado concurso para Niterói, para professora e também para merendeira e fui chamada para merendeira da Rede no final de 2017, assim retornei para a UMEI Paulo César, mas agora, como merendeira.

Hoje, tenho aprendido bastante com as minhas colegas de trabalho. Como educadora nesse espaço, compreendo a

dificuldade dos alunos e das professoras. Muitos alunos apresentam resistência ou recusa ao alimento oferecido, por apresentarem dificuldades para mastigar ou engolir, e outros alunos por serem mais seletivos, escolhendo as suas preferências.

Algumas professoras procuram saber quais alimentos serão utilizados no preparo das refeições para articularem atividades que estimulem uma alimentação mais participativa. Continuo estudando e estou fazendo uma Pós-graduação em Educação Ambiental e Sustentabilidade. Escavando e recontando a minha história... Prossigo nessa caminhada com esperança no futuro.

Referência

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MEMORIAL DE (TRANS)FORMAÇÃO DOCENTE

Andressa de Sá Teixeira

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou
um ser condicionado, mas consciente do
inacabamento, posso ir mais além dele.
(Paulo Freire)

Rememorar o meu itinerário profissional e acadêmico é, simultaneamente, um desafio e uma oportunidade de reflexão, pois, mesmo que a minha história na educação não siga uma sequência linear, não se pode dizer que eu tenha, por um dia sequer, afastado-me dela. Pelo contrário, à medida que eu experimentava, que eu construía, desconstruía e reconstruía a mim e as minhas convicções, mais eu refletia sobre a função da educação na sociedade e o meu papel enquanto educadora. Aliás, se posso me orgulhar de algo, é de ser incansável na busca das respostas para os questionamentos que me movem e – por que não? – na busca de mais questionamentos, para que eu nunca deixe de me mover.

A despeito da importância que meus pais sempre deram à minha educação, a falta de democratização do acesso aos livros literários fez com que meu contato com eles acontecesse exclusivamente na escola durante a infância. Isso, porém, não impediu minha paixão pelas letras. Lembro-me de selecionar os textos de que mais gostava nos livros didáticos de Língua Portuguesa e lê-los para a minha irmã caçula antes de dormirmos. Também conservei, por anos, o hábito de folhear jornais e manter diários pessoais. Todas essas práticas, mais tarde, convergiram para criar em mim o desejo de estudar a nossa língua, seus usos na comunicação e seus impactos na sociedade.

No ensino médio, optei pelo curso Normal (formação de professores) para que eu pudesse começar a experimentar o mundo

da educação. Como exigência, realizei estágios de observação e prática na educação infantil e no primeiro segmento do ensino fundamental, tanto regular quanto educação de jovens e adultos. Com objetivo de ampliar as experiências e conhecer as diversas realidades, cumpri as horas de estágio dividindo-as entre instituições privadas, municipais e estaduais. Concluí essa etapa em 2007, trabalhando como auxiliar de turma e, no ano seguinte, fui convidada a atuar na brinquedoteca da pediatria de um hospital estadual, onde fazia recreação, contava histórias e incentivava a leitura e a criatividade.

Poucos meses depois, iniciei a licenciatura em Letras na Universidade Salgado de Oliveira - fato que, talvez, tenha sido uma das minhas maiores realizações, já que fui a primeira pessoa da família a ter a oportunidade de ingressar num curso superior. Lá, tive a chance de aprender através de professores que provocaram em mim as inquietudes necessárias para que eu pudesse fazer novas descobertas.

No ano seguinte ao término da graduação, associei o trabalho no hospital ao trabalho de professora em escolas particulares do bairro no qual eu morava: lecionei Língua Inglesa para o primeiro segmento do ensino fundamental e tive uma curta experiência com Produção Textual no segundo segmento (apenas um bimestre em substituição à professora que estava de licença médica).

O próximo passo em direção ao meu objetivo inicial de aprofundar os estudos acerca das relações entre língua, comunicação e sociedade foi começar em 2013 o curso de graduação em Estudos de Mídia, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

O convívio com pessoas tão diversas e professores tão fantásticos, o contato com inúmeros textos e a oportunidade de participar das discussões e pesquisas do Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração, além de poder contribuir com o projeto #MUSEUdeMEMES, fazendo a revisão dos textos produzidos, abriu um leque de novas possibilidades de reflexão acerca da língua, das linguagens e de

como elas atuam na comunicação e na sociedade, ampliando a minha formação como professora em processo de se reconhecer também enquanto pesquisadora. Finalizei o curso em 2019, com o trabalho de conclusão “DE HERÓI A VILÃO: O discurso sobre o professor da educação pública básica no Jornal Nacional”.

Enquanto ainda estudava na UFF, cursei a disciplina Mídia e Modernidade, que consistiu em analisar as relações de poder que envolvem os discursos de normalização gerados em torno das imagens do “corpo grotesco” nas artes visuais. Encantei-me pelo tema e mergulhei em leituras a esse respeito. Entre tantos livros, deparei-me com “Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil”, de Lilia Ferreira Lobo, que aborda a exclusão. Consciente de que a existência dessa exclusão é a condição que sustenta a necessidade da inclusão e imbuída do desejo de me aprofundar ainda mais no assunto, iniciei, concomitantemente, uma especialização em Psicopedagogia Institucional e Educação Especial na Universidade Veiga de Almeida (2014 – 2016).

Durante o ano de 2015, lecionei em turmas de 5º ano no Colégio Santa Mônica, de onde carreguei alguns vínculos afetivos e uma enorme bagagem de aprendizados enquanto profissional. Em 2016, fui convocada por concurso público para o primeiro segmento na prefeitura de São Gonçalo e optei por trabalhar na Escola Municipal Dias Gomes, lugar no qual me deparei com colegas fantásticos que me acolheram, ensinaram e enriqueceram meu caminho na educação pública e onde permaneci com turmas de 4º e 5º anos até 2019, quando fui nomeada para outros dois cargos de professora: um na rede municipal de Maricá, onde atuo como professora de Língua Portuguesa dos anos finais do ensino fundamental, e outro na educação municipal de Niterói, onde, atualmente, trabalho como professora articuladora na educação infantil.

Familiarizada, adaptada e encantada pelo trabalho que eu vinha desenvolvendo há algum tempo com turmas do segundo ciclo do primeiro segmento do ensino fundamental, minha chegada à educação infantil foi intempestiva: uma escolha baseada meramente por questões lógicas de deslocamento, dado que, entre

as opções que eu tinha, a unidade municipal de educação infantil (UMEI) Dr. Paulo César de Almeida Pimentel era a única que me possibilitava conciliar os horários com os da outra escola. Assim, começou para mim o grande desafio de reordenar e associar ideias e práticas das quais eu já dispunha com aquelas que eu estava prestes a desvendar.

Ao versar sobre a análise de gêneros textuais na relação fala e escrita, Marcuschi (2008, p. 190), afirma que “as atividades comunicativas são uma das formas de organização da sociedade” que condicionam boa parte das outras ações praticadas nela. Vivemos num mundo letrado, no qual leitura e a escrita são habilidades fundamentais para o exercício da cidadania, o que exige que a escola trabalhe para uma formação que vise o letramento, isto é, “usos e práticas sociais da leitura e da escrita” (SOARES, 2009, p. 22). Nesse sentido, os estudos que realizei durante a minha formação acadêmica, especialmente em Análise de Discurso, colaboraram para instituir em mim a compreensão de que as palavras não possuem significados inerentes e fixos, assim a língua precisa ser trabalhada por um viés que reconheça que ela produz sentidos a partir dos mecanismos que compõem os processos discursivos e que, por essa razão, demanda um trabalho que vá além da estrutura e do conteúdo. Penso que isso começa a ser construído desde a educação infantil, tendo em vista que a leitura (em seu sentido amplo) é carregada de sentidos. Como mediadores desse processo, nós, professores, precisamos pensar e desenvolver atividades que favoreçam um ambiente democrático e que construam aprendizagens significativas, oferecendo as diversas possibilidades de leituras, interpretações e representações da realidade, além de diferentes formas de ser e estar no mundo.

Sempre me exasperou a visão assistencialista da educação, que ainda persiste no pensamento de muitas pessoas. Essa visão se acentua em relação à educação infantil. Muitos ainda olham para a escola como um reles depósito no qual deixam as crianças para que possam cumprir suas tarefas cotidianas. Sabemos, entretanto, que, na contramão desse pensamento retrógrado, a escola é essencial para

a sociedade. Sob essa ótica, defendo uma educação emancipadora que exercite a criticidade sobre nossa língua, nossa história e nossas ações enquanto sociedade, bem como uma escola que funcione como um espaço para a construção, a reflexão e o compartilhamento de ideias, culturas e linguagens a partir do lúdico, com o objetivo de promover a formação de um sujeito crítico e com amparo linguístico suficiente para o exercício da cidadania.

Consciente de que ser cidadão demanda autonomia e pensamento crítico, vali-me da liberdade concedida pela escola para que eu pudesse planejar e estruturar a forma com a qual eu pretendia compor minhas práticas pedagógicas na educação infantil enquanto professora articuladora. Tudo era novidade para mim. O início foi um pouco assustador, mas a prática me mostrou que estava exercendo uma função significativa e potente junto aos educandos em seu ciclo de formação. No âmbito das demandas do cenário contemporâneo, comecei a criar estratégias de desenvolvimento educacional complementares que proporcionassem vivências formativas integradas às atividades desenvolvidas pelos professores regentes de cada grupo de referência (doravante GREI).

De acordo com Mia Couto, em um de seus ensaios,

O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o mundo, lemos a vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar. (COUTO, 2011, p. 55)

Partindo dessa premissa de leitura ampliada e dos campos de experiências preconizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia os currículos da educação básica no país e que reafirma a importância das relações das crianças com as múltiplas linguagens, tentei (e continuo tentando) criar oportunidades para que os pequenos tenham a leitura como porta de entrada para futuras experiências e pensamentos mais complexos.

Assim, comecei a trabalhar, a partir das práticas de leitura, o desenvolvimento da autonomia das crianças; o respeito por si e pelos outros; a troca de experiências; o aumento da autoestima e a compreensão acerca da identidade cultural e da relação de pertencimento. Para realizar essas ações didático-pedagógicas, utilizo os mais variados recursos em diferenciados espaços como a quadra, o parque, a sala de multimeios, além da sala de referência e do refeitório.

A fim de gerar neles o gosto pela leitura, seleciono livros e textos de diversos gêneros textuais e busco por materiais que sejam capazes de estimulá-los, proporcionando o maior contato possível com o mundo da imaginação e o mundo letrado. Parto das histórias para desenvolver outras atividades de interesse do grupo como modelagem, trabalhos manuais, registro com desenhos, brinquedos e brincadeiras, atividades de corpo e movimento, sequência lógica, reconto coletivo e canções com movimentos corporais, por exemplo.

Essas atividades lúdicas, produtivas e desafiadoras colaboram para que eles sejam capazes de desenvolver a imaginação e todas as formas de linguagem: visual, oral e corporal. Nessa perspectiva, incentivo que folheiem; observem as imagens e os textos verbais; recriem e recontem as histórias; modifiquem os finais; falem sobre situações que se relacionem com a história contada; formulem perguntas durante a leitura; complementem informações e estabeleçam relações com outros acontecimentos. Vou além: leio o título e peço que infiram do que tratará o texto; leio a sinopse e peço que antecipem a história; relembro histórias já conhecidas do mesmo gênero ou do mesmo autor; comparo com outros gêneros; falo sobre o autor e o ilustrador; conto como conheci o livro; dou atenção às perguntas feitas durante a leitura, mesmo que responda objetivamente para que não se percam na história; faço breves explicações sobre termos ou situações que podem ser de difícil compreensão para essa faixa etária; entre outras ações e desdobramentos pertinentes que proporcionem a oportunidade de cada um de usar tudo o que já sabe (conhecimentos prévios) para

aprender e descobrir novas habilidades e, assim, adquirir cada vez mais autonomia e autoconfiança.

Minha proposta como professora articuladora trata-se, portanto, de construir novos conhecimentos, desencadear debates sobre temas importantes no cotidiano dos educandos, proporcionar a experiência da coletividade a partir de atividades em grupos e outras atividades que se caracterizem como as mais prazerosas possíveis para que o alcance de resultados positivos em relação ao meu trabalho seja factível.

Depois do impacto dos primeiros meses, a estranheza que a rotina enérgica de uma unidade integral e os cuidados com essa faixa etária me causava cedeu espaço para perceber todas as potencialidades desses pequenos e a satisfação que elas demonstram em estar na escola. Sempre me surpreendo com a riqueza das leituras feitas com as crianças de 1 a 5 anos e como são animadas e divertidas: cantamos, dançamos, falamos, ouvimos, fazemos movimentos e elas demonstram muito entusiasmo, curiosidade e disposição.

Justamente por isso, o fato de circular entre diferentes etapas da educação básica, leva-me a questionar em que momento esse entusiasmo pela leitura se perde, já que, a dificuldade de leitura no ensino fundamental é notoriamente preocupante. Acredito que uma possibilidade de resposta para isso esteja no ensino sistemático da leitura e da escrita, que, muitas vezes, reduz radicalmente a amplitude de seus significados e com isso acaba por fragilizar o processo de interpretação que a criança já faz do mundo em que ela vive. Hoje, penso que todas as etapas da educação precisam aprender um pouco com a educação infantil.

Acessar essas memórias me impulsionou a refletir e repensar minha postura frente aos desafios impostos pela contemporaneidade à educação e a constatar, mais uma vez, o caráter processual de formação docente. Dentro da escola, descobri que de pouco servem os conceitos se não forem usados como fundamento para pensarmos e refletirmos sobre nossas ações, da mesma forma que não há ação eficaz e transformadora que não seja

pensada a partir de um embasamento conceitual. Dentro da universidade pública, ao compreender a linguagem enquanto arena de disputas de poder, compreendi também que o meu papel enquanto professora seria a constante busca por torná-la instrumento de libertação e emancipação. Mas foi na conjugação de teoria e prática que entendi que a docência é um eterno pesquisar, pensar, experimentar, discutir, fazer, refazer, refletir e reinventar-se, pois não há outra forma de trabalhar com a linguagem senão sendo como ela: dinâmica, fluida, mutável.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Diário oficial**: Brasília: MEC, SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 22/09/2021.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1963105/mod_resource/content/1/E%20Se%20Obama%20Fosse%20Africano_%20-%20Mia%20Couto.pdf> Acesso em: 22/09/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

UM OLHAR ATENTO ÀS DIFERENTES LINGUAGENS E APRENDIZAGENS

Angélica Costa da Silva Soares

Preciso começar minha história acadêmica ainda antes da minha experiência de estudo e prática profissional.

Ainda muito jovem cresci me vendo professora. Acho que de alguma forma isso sempre esteve em mim. Na preocupação em ajudar irmãos e primos, nas tarefas da escola; em promover grupos de estudos com os vizinhos; em ajudar meu tio, já adulto, a se alfabetizar.

Ensinar sempre foi algo que esteve presente no meu dia a dia. Porém, depois de formada, não me encaixei muito no padrão que me foi apresentado. Sempre fui uma “professorinha maluquinha”. Como dizia um aluno meu chamado Miguel Venerabile, apaixonado pelo livro menino Maluquinho e Professora Maluquinha, de Ziraldo. Nunca me conformava com os padrões e buscava novidades.

Sempre me preocupei com a aprendizagem dos outros. Lembrome que nas brincadeiras, eu era a criança que ensinava e cuidava dos menores, e assim fui crescendo entre os primos e filhos das vizinhas que me procuravam para brincar de escolinha ou para ajudá-los nas tarefas de casa. Mas à medida que crescia, não esquecia do meu tio, e me questionava: “Por que ele não consegue aprender?”

Já na adolescência me incomodei muito ao ouvir uma das conversas dos adultos em que comentavam que ele era “analfabeto”. Na minha ignorância, e também inocência, pensava: “Como pode ser ‘analfabeto’ só porque não junta as letras? Mas ele sabe tanta coisa?!!!”. Ouvia também dizerem que ele parou de estudar ainda bem novinho, por sempre repetir de série e de nunca conseguir se fazer entender. Cansou dos rótulos. Partiu para buscar

uma profissão e se tornou o melhor na área de metalúrgico. Construir navios era o que fazia. Falava pouco, era bastante tímido. Meu pai quando me via tentando ensinar meu tio a ler, se emocionava e se orgulhava, e dizia: “– Você vai ser professora igual à Dona Isabelinha”. Uma professora da sua infância que lhe deixara saudade. E sentado à mesa, ele e meu tio me contavam os tais dos ‘causos’ da época deles. Contavam-me o quanto a Dona Isabelinha cobrava a disciplina, mas se dedicava ao máximo por eles, ao ponto de ir à casa da família conversar com os responsáveis e procurar de alguma forma ajudá-los.

Fui chegando à fase adulta e tudo isso foi ficando cada vez mais forte dentro de mim. Muitos me davam sugestões para diversas profissões e carreiras. Então vi que toda aquela “falação” estava muito longe do que eu era, do que eu sentia, do que me importava. Não havia como fugir, minha decisão não era apenas uma escolha de profissão, mas era a minha própria identidade. A minha vida. Então, decidi ser PROFESSORA e prometi que seria a melhor professora para os meus alunos.

Estudei no Ensino Médio Formação de Professores, no Instituto de Educação Clélia Nanci. Uma experiência maravilhosa, mas que me exigiu muita dedicação.

Experiência como estagiária

Lembro-me até dos detalhes das aulas e dos estágios. As aulas de alfabetização nos métodos silábico e fônico. Lembro o quanto fiquei nervosa diante da burocracia do passo a passo de cada etapa. E as professoras de estágio supervisionado, assistindo a aula e avaliando. Não passei na primeira etapa, devido ao nervosismo. Não podia acreditar naquele resultado. Já na segunda etapa, fui destaque na maneira e na didática de apresentar o conteúdo, abordado de uma forma brincante e divertida, atraindo a atenção dos alunos. Me senti à vontade e esqueci os professores, concentrando-me apenas nas reações e interações dos alunos. Foi um momento dinâmico, onde pude me encontrar.

No Colégio Estadual Dr. Adino Xavier, estagiei na turma das crianças especiais. Era uma classe única que reunia os estudantes com deficiência, com diferentes situações. Lembro que me senti perdida, pois não sabia o que fazer e queria, de alguma forma, ajudá-los. E pensei ao olhar a professora: “Como ela consegue lidar com tantas especificidades?”; “Por que precisam estar separados?”. Lembro-me que fugiam para as turmas de crianças ditas “normais”. Também estagiei na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), uma instituição que, igualmente, atendia crianças especiais, mas que dividia os grupos conforme a deficiência de cada um. Fiquei na sala das crianças com síndrome de Down, e lembro-me que um aluno só queria andar atrás de mim. Me chamou atenção que as idades eram mistas, crianças menores com crianças maiores, não era dividido em idade cronológica. Foi uma experiência emocionante. Eram muito carinhosos.

Realizei um curso na Faculdade Universo, no período entre 1992 e 1995, o Curso de extensão Especialização de Professores, um curso exigido pelas escolas de Educação Infantil, na época. E vivi muitas experiências que me despertaram para a literatura infantil. Uma delas foi o projeto “Barbante” no qual alguns professores viajavam o Brasil, com uma mala viajante, que levava e conhecia literaturas de diversos cantos do Brasil. Foi um mergulho cultural. Também conheci a alfabetização por meio de jogos: os jogos matemáticos, a música. O curso era muito gostoso, pois nos desafiava na prática, a construção de uma aula dinâmica e divertida. Foram 2 anos e meio de curso, e muito do que trago nas minhas experiências pessoais em sala de aula vem desse momento.

No decorrer da caminhada fui fazendo diversos cursos oferecidos nas instituições educacionais: Arteterapia e a criança; Alfabetização e letramento; Ludicidade; Professor brincante; Educar e cuidar; Educação integral; Educação e Natureza... Experiências que contribuíram muito com a minha prática pedagógica e despertaram ainda mais paixão por minha profissão.

Entendi, durante toda a minha caminhada, que preciso deixar marcas positivas nas minhas crianças e que tenho em minhas mãos

a missão de transformar histórias. Vi que não seria por força ou imposição, seria por amor e com amor. Parece até frase feita. E é mesmo. Feita por mim. Respeito a minha essência e respeito a essência das minhas crianças também. Acredito que todos temos um propósito nesta Terra, e sou o instrumento disponível e usado para levar minhas crianças a descobrir o mundo de uma forma leve e divertida, investigando e adquirindo conhecimento, construindo saberes e se desafiando cada um no seu tempo e em suas particularidades e potencialidades.

Ser professora para mim é ser EU e levar os meus alunos a descobrirem quem ELES são. Amo muito a minha profissão e me realizo sendo desafiada pelas crianças todos os dias, vendo o desenvolvimento de cada um. Vendo o movimento que o ambiente escolar causa na vida de cada um de nós. Na pandemia me senti muito frustrada por não poder viver esse movimento que nos impulsiona nos ambientes escolares e, muitas vezes, tive vontade de atravessar as telas das aulas on-line e entrar na sala daquelas famílias. Mas não fui tão corajosa como aquela tal professorinha, a Isabelinha, professora do meu pai e do meu tio. Mas me tornei a melhor que pude, e todos os dias, quando entro na escola, tento fazer desse dia o melhor dia.

Trabalhei em escolas particulares que me ensinaram muitas coisas. Vivi experiências boas e ruins, mas algo ainda faltava e alguns rótulos, eu, assim como meu tio, fui colecionando: desorganizada, sem limites, não tem domínio de classe, não tem perfil, se iguala às crianças, não tem postura, “Pensa” que estudar é brincar, cantarola parecendo um papagaio... e tantos outros que nem lembro. Mas essas falas nunca me desanimaram e, diferente do meu tio, não me fizeram desistir.

À medida que ia mergulhando no universo infantil, ia abrindo as portas e ficando mais acessível a eles, as interações contribuíam para o aprendizado mais completo. A “desorganização”, que aos olhos dos outros incomodava, expressava a criatividade das turmas que sempre se destacavam. Também encontrei alguns Moisés, como meu tio, esse era o nome dele, mas tentei fazer a diferença na

vida deles, descobri o potencial de cada um. Incentivei, motivei até que vencessem seus próprios desafios. Vi que há muitas maneiras de aprender. E por que tem que ser igual para todo mundo? Juntos desbravávamos os quintais e pátios da escola. Investigando, buscando novas experiências, desconstruindo espaços engessados e crianças enfileiradas. Construindo caráter e identidades. Construindo histórias e deixando marcas muito positivas de uma infância feliz, longe das quatro paredes e de um quadro de giz. Claro que não era assim todo tempo e que tinha que cumprir os protocolos, que muitas vezes me chamavam atenção. Fui até demitida de uma escola renomada na minha cidade, só por não gostar de sentar-me na cadeira do professor e sentar na roda e explorar o chão com meus pequeninos do maternal.

No ano de 2002, uma nova experiência. Agora havia conquistado a minha própria Escola em tempo integral, com creche, pré-escola e 1º ano do fundamental (a classe de alfabetização, que também era a minha paixão) uma escola do meu jeito. Com liberdade, para as nossas crianças e para nossos profissionais. Foi então que percebi, estando do outro lado, na direção da escola, quanto os profissionais tinham dificuldades de viver essa liberdade, pois estavam formatados daquela forma engessada, que eu tanto questionava. Parecia que seria fácil. Agora a escola era minha, só que não!

Foi todo um trabalho de estudo e conscientização, para desconstruir às resistências formadas ao longo dos anos. Então percebi que precisávamos viver a prática para que houvesse mudanças. Aos poucos fomos conquistando. Em certos momentos me via como a professora da história que meu pai contava. Me envolvia com as histórias das famílias e muitas vezes até deixava com que estudassem sem pagar entendendo a dificuldade da família. Além de me preocupar com a aprendizagem dos alunos e atendê-los por minha conta, na garagem da minha casa, para ajudá-los com reforço para as turmas de alfabetização. Vi por meio dessas experiências com as dificuldades dos alunos, que precisavam buscar mais crescimento profissional para ajudá-los. Então decidi

voltar a estudar e por necessidade de me aprimorar mais na minha profissão e na orientação das minhas professoras. Busquei a faculdade de pedagogia. Foi uma jornada difícil. Trabalhava de 7h às 19h e ainda estudava aos sábados o dia todo, e às vezes tínhamos aulas às terças à noite também. Uma nova rotina de estudos e trabalhos e a chegada do meu segundo filho, o mais velho indo para uma nova escola. Muitas novidades um novo ciclo se aproximando.

Nesse meio tempo, alfabetizei muitas crianças e a escola ia crescendo. Como as crianças também ficavam o dia todo, busquei oferecer atividades físicas para complementar o currículo com jazz e natação. Tinha tudo para dar certo, mas a minha origem era Professora e não empreendedora e de finanças não entendia nada. Não consegui exercer as duas coisas. Mas de coração ganhei medalha de ouro.

Diante das dificuldades de algumas famílias, decidi conhecer melhor os bairros ao redor da escola e fazer um mapeamento da clientela que acolhíamos, foi quando percebi a carência e comecei a buscar na prefeitura da cidade ajuda, tornando a minha também uma creche comunitária. Em busca de parcerias e recursos para atender a todos, acabou que, de uma forma inocente e sem conhecimento político, envolvi pessoas que fizeram promessa, mas não cumpriram, deixando a escola em uma situação difícil com a comunidade. Porém amada por todos. Tentamos de todo jeito permanecer, buscando doações e parcerias com instituições privadas, mas eram por curtos períodos e precisávamos dar continuidade.

Até hoje quando encontro com alguém na rua ou em algum lugar me perguntam: Você não é a tia do Bruluc? Nome da escola que tínhamos, na época. Já é possível imaginar no que deu. Continuei ajudando os alunos e as famílias, mas sem parcerias. Custeando tudo do nosso bolso até que chegou o momento em que a melhor decisão foi parar.

Tinha tudo para dar certo, mas a minha origem era professora e não empreendedora e, de finanças, não entendia nada. Não consegui exercer as duas coisas. Mas de coração, ganhei medalha de ouro.

Era uma batalha todos os dias parecíamos um pequeno peixinho lutando contra tubarões. Foi então que conheci a corrupção que estava, também, na educação e entendi que recuar não é desistir ou perder, mas é uma nova chance de nos prepararmos melhor para avançar no futuro.

Recuei, mas nunca desisti do meu propósito e das minhas crianças.

Vivi muitas frustrações, mas permaneci. Acreditei que um dia seria diferente. Depois da minha escola, trabalhei em uma escola que ficava dentro de um sítio. Lá, embora não fosse minha, me sentia muito à vontade e muitas vezes minhas aulas pareciam loucuras. Me sentia livre como um pássaro. Mexíamos na terra, fazíamos hortas e jardins colhíamos o que plantávamos, aprendiam observando o desenvolvimento da natureza, vendíamos as verduras, aprendiam a contar, medir, comparar, contava histórias embaixo das árvores, subíamos nas árvores, colhíamos, frutos do pé. As crianças eram mais tranquilas e felizes. Era uma delícia, mas ainda aprisionada àquelas quantidades de folhas e cadernos que sempre rendiam questionamentos por não ter a mesma quantidade das outras professoras. Mas, e daí?! E todas as outras coisas que construíamos e experimentavam, os registros coletivos e tudo mais?

Já lá pelo ano de 2010, fiz um concurso para o município de Niterói. Era o meu sonho, já acompanhava os avanços do município e queria ver isso de perto. Passei no concurso e fui impedida de ocupar a minha vaga devido a avaliação da fonoaudiológica, que confundiu uma crise alérgica com edema (inchaço) na garganta, com impossibilidade de assumir a minha possível matrícula tão sonhada. Uma frustração, muito choro e uma retorno ao sítio no interior de São Gonçalo. Mais um tempo, uma aprendizagem, um fortalecimento, para um novo tempo que iria viver com muita intensidade. Surge a oportunidade de um contrato no município tão sonhado e lá estava eu vivendo experiências incríveis, em sala de aula, com uma equipe pedagógica incrível e formações que me impulsionaram para

firmar os meus pés em tudo que sempre acreditei. A literatura era viva nos interiores e nos espaços externos.

Uma frase foi um divisor de águas na minha vida: “Não aprisionem nossas crianças numa folha A4! Existem diferentes possibilidades, explorem tudo que puder.”

Meninas saiam da caixinha!!!

É para pirar !!! Em um bom sentido.

Eu que já era uma “professora maluquinha”, não precisei de mais nada. Entendi logo! Estou em casa. Traduzindo: explorem todos os sentidos e potencialidades, deixem crianças serem crianças, investiguem, experimentem, potencializem as brincadeiras e interações. Explorem todos os sentidos... Deixem marcas positivas de uma infância viva e feliz.

Depois de 2 anos, a decisão foi revogada e assumi a matrícula tão sonhada no ano de 2015. Aquela escola que me descobriu e me olhou como o que eu realmente era e olhou para as crianças com tanto amor e respeito.

Então junto às professoras que tive o privilégio de trabalhar, Renata, Nathalia e Jessica, desbravamos Niterói com aulas passeio, rompendo as paredes da escola, experimentando culturas, conhecendo biblioteca municipal, que virou uma atividade permanente, todas às terças, na biblioteca Parque. Foram visitas a museus, correios, espaços como academias e hortifrúti, mercados, faculdades de enfermagem e biologia. Experiência no espaço escolar, como: construção de um lago, oficinas de bonecas africanas, baú de histórias, experiências com o cinema e o professor Aires da UFF, que nos ensinou sobre fotografias, luzes e sombras, construção do corpo humano e o artista pernambucano Sergio, na arte o corpo fala. Fizemos e vivemos interações incríveis do corpo e a natureza, suas reações. Visitamos parques, ambientes naturais, construímos museus de bichos... parceria com as famílias em contações de histórias e rodas de viola. Foram momentos intensos e riquíssimos. Visitações de profissionais, como bombeiros, bailarinas Judocas, músicos, atores...

Sempre trabalhei com Ed. Infantil e sei a importância das vivências e experiência das crianças nesta fase para todo um processo de respostas positivas na aprendizagem lá no fundamental. A aprendizagem não é fragmentada, ela é contínua e deveria ser assim na escola também. Mas não é assim que acontece. Sempre me dividi entre Ed. Infantil e Ensino Fundamental trabalhando um turno no fundamental e o outro na ed. Infantil. Já fui professora da Ed. Infantil ao 5º ano do ensino fundamental, já fui coordenadora pedagógica, já tive a minha própria escola de integral, como relatei, com creche a partir de 6 meses. Fui diretora, alfabetizadora por um bom tempo, mas meu xodozinho sempre foi a Educação infantil, com paixão e intencionalidade.

Sempre tive uma vida corrida e intensa entre ambientes escolares de diversas faixas etárias e na igreja também atuando com o ensino dos pequenos. Essa é a minha história. E as coisas não acontecem separadamente, a vida se entrelaça. Enquanto eu ia amadurecendo como profissional, participando com palestras, participando de livro, vivendo experiências acadêmicas, também ia amadurecendo emocionalmente e pessoalmente, assim é com todo ser humano. Não podemos separar o corpo do cérebro, vivemos as emoções que a vida nos presenteia e adquirimos conhecimentos, sejam elas boas ou ruins, sempre temos algo para aprender. O desenvolvimento vai acontecendo naturalmente quando o estímulo é completo e global. Assim é com nossas crianças também.

No período de 2012 confirmei a minha desconfiança e descobri que meu filho caçula tinha dislexia... No começo não aceitei muito a notícia, mas isso foi uma motivação para buscar resposta para aquela pergunta lá do início: Por que ele não aprende? Agora, não era meu tio, mas meu filho. Então mergulhei em recursos e estratégias para ajudá-lo, o que me rendeu um olhar ainda mais diferenciado e atento para meus alunos.

Hoje ele, aos 16 anos, acompanha normalmente a turma e não precisa de mediador, descobriu sozinho maneiras e caminhos criados por ele para aquisição de conhecimentos. Se destaca em suas habilidades, o que contribui para vencer os desafios com as

suas dificuldades. Ele foi a resposta que sempre busquei. Não existem criança que não aprendem, apenas existem formas diferentes de aprender. A criança não se desenvolve por partes, existem domínios e talentos que são particulares, em que cada um se destaca. Não devemos olhar as dificuldades das crianças, mas, sim, as suas habilidades e desenvolvê-las estimulando suas capacidades.

Me tornei uma professora ainda mais inclusiva. Penso a sala e as organizações do espaço para atender a criança em todas as suas formas de aprendizagens, buscando estímulos para atender a todos sem distinção e proporcionando diferentes interações, sensações, experiências.

Eu achava que tudo estava bem, que estava tranquila, e que era realmente o que queria. Mas a vida é feita de ciclos e que eles se completam para iniciar um novo ciclo. Então no final de 2018. Entendi que o ciclo havia se completado na UMEI Rosalda Paim e que era hora de iniciar um novo ciclo, chegando então na UMEI Paulo César.

Na UMEI Paulo César, um lugarzinho bucólico, escondido entre as montanhas, o mar e a lagoa, que entraria na minha vida num momento muito delicado da perda do meu pai, alguém por quem eu era apaixonada, que me incentivava, e que com suas histórias e invenções, me motivou, nos bastidores, a me tornar a profissional que sou hoje. Olho no olho, olhar de encantamento e curiosidade, imaginativo, investigador, escuta atenta. Um dia disse a ele que iria levá-lo para contar uma história na minha escola que agora era pertinho de casa. Ele saltou um sorriso de satisfação. Disse a ele que as crianças precisavam conhecê-lo por ser um contador de histórias nato. Infelizmente, não deu tempo. Mas ainda ouço a sua voz: “ – não desista!” E os seus olhos contando histórias e desafiando a nossa imaginação, não esqueço, acho que de alguma forma herdei isso dele. Vejo os olhos dos nossos alunos brilharem nas rodas de histórias, quando os desafiamos na imaginação. As histórias se eternizam nas lembranças.

Vivi momentos muito difíceis, que parecia não ser maiores que eu, mas me lembrava daquela menina preocupada com o tio e com os vizinhos tentando de alguma forma ajudá-los, trazendo encantamento e aprendizado. E nos olhos brilhantes e nas diferentes experiências vividas nesse lugarzinho que hoje chamo de especial. Em 2019 vivi muitas experiências nessa escola e desbravamos o bairro, as praias e os parques ambientais, conhecendo a natureza e as sensações que estar na natureza nos proporciona. Na escola construímos um cantinho verde com horta suspensa. Nossa sala se tornou um espaço científico de descobertas, com aquário, peixes, lagartas, folhas e galhos para observação, conchas, mariscos, estrela marinha. E muita literatura e musicalização um espaço cheio de conhecimento. Mais uma vez minha forma natural e real de estimular a aprendizagem causa estranheza, mas também produz olhares de admiração, que encontram nas interações e reações das crianças respostas para uma escola em movimento e mudanças continuamente em meio as experiências proporcionadas e vividas pelas crianças.

Continuo aqui minha caminhada com meu baú de caixas, tampinhas, latinhas, que se transformam e nos surpreendem nas construções das crianças carregando lembranças numa estrada de dedicação, debruçada nas infâncias e nas aprendizagens.

Amadureci muito e continuo na busca para sanar meus questionamentos, agora estudando psicopedagogia e aprendendo com mais profundidade sobre as dificuldades e os transtornos das aprendizagens e os caminhos para cada criança.

Ser um professor questionador e investigador é a minha essência. Que eu nunca deixe de sonhar com uma educação mais completa, viva e real. E que as perguntas não tenham fim, nem para as crianças, nem pra mim. Pois foram elas que me trouxeram até aqui.

AGRADECENDO O PRESENTE E CRENDO NO FUTURO

Elisabete Ferreira de Morais

Sinceramente, no início deste projeto, não havia intenção de minha parte em participar, mas depois do relato de algumas colegas, me emocionei e decidi também contar um pouco de minha história. Começo falando desse período tão triste que começamos a viver no início do ano de 2020, quando retornamos das férias escolares, prontas para mais um ano letivo, para o corre-corre, horários apertados, café da manhã sem atraso, enfim, nada que estivesse fora da rotina.

O mundo não estava preparado para o que viria, e em menos de uma semana de volta às aulas, fomos obrigados a nos isolar, a aprender a ver os sofrimentos de famílias inteiras perdendo seus entes queridos, aprender a conviver com todas as incertezas do dia seguinte, ficamos sem saber o que fazer e até hoje, já no final de 2022, ainda estamos tentando sobreviver, a nos reinventar, e retornando aos poucos a rotina, seguindo todos os protocolos de segurança. Graças a Deus, as aulas estão voltando aos poucos, o que nos ajuda a matar as saudades das crianças, das colegas do trabalho, da nossa rotina, do nosso dia a dia. Na esperança de viver o nosso normal, diante de tudo isso me animo a relatar um pouco da minha trajetória até aqui.

A minha história com a educação começou mesmo no ano de 1973 quando cursava a 3ª série do Ensino Fundamental na Escola Estadual Capitão Belamirno de Mattos. Até hoje me lembro da escola, do quanto admirava aquelas salas, o pátio, tudo muito grande e limpo. Sempre fui muito tímida, daí a minha dificuldade em fazer amizades, o que me levava a me concentrar nas leituras. Por providência divina houve um concurso de leitura nesse período e o prêmio seria um

passeio ao jardim Zoológico (hoje Rio Zoo), fiquei superempolgada em participar já que nunca tinha ido ao zoo.

Ao final do concurso, para minha surpresa, tirei em primeiro lugar! Até hoje sinto aquela emoção de ver os animais tão fascinantes e tão de perto!

No encerramento do ano letivo fui oradora da escola, sendo aplaudida por todos os presentes. A minha alegria só não foi maior, por não ter mais a presença dos meus pais, que se dedicavam ao trabalho para dar o mínimo de conforto a mim e aos meus três irmãos, hoje tenho mais seis, e essa ausência marca para sempre em qualquer criança.

Terminando esse ciclo, fui para outra escola, também perto da minha casa, lá na Escola Estadual Monsenhor Barenco Coelho, comecei a 5ª série, hoje fundamental II, eu acho, e eis que surge outra oportunidade. Dessa vez, seria um passeio para os melhores alunos da escola, um de cada sala de aula. E pasmem, quem estava lá? Euzinha! Conheci o Theatro Municipal do Rio de Janeiro e fiquei simplesmente maravilhada com a lindeza do local. Há algum tempo, voltei lá e revivi aquela sensação e dessa vez em dobro, a Xuxa estava lá!

Pois bem, os anos se passaram, por problemas sérios de saúde meu pai perdeu tudo o que havia conquistado e o padrão de vida caiu de maneira assustadora. Tivemos que nos adaptar à nova realidade. Terminei somente o 1º Grau e comecei a trabalhar para ajudar em casa, já que as despesas eram muitas.

Comecei em comércio, e como todos sabem é uma profissão em que não temos vida própria, pois temos hora para entrar, e mais nada. Dependendo do movimento nem hora de almoço, lanche e saída então, nem pensar. Mas nem por isso, deixei de pensar em me formar. Sempre quis fazer parte da Aeronáutica e por isso consegui um curso no Centro da Cidade, que providência divina, era aos domingos. Mas infelizmente, eu trabalhava como estoquista na loja, e começou uma dor insuportável no meu dedo (mata piolho¹,

¹ A profissional refere-se ao dedo polegar.

não sei o nome) na mão esquerda. Foram dias e noites terríveis de dor intensa, a ponto de ser internada por uma semana, pois estava com uma lista vermelha que ia da mão até o ombro, e o médico disse que talvez chegasse a amputação. Mais que a dor física foi a dor de perder minha apresentação ao local do curso no dia marcado pois eu estava internada. Meu sonho se foi...

Continuei minha trajetória em comércio, passando por todos os setores possíveis. Por último, trabalhava em uma grande empresa no setor financeiro e pensava: Poxa, por que não tentar outra coisa? Por que não tentar sair do comércio? Eu quero um serviço que não trabalhe mais aos finais de semana. Preciso ter um tempo para participar da vida do meu único filho, que estava crescendo e não tem a minha presença, como eu não tive de minha mãe e sei o quanto é triste.

Li sobre concurso de merendeira para a Educação municipal de Niterói e fiquei com medo de fazer, já que nunca me imaginei cozinhando para tantas pessoas, nunca tive tempo de me aprimorar na cozinha, mesmo assim fiz o concurso, passei na teórica, veio a prática, e nessa eu tinha certeza que não passaria.

Mas Deus é bom o tempo todo, e hoje, não consigo me imaginar sem ver com que prazer às crianças comem a minha comida e repetem, repetem. Isso aconteceu há 10 e fiz minha escolha para a UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel, onde estou até hoje e onde fico com o coração partido quando penso em deixar o local por motivos pessoais.

Aqui neste local pude acompanhar mais o crescimento do meu filho, que hoje graças a Deus é um grande homem, pude voltar a estudar. Ao ver a dedicação das tias em proporcionar o melhor para as crianças, fui inspirada a também me formar. Hoje sou formada e pós-graduada em História, mas amo ser merendeira, amo fazer parte dessa equipe, amo ver a evolução das crianças, amo o final do ano letivo quando me emociono ao ver os que estão indo, e saber que alguns terão histórias de vida parecidas ou não com a minha.

O último ano (2020) foi um ano atípico, onde nossa rotina foi interrompida de maneira inesperada e tudo o que havia de planos

em nossas vidas tiveram que ser refeitos ou mudados com a chegada da pandemia.

A minha rotina como merendeira, com horário a cumprir, toda correria para que as refeições sejam servidas no horário combinado, foi parada por mais de um ano e essa experiência é muito ruim, pois não há contato presencial com as crianças, com as colegas do trabalho e a saudade do dia a dia dentro da escola, e a convivência com todos da unidade é deprimente.

Espero que logo acabe essa pandemia e voltemos a nossa rotina normal.

OLHO DE ONDE VENHO PARA SABER ONDE ESTOU E PARA ONDE VOU...

Deise de Azevedo Parreiras Brito

Em algum momento da vida escolar você já ouviu a velha explicação da razão de estudarmos a história “precisamos conhecer o passado, para compreender o presente e, se necessário, mudar o futuro”. Diante do que estudamos na escola, observamos que a história oficial se dedica a conhecer apenas os grandes feitos, marcos e seus heróis, ao longo da nossa vida escolar, poucas pessoas deram importância para nossa história pessoal, esta que nos constituiu e formou quem somos, esta história do cotidiano, do miudinho das nossas rotinas, do heroísmo real e diário pela sobrevivência, contudo esta história “pequena” não está separada da história “grande”, somos partes e resultado dela.

Chamo-me Deise, tenho 37 anos, sou a filha caçula, a minha mãe, Sônia, foi quem me criou a maior parte da vida, criou três filhos com muita luta e, nesse caso acrescento muita luta nisso, minha mãe foi e continua sendo uma grande batalhadora e deve ser considerada uma vencedora. Sou uma mulher negra, a primeira da minha família a ingressar em uma universidade pública, sou fruto, e diria que um bom fruto, do sistema de cotas para negros da UERJ/FFP onde me formei Pedagoga, depois me pós-graduei e onde pretendo fazer o mestrado. Trilhei caminhos por outras universidades, mas essa tem um lugar muito especial na minha vida. Sou casada com o Evanildo, um grande companheiro desta jornada, mãe do Enzo, que faz questão de ser chamado de Enzo Brito, um menino muito especial, que trouxe luz e muitas alegrias para nossas vidas, que já faz a diferença na sua geração. Atualmente sou professora da rede municipal de Educação de Niterói, estou lotada na UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel onde atuo, na sala de recursos

multifuncionais, com crianças que renovam todos os dias as minhas energias, que me impulsionam a estudar mais, a incentivar minhas colegas a fazerem o mesmo e desejar uma escola mais inclusiva e de formação permanente de seus profissionais, educadores pesquisadores em ação.

Fiz um resumo de quem sou, reconheço que ele não dá conta da complexidade que é o meu ser, porém, diante da folha em branco, me apresentar foi o caminho que encontrei para compartilhar minha vida e formação. Como nos ensina Paulo Freire: “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.” (2010, p.58)

Assim nossa formação é permanente, hoje quando olho para a profissional que me tornei percebo as marcas da minha história pessoal e profissional presente em cada atuação, no modo de falar, nos meus gestos, até mesmo no lugar que estou e em meus gostos. Como professora estudo a memória e formação de professores, as infâncias e sua invisibilidade, a alfabetização das crianças das classes populares e a educação especial numa perspectiva inclusiva. Ao olhar para minha história pessoal é possível compreender esses gostos e a minha militância, por esta razão convido você, caro leitor, a me acompanhar nesse processo de lembrar a minha história e, assim conhecer um pouco mais sobre mim e sobre o trabalho que realizo.

Sou neta de uma grande mulher, como podem ver minha história é marcada por grandes mulheres, o que para mim é motivo de orgulho e de responsabilidade também. Minha avó representou na minha vida o papel da anciã, mulher sábia que contava histórias enquanto lavava roupas, as passava nas madrugadas adentro, no cuidado diário com a casa, com os netos, os vizinhos e suas plantas. Seu legado ficou em cada filho e neto que tive o privilégio de crescer e conviver com ela. Ela partiu, porém se eternizou em cada ensinamento passado para nós os quais temos o compromisso de passar adiante para as futuras gerações da família e para todos que

convivem conosco. Minha avó era deficiente visual, e foi ela quem me apresentou o mundo da leitura e da escrita bem como sua função social, na simplicidade da vida cotidiana ela me ensinou a ler e a escrever e mesmo sem conhecer o livro “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire, ela me ensinou que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra.” (2006, p.11). A leitura do nosso mundo cotidiano, das relações, das histórias narradas à beira do fogão, na varanda quando faltava luz, ou durante nossas andanças pelo quintal, catando erva para fazer um chá, xarope ou mesmo pegando uma fruta para fazer um suco, ela me ensinou a ler o mundo e desejar ler as palavras, ela também me ensinou o valor daquele espaço na minha formação que, somente mais tarde, fui compreender a partir da leitura poema “Apanhador de desperdícios” de Manoel de Barros, que “meu quintal é maior que o mundo”, mais ainda, mesmo já não estando mais nele, posso voltar sempre que precisar a partir das memórias que construímos, tal como neste momento..

Depois de alfabetizada fui morar em outra cidade, e na 3ª série do ensino fundamental, atual 2º ano, fui estudar na Escola Municipal Álvaro Alvim, com a professora Dayse, minha chará. A tia Dayse, como a chamávamos, era muito carinhosa, atenciosa, dedicada e criativa, suas aulas nos encantavam e me fazia desejar que o final de semana passasse rápido para poder vivenciar as novas propostas e encantamentos que certamente ela teria. Certo dia, a sua aula ganhou um tom de despedida, porém ainda estávamos no meio do período letivo, mas a tia Dayse precisou deixar a turma pois assumiria um novo projeto da escola, uma classe de educação especial. Naquela época, meados da década de 90, a educação inclusiva não era uma realidade, diante da demanda de educação para as crianças público-alvo da educação especial se fez necessário criar uma turma e pelo que compreendi a tia Dayse foi quem se prontificou a atuar com essa turma.

A turma em questão não tinha uma sala como as demais da escola, eles ficaram em um espaço improvisado no pátio, então todas as vezes que saíamos da sala de aula seja para ir ao banheiro,

para o recreio, no período da entrada e saída, passávamos pela sala improvisada da tia Dayse, esse foi o meu primeiro contato com crianças com deficiência, naquela turma as crianças eram majoritariamente com Síndrome de Down. Óbvio que naquele período eu não sabia esse nome, mas lembro-me com nitidez das feições de parte das crianças, as demais crianças aparentavam um certo atraso no desenvolvimento, mas não posso precisar a necessidade de cada um.

Toda vez que passava pela sala improvisada eu ia falar com a Tia Dayse e pensava o quão maravilhosa ela era em sair do conforto da nossa sala para estar ali no pátio, intuía que tinha algo de muito nobre em sua ação, me admirava em como ela era tão encantadora como antes mesmo naquelas condições, as crianças muito rapidamente também se encantaram por ela e foram construindo sua história escolar naquele espaço improvisado, porém cheio de afetos e presença.

Esta professora certamente sequer imagina o quanto ela me marcou, ela em seu fazer diário demonstrou o papel da afetividade e do acolhimento, de reconhecer o outro como legítimo outro nas suas especificidades e necessidades, ela me apresentou uma definição para sala de aula que ultrapassa a definição de espaço com quatro paredes, mesas e cadeiras, a partir dessa experiência com a tia Dayse compreendo que a sala de aula é o espaço dos encontros, do acolhimento em que o afeto tem lugar de destaque nas relações.

Obviamente que não estou com isso endossando e aceitando como normal a precariedade do trabalho docente, sobretudo, do trabalho dedicado as crianças das classes populares e ou com deficiência, apenas afirmando o papel da afetividade no trabalho pedagógico, a partir do qual deixa marcas no outro. É claro que precisamos compreender o professor enquanto um profissional, ele não é um messias ou salvador, e tão pouco sua profissão é um dom, nossa profissão é fruto de um árduo e contínuo processo de formação e a escola deve oferecer as condições necessárias e adequadas para a realização deste trabalho, juntamente a outros direitos.

Segui meus estudos escolares, a maior parte deles na rede pública, finalmente chegou o momento de fazer o vestibular, período de grande desafio, de romper com o senso comum de que a universidade pública não é para os filhos das classes populares. Nesse processo meu professor de Biologia, o qual nesse momento não me recordo o nome, mas que está presente em grande parte das minhas memórias do Ensino Médio, teve um papel muito importante. Quase que diariamente ele falava para a nossa turma e para as demais que ele dava aula que eu e uma amiga tínhamos plenas condições de passar no ENEM e no vestibular. Ele fazia isso para incentivar os colegas e encorajá-los, não sei se o isso funcionava com colegas funcionava ou se eles ficavam chateados com a cobrança, visto que o professor nos colocava como modelos a ser seguido, mas para mim e para essa amiga a fala desse professor nos impulsionava, alguém acreditava em nós e isso era muito significativo.

Lançamos mão deste olhar do professor e ao ingressarmos no terceiro ano estávamos decididas a fazer o vestibular, ingressamos em um cursinho pré-vestibular popular oferecido na escola aos sábados por alunos das licenciaturas da UFF e conseguimos uma bolsa de estudos em um cursinho que ficava muito distante da nossa escola, porém o valor cabia no bolso da minha mãe e dos pais desta amiga. Foi uma luta, porque com o gasto com o cursinho não sobrava dinheiro para o lanche, tínhamos que realizar a refeição principal na escola para irmos direto para o curso já alimentadas, levávamos algum lanche de casa para comer no meio da tarde e início da noite, aproveitávamos a gratuidade do transporte para ir para o curso. No retorno para casa, dependíamos da boa vontade do despachante para permitir a gratuidade, visto que estudávamos no turno da manhã, esse momento era tenso pois se não fosse permitido a gratuidade esse valor pesava no final do mês no orçamento da família. Assim seguimos estudando, conseguimos com muita luta a isenção integral na taxa de inscrição no vestibular da UERJ, da UFF e parcial na UNIRIO, naquela época as inscrições eram realizadas de forma presencial, por isso muito luta, visto que

diante da impossibilidade de retornar na instituição em outro dia para não ter despesas com transporte, ficávamos horas na fila, no vestibular da UERJ ficamos até bem tarde da noite.

Essas experiências me apresentaram com mais força as lutas que nós filhos das classes trabalhadoras temos para ingressar na universidade pública, entrar para o curso superior em uma estadual ou federal é um ato de resistência, pois as condições de acesso não são iguais para todos. Por mais difícil que tenha sido a minha condição eu ainda posso me considerar privilegiada porque não precisava trabalhar enquanto estudava, mas a realidade de muitos colegas era de estudante e trabalhadores, razão pela qual o sonho pelo ensino superior era distante ou deixado de lado.

Tornei-me o orgulho da minha mãe quando tirei a nota máxima na redação do ENEM e uma nota muito alta na prova objetiva, muito além da média nacional, por muito tempo ela andava com a carta na bolsa mostrando a todos a realização da filha, que era sua realização também, fruto de muito trabalho e dedicação. Passei no vestibular da UFF, porém perdi a data da matrícula e, conseqüentemente, a vaga. Essa é uma história longa que deixo para outro momento. E passei no vestibular da UERJ/FFP, ingressando no curso de Pedagogia no primeiro semestre de 2004.

Logo que cheguei à universidade, fui bolsista do projeto ProIniciar, dedicado aos alunos cotistas, no qual recebíamos uma bolsa para auxílio e permanência, era um valor bem simbólico, mas que ajudava nas despesas, porém essa bolsa não era só financeira, todos os alunos cotistas ingressaram em algum projeto de pesquisa na universidade. Este foi o meu primeiro contato com a pesquisa, por meio dos estudos do professor Luiz Fernando Conde Sanguis sobre a história dos castigos corporais na educação brasileira, aprendi muito neste projeto. Ainda neste período, surgiu a organização do congresso Vozes da Educação e fomos convidados a auxiliar a comissão de apoio, fiquei tão encantada com esse universo que resolvi fazer prova não apenas para monitoria, mas para tudo o que aparecia, até que ingressei como bolsista de

iniciação científica na pesquisa “Alfabetização, Memória e Formação de Professores”, coordenada pela professora Mairce Araújo, hoje este projeto tem outro nome Almfre.

Como bolsista da pesquisa, comecei a estudar sobre a alfabetização das classes populares a partir do trabalho com a memória, também relacionando formação de professores, tanto inicial como continuada. A pesquisa me afetou de tal modo que resolvi fazer a minha monografia da graduação nesse viés, minha monografia foi intitulada de “Contribuições do trabalho com a memória na alfabetização das crianças das classes populares.”. Durante a produção da monografia, minha orientadora sempre sinalizava que nas entrelinhas eu atribuía o “fracasso” da alfabetização a professora, eu tentava corrigir isso, mas meu olhar estava “impregnado”, assim ao ler minha monografia, a parecerista teve a mesma impressão, nasceu aí minha militância pela formação das professoras e valorização do seu saber fazer.

No ano seguinte à conclusão da graduação, ingressei na pós-graduação em Gestão escolar na FFP/UERJ e fui estudar sobre a formação dos professores para, em certa medida, me desculpar com a professora e com todos(as) os(as) professores (as) que tem seus saberes desconsiderados. Produzi o trabalho intitulado “Experiências Instituintes na formação continuada de professores: uma rede com muitas histórias” que teve como objetivo apresentar algumas experiências vividas por professoras de quatro escolas da rede municipal de São Gonçalo , no curso de extensão “Entrelaçando práticas e saberes: o diálogo entre a escola básica e Universidade em São Gonçalo”, coordenado pela professora Mairce Araújo, realizado em 2007 na Escola Municipal Zulmira Mathias Netto Ribeiro, buscando compreender de que maneira esta formação constituiu-se em uma experiência e em um espaço para a reflexão sobre a prática. A realização deste trabalho possibilitou perceber a escola como um local de formação permanente, onde o(a) professor(a) se reconhece como sujeito de sua prática e autor(a) de sua história. Neste trabalho a escola foi privilegiada como espaço de formação de professores(as) compreendendo-a como

local propício para construção coletiva de conhecimento. As inquietações, questões cotidianas do trabalho pedagógico possibilitam que os (as) professores(as) criem teorias. Quando o curso foi realizado, o grande desejo das professoras Mairce Araújo e Jacqueline Moraes era que as professoras se reconhecessem como autoras e escrevessem sobre suas práticas.

Concomitantemente ingressei na pós-graduação, “Alfabetização das Classes Populares”, na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e comecei a trabalhar no Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana, como pedagoga responsável pelo Setor de projetos educativos e culturais do museu. Em razão do meu fazer diário no museu, escrevi a monografia intitulada “Alfabetização em Museus”, apresentando o museu como um livro aberto de oportunidades de aprendizagem.

Na minha experiência no museu, comecei a atuar com pessoas com deficiência visual no projeto que tínhamos, em que recebíamos os alunos do Instituto Benjamin Constant para uma visita sensorial ao acervo do museu. A partir deste projeto, comecei a pensar a educação no museu em uma perspectiva inclusiva e passamos a realizar atividades que incluíam as crianças com outras deficiências e transtornos do desenvolvimento.

No meu segundo ano trabalhando no museu, fui chamada pelo concurso de Niterói, quando passei a dividir minha jornada entre a escola e o museu. Fui para uma escola em uma região periférica do município, onde assumi uma classe de alfabetização que acompanhei do primeiro ao terceiro ano. Essas crianças marcaram minha trajetória profissional e pessoal, vivi com elas, e elas dizem que viveram comigo três lindos anos de descobertas, fui uma professora muito “maluquinha”, levei meus alunos para conhecer a cidade, conhecer o Rio de Janeiro, muitos que, em toda sua existência, sequer tinham saído do bairro, visitamos muitos museus, parques, conheci suas histórias pessoais, de suas famílias e eles conheceram e fizeram parte da minha. Frequentei festas de aniversário, almocei na casa de alguns, fazia minha unha com uma das mães. Conheci o bairro e a realidade de cada criança. Na minha

turma tinha crianças que, mesmo morando em uma zona urbana, sequer tinham água encanada, passavam as mais duras e impensáveis privações.

No meu fazer diário com meus alunos, muitas vezes, via em mim um pouco da tia Dayse. E via nos olhos deles o mesmo encantamento que nós tínhamos. Quando, por ventura, eu chegava atrasada na escola, eles ficavam inquietos e quando eu chegava era uma festa, todos corriam para me abraçar. Quando estava me preparando para casar, o casamento virou assunto diário da turma, tema nos desenhos livres e das conversas, lógico que diante do burburinho se tornou meio de aprendizado. As crianças fizeram lista de presentes, me ajudaram com as listas de convidados, com as listas de providências, dentre outros textos possíveis. Tornaram-se cerimonialistas, organizaram chá de panela e muito mais. As famílias também entraram em cena e me presentearam com parte do bolo do casamento, utensílios domésticos, dentre outras coisas. Vale lembrar que essas famílias eram bem simples, a maioria das mulheres empregadas domésticas, mas foram tão generosas e amorosas comigo me presenteando com o fruto do seu árduo trabalho.

Todas as crianças foram convidadas para o casamento, mas infelizmente não conseguiram ir. Esta escola fica em uma localidade de difícil acesso no horário convencional, a noite fica tudo mais difícil, tentamos providenciar um transporte, mas, devido à localidade, não conseguimos. Porém isso não diminuiu a celebração com as crianças, pois eu levei uma parte da festa para nossa sala e juntos celebramos.

No ano seguinte não acompanhei a turma, fiquei muito triste, mas de todo modo não iria acompanhá-los, pois oito meses depois de casada fiquei grávida e, diante de uma gravidez de risco, precisei me licenciar das minhas funções laborais.

Quando o Enzo nasceu, com um mês de vida ele precisou fazer transfusão de sangue e iniciou um novo ciclo, muito preocupada com sua saúde, optei por solicitar minha exoneração e sair do museu. Retornei para escola após um ano do nascimento do Enzo,

assim foram 18 meses longe da escola e das crianças. Quando retornei, meus alunos da primeira turma já tinham se formado, inclusive, ainda licenciada fui convidada por eles para participar da festa de encerramento da turma e do passeio que realizaram para comemorar a conclusão do ciclo, os alunos que estavam comigo quando entrei de licença estavam maiores e caminhando bem com outra professora, então fui convidada a assumir a sala de recursos. Nesse trabalho que envolve afeto e militância, construí novas memórias, agora no contexto das relações individuais, mais próximas, mais amiúdes. Se antes eu já entrava na intimidade das famílias, nesta função mais ainda.

Em 2019 fui convocada na minha segunda matrícula, assumi e permaneci na minha escola, ficando o dia todo na sala de recursos, contudo ficou difícil para mim gastar tanto tempo no trânsito e deixar em casa o Enzo, então resolvi pedir para ser devolvida e, assim buscar uma escola mais próxima, ou que eu não enfrentasse trânsito no trajeto até ela e para a qual eu pudesse levar o Enzo quando estivesse em idade própria.

Um mês depois de pedir para ser devolvida, em abril de 2019, cheguei à UMEI Dr. Paulo César Pimentel, em um dia de festa. A escola estava colorida, cheia de crianças barulhentas e alegres, acompanhadas de suas famílias muito envolvidas com as oficinas oferecidas e com os trabalhos das crianças. Gostei muito do que vi, uma escola viva, pulsante, que não caminha só, mas de mãos dadas com as famílias e com a comunidade escolar, gostei muito disso, pois acredito no potencial deste trabalho coletivo.

Na minha atuação como professora de sala de recursos na Educação Infantil, criei como metodologia de trabalho o estar presente no cotidiano das crianças para além da realização do atendimento educacional especializado, assim conheço a criança, sua relação com seus pares e professoras e ela passa a me ter como referência e a ter confiança em mim para ir a sala de recursos para a realização do trabalho individualizado. Com essa metodologia de trabalho, tive o privilégio de conhecer o trabalho das minhas parceiras, um trabalho muito rico, potente, que valoriza os

conhecimentos das crianças, que assegura o direito de ser criança, que constrói, no miúdo do cotidiano, novas práticas, novos saberes, novas teorias os quais penso que devem ser compartilhados. Passei a incentivar minhas colegas a escreverem sobre suas práticas, a maioria ainda ficava muito tímida, mas todas já estavam neste processo, visando, inclusive, a entrada no mestrado.

Na pandemia, diante da necessidade de nos reinventarmos e de ainda assim termos realizado um excelente trabalho, me deparei com um comentário em uma live, que atribuía à escola pública um caos e desorganização. Respondi nos comentários da live e apresentei às minhas colegas a necessidade de tornarmos público o nosso fazer diário na escola e, assim mostrar a todos que a escola pública não é desorganizada e tão pouco caótica, que nela há produção de conhecimento e transformações de histórias, há profissionais capacitados e comprometidos com uma educação de qualidade, contudo as políticas públicas insistem em tentar tornar esse espaço um caos, mas seguimos resistindo.

Se você, caro leitor, continua lendo este texto é porque o meu desejo tornou-se realidade e minhas colegas abraçaram essa ideia comigo e deram o ponta pé inicial, primeiro apresentando seus memoriais, os quais apresentam uma trajetória de formação comprovando o que o mestre Paulo Freire nos ensinou, nos formamos professoras permanentemente.

Após o aceite das minhas colegas formamos um grupo de estudos, onde nos reuníamos uma vez por semana para compartilhar nossos memoriais de vida e formação, e neste percurso, contamos com o apoio e orientação da Juliana Godoy, uma amiga querida que fiz na FFP e que reencontrei no período da pandemia quando participei do projeto de pesquisa do seu doutorado, projeto este que mexeu com esse desejo de chamar minhas colegas para escrever comigo. Por isso, a Juliana foi convidada a caminhar conosco, e, muitas vezes, foi ela que nos orientou e não permitiu que esse desejo fosse deixado de lado. Agora a universidade não estava na escola escrevendo sobre a ela,

mas escrevendo com a escola, incentivando nossa escrita e a partilha dos nossos saberes.

Embora eu não tenha dito, este sonho não é meu exclusivamente, na verdade, ele foi herdado da minha orientadora Mairce, tudo isso nasceu lá na graduação, é fruto do desejo da minha orientadora que sempre incentivou e desejou que as professoras escrevessem seus saberes e hoje estamos aqui, professoras, diretoras e merendeiras, registrando e tornando público o nosso fazer no cotidiano da escola.

Demos continuidade aos nossos estudos e escrita, retornamos a escola no segundo semestre de 2021, num período intitulado pós-pandemia, mas, na verdade, ainda era pandemia, o índice de vacinação ainda era baixo e os números de casos de Covid-19 ainda eram significativos. Foi muito difícil retornar para a escola tendo que manter os protocolos de distanciamento, as crianças diziam que aquela não era a escola deles, queriam a escola dos abraços apertados, do material compartilhado, das relações vividas em sua intensidade, sem medo. Até a bonequinha pintada no muro da escola, que representava uma das identidades da escola foi apagada. Vencemos o ano de 2021.

Veio 2022, a bonequinha foi novamente pintada de braços abertos para nos receber. O ano se iniciou com orientações que ignoravam a ocorrência de uma pandemia que ceifou tantas vidas, inclusive, a vida da Martinha, uma funcionária da nossa escola. Agora podíamos compartilhar os objetos, os abraços eram permitidos, a explicação que recebíamos era a seguinte: “Coriza não é Covid-19”, então as crianças retornaram/passaram ao/a frequentar o espaço escolar ainda que doentes. Eu que achava que a pandemia deixaria como legado o entendimento que “resfriadinho” é doença e que, portanto, requer cuidado, vi a doença ser banalizada.

Durante o período em que escola ficou fechada a prefeitura não se organizou para o aumento da procura por matrículas na rede e, assim iniciamos com carência de professores regentes e de apoio educacional especializado. A escola se mobilizou e passamos

a participar de manifestação em prol da educação inclusiva e por melhorias de trabalho. Grande parte dos profissionais passou a aderir às paralisações e greves lutando por uma escola melhor. Diante do exposto, o caos se instaurou de fato, mas vale ressaltar, um caos premeditado, um caos idealizado por um governo que tem interesses privatistas, desejoso de programas como o “Escola parceira” que destina dinheiro público para rede privada, em vez utilizá-los para solucionar os problemas do setor público. Diante das dificuldades no trabalho e da banalização dos resfriados, crianças e professores adoeceram, a Covid-19 entrou na escola, juntamente a outras viroses, havendo a necessidade de afastamento de muitos profissionais.

Mesmo usando máscaras e mantendo os cuidados sanitários, eu e o Enzo pegamos Covid-19 e contaminamos o Evanildo, precisei me afastar das minhas funções, tudo isso porque o governo resolveu “afrouxar” as medidas de distanciamento e o uso de máscaras.

Retornei à escola, mas os adoecimentos seguiram acontecendo semanas após semanas. Chegamos ao final do primeiro semestre de 2022 exaustos, a sensação comum a todos era a de que corremos e não chegamos a lugar nenhum, porém mesmo diante das dificuldades, seguimos resistindo e tentando construir possibilidades, mesmo num contexto de tantas impossibilidades. Apesar de toda a dificuldade, as crianças continuam amando o espaço escolar e desejosos por ele, as dificuldades não tiveram capacidade de enrijecer as relações, contudo o cansaço é grande e a luta ainda maior.

A partir desse olhar generoso com a minha história de vida, com os percursos que trilhei compreendo o lugar que estou e o papel que exerço nele, projetando o futuro, desejando uma escola inclusiva, que acolha as diferenças, valorize os profissionais e todos os sujeitos que passam por ela. Desejo ainda, que a escola seja reconhecida pela sociedade como um equipamento público importante que deve ser defendido e acessado por todos sem distinção, um espaço de formação permanente de professores, de

construção de saberes e de novas teorias. O lugar onde o afeto tem lugar de destaque nas relações.

Referências

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. Ed. – São Paulo, Cortez, 2006

MINHA VIDA DE PROFESSORA

Luciana Machado Monteiro

Considero a escrita uma terapia, mas escrever sobre si e para leitura de outros, confesso que fiquei muito apreensiva e relutante. Como professora, temos que registrar a nossa prática, registrar ações, observações e toda rotina escolar, porém construir um texto sobre suas memórias para apreciação de outros é um tanto desafiador, mas vamos lá...

Sou Luciana, estudante de escolas públicas, com pequenas experiências na rede privada, com a formação de professores a nível de ensino médio, como curso profissionalizante, feito logo após ao de secretariado, também profissionalizante.

No final de minha formação de professores tive, sem querer, as primeiras perspectivas sobre a experiência acadêmica, pois, até então, não passava pela minha realidade a possibilidade de entrar em uma faculdade. Fui incentivada por um professor do curso a prestar o vestibular; nós conversávamos bastante e após perguntar o que faria ao terminar o curso, respondi que iria seguir a vida trabalhando e ele pediu para que eu fizesse as provas de vestibular, dizendo que queria me ver na universidade federal fluminense (UFF).

Assim fiz. Sem ter noção e sem acreditar em um resultado positivo, fui aprovada na primeira etapa e só aí a minha ficha caiu. Parti para a segunda etapa e fui classificada em pedagogia. Comecei a ter consciência da importância de ser uma universitária e de cursar em uma federal, fui percebendo esse "status". Fui a primeira pessoa da minha família a ingressar no ensino superior. Minha mãe lê e escreve pouco, e sempre se preocupou que eu estivesse na escola. No entanto, não conseguia acompanhar efetivamente meus estudos, sempre deixou sob minha responsabilidade e acredito que até hoje

ela não entenda o significado de ter um curso superior, mas admira a minha vida profissional.

Fiz o curso dividindo meu dia entre o trabalho e a faculdade. Seguia minha saga que é também a de tantas outras mulheres estudantes e trabalhadoras. Após dois semestres cursados, casei e me mudei para um bairro mais distante da faculdade. Assim, a divisão da minha rotina diária se baseava em estudo, transporte e trabalho, não, necessariamente, nessa ordem, mas me desdobrava para cumprir as minhas demandas. Lembro-me que tinha um grande desejo de permanecer o dia no campus para ir à biblioteca com calma, queria me candidatar a alguma monitoria, porém tinha a necessidade e a responsabilidade do trabalho e, por isso procurava aproveitar ao máximo as aulas e as experiências dos professores.

Logo que conclui a graduação, engravidei e me afastei do meio acadêmico, decidi ter meu momento mamãe, porém, terminando a gestação perdi o bebê, foi um grande choque, pouco depois resolvi voltar aos estudos como uma forma de passar por esse período de tristeza e decepção.

Procurei a faculdade de educação da UFF para me candidatar a uma especialização e consegui, ao mesmo tempo ingressei em outra especialização em uma universidade privada.

Na UFF integrei um dos grupos de estudos de alfabetização para as classes populares, as discussões nos encontros giravam em torno da educação pública transformadora. Essas conversas me deixavam intrigada, pois muitas colocações eram quase o contrário da minha prática em uma escola particular com um ensino tradicional. Tendo agora mais informações e fundamentação teórica, me sentia mais empoderada para, pelo menos em minha turma, fazer um trabalho de rompimento das amarras da prática tradicionalista e uniformizadora do pensamento e da criatividade dos alunos. Nessa instituição privada fiquei por vinte anos até que, por sugestão de uma prima, fiz inscrição, de última hora no concurso para educação do município de Niterói. Quando fui chamada, optei pelo ensino fundamental, segmento que sempre atuei e tenho um carinho especial.

Atualmente estou na educação infantil, a prática ainda está se desenvolvendo, mas vou me encontrando nesse universo das crianças pequenas. Minha experiência mais próxima com a escolarização dessa faixa etária foi como mãe dos meus dois filhos. Hoje, a Maria Carolina com 18 anos e o Pedro Henrique com 14 anos.

Resisti um pouco em fazer a transição do Ensino Fundamental para a Educação Infantil. Apesar de ter o fator novidade e renovação ainda tem a localização da UMEI, a proximidade de casa, que considero qualidade de vida. Havia também fatores que me causavam fortes dúvidas: “Será que vou me adaptar?”, “Será que vou dar conta dessa nova função?”, “Como acontece o trabalho com regime de bidocência?”, “Como é trabalhar com bebês, fazendo a inserção desses e de suas famílias à rotina de uma unidade de horário integral?”. Por conta dessas questões quase desisti da mudança!

Em resposta a minha resistência a mudança de segmento, o tempo e o fazer pedagógico estão me respondendo. Estou construindo minha prática com os pequenos por meio de tentativas, pesquisas, trocas com os colegas de trabalho, buscando realizar a minha função da melhor maneira. Em relação ao horário integral, me adaptei, procurando sempre facilitar a inserção das crianças e suas famílias no ambiente escolar de maneira afetiva, consciente e responsável. Quanto ao compartilhar da regência de grupo, fui afortunada com a experiência da bidocência junto a profissionais empáticas, competentes e comprometidas com uma educação de qualidade.

Assim, como fazia no ensino fundamental, tento, na educação infantil, trazer a vivência antirracista, de forma natural e lúdica, por meio de temas e personagens da cultura negra, que muitas vezes são invisíveis nos conteúdos acessados pelas crianças da faixa etária de zero a cinco anos.

Na educação infantil, encontrei profissionais com anos de boa prática e com disposição para transmitir seus conhecimentos aos que chegam, parceiras para dividir momentos bons e difíceis também, como em 2020, quando a Covid-19 nos obrigou ao

afastamento do ambiente escolar e nos trouxe a necessidade de conseguir o engajamento das crianças e das famílias em uma nova forma de educação, a digital. Nos impôs o reinventar pedagógico e muitos desafios; gravar vídeo, subir vídeo, editar vídeo, google forms, google classroom, google meet, até festas on-line tivemos que fazer, tudo isso chegou como uma avalanche para quem tinha uma barreira com o mundo tecnológico que chegava ao ponto de não conseguir lidar com compras online e aplicativos de banco.

Nesse período, houve momentos de grande angústia devido à intensidade do trabalho e a pouca adesão da turma nos encontros, motivos diversos atrapalhavam a participação, desde terem apenas um aparelho eletrônico para a família toda, falta de acesso à internet, até a ausência de um adulto para acompanhar o processo da criança. O apoio, a troca, o comprometimento e o empenho da minha parceria de bidocência foi essencial para suportar e superar esse momento.

Nesse segmento, tenho um ambiente composto de profissionais capazes e comprometidos, que estão sempre em busca de aprimoramento de suas práticas com novos conhecimentos e novas formações, me estimulando a crescer na vida acadêmica e profissional.

MEMÓRIAS DOS CAMINHOS TRILHADOS ATÉ A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Luciana Pereira da Silva

Chamo-me Luciana Pereira da Silva, tenho 34 anos, sou professora de apoio educacional especializado na Unidade Municipal de Educação Infantil Dr. Paulo César de Almeida Pimentel desde 2019 e vou compartilhar um pouco da minha história de vida até chegar aqui.

Sou filha de uma mulher muito guerreira e batalhadora, seu nome é Maria Aparecida, criou três filhos sozinha, trabalhando como faxineira e cobradora de ônibus, meus irmãos são gêmeos e cinco anos mais novos, Luís Fernando e Luís Eduardo, ajudei minha mãe a criá-los com minha avó materna, Geralda. Foram anos de luta, muitas dificuldades, vendo todo o sofrimento da minha mãe que nem férias tirava para ter um dinheiro a mais, a falta de tempo dela, me obrigou a amadurecer rápido e a enfrentar os problemas de frente. O Luís Eduardo é o motivo de muitas escolhas na minha vida, logo após seu nascimento, começou a apresentar convulsões quase que diariamente, teve atrasos em todos os marcos do desenvolvimento infantil, começou a falar aos cinco anos e repetiu todas as séries do ensino fundamental. Tinha muitas dificuldades na aprendizagem, para terminar o ensino médio, minha mãe se matriculou com ele na Educação de Jovens e Adultos e mediou todo o processo.

Vi meu irmão sofrer muito, como era muito nova, não sabia como ajudar, não entedia muito bem o que estava acontecendo, mas hoje sei o quanto ele sofreu capacitismo, segregação. Como havia uma discrepância na idade versus série, sempre era o mais velho da turma, então sofria muito bullying. Naquela época a educação especial numa perspectiva inclusiva ainda não era uma

realidade presente. Faltou esse olhar atento ao meu irmão, minha mãe por sua vez, envolvida com a necessidade de prover o nosso sustento, não soube e não foi orientada a buscar outros caminhos para ele, seguiu o caminho comum acreditando que a escola poderia auxiliar neste processo.

Quando era criança, ao me perguntarem o que eu queria ser quando crescesse, respondia que seria pediatra, para cuidar de crianças, não imaginava que as crianças, de diversas formas estariam presentes na minha vida profissional, mas não como médica.

Logo que terminei o ensino médio, me casei e não dei continuidade aos estudos, alguns anos depois resolvi fazer o curso normal, encontrei uma escola que oferecia o curso normal pós-médio, só com as matérias específicas da formação de professores. Assim, que terminei o curso fui contratada por um colégio particular para dar aulas ao 4º e 5º anos do ensino fundamental, foi desafiador e de muito aprendizado. Nesse período participei de uma formação com a professora Aimi Tanikawa sobre tecnologia assistiva e comunicação alternativa, oferecida a professoras da rede pública e privada pela prefeitura de Niterói, me emocionou do início ao fim, saí de lá encantada. Olhei para aquilo tudo e pensei “Nossa, queria fazer isso, trabalhar com isso, ensinar crianças com deficiências, crianças com maneiras diversas de aprender como meu irmão!”. Aimi nos apresentou materiais confeccionados de forma manual, e nos mostrou suas utilidades para as demandas de cada aluno, nos ensinou as inúmeras possibilidades que temos de ensinar a todos, independente das particularidades de cada um, muitos deles simples e fáceis de fazer, eu fiquei muito impressionada com esse mundo que eu não sabia que existia. Desde aquele dia, coloquei na minha cabeça que queria entrar para essa área, não fazia ideia de como ainda.

Infelizmente, no meado do segundo ano em que estava trabalhando nessa escola, adoeci, tive Síndrome do Pânico, precisei me afastar, fiz tratamento psiquiátrico e psicológico, foi um momento muito difícil, delicado, no qual me vi neutralizada, engessada, não conseguia fazer mais nada sozinha, tinha medo de

praticamente tudo, fui de uma pessoa muito ativa para uma inércia terrível, não me reconhecia mais. Fiz todo o tratamento e aos poucos fui melhorando, para quem já precisou tomar remédios controlados, sabe que a maior dificuldade é parar de tomá-los, pois causa crises de abstinência, pois eu só consegui me livrar da última dose do último medicamento quando ingressei na faculdade de fisioterapia alguns anos depois.

Ainda em tratamento, conversei com uma amiga muito querida, que gostaria de voltar a estudar, ela me deu o maior apoio, e vimos isso como uma possibilidade de sair do foco da doença e voltar a ter objetivos e uma vida normal. Comecei então a pesquisar o que fazer, o Luís Eduardo mais uma vez foi uma inspiração, queria trabalhar com criança com deficiência, a formação com a Aimi não saía da minha mente, mas não sabia como chegar até a tecnologia assistiva, não sabia que existia mediação, professor de apoio. Na escola onde trabalhei não tinha crianças com deficiência sendo “mediadas”, nem nas que estudei ao longo da vida, então considerei ir pra área da saúde, pensei em fonoaudiologia. Fui visitar algumas clínicas próximas a minha casa, a Tayanne foi comigo, amiga de todas as horas, conversei com alguns profissionais das áreas de fonoaudiologia e fisioterapia, quando entrei na sala de fisioterapia neuropediátrica da Associação Fluminense de Reabilitação, meu coração se encheu de vontade de estar ali, me vi fazendo aquilo, e foi por isso que eu escolhi a fisioterapia.

No meio da faculdade, em 2016, a prefeitura de Niterói abriu concurso e tinha vaga para professor de apoio educacional especializado, pensei “Agora posso unir as duas áreas que eu quero exercer” e fiz a prova, passei, mas não me classifiquei para a primeira chamada. Continuei a faculdade, fiz estágio na clínica que fui visitar antes de entrar na faculdade, em neuropediatria, fui muito feliz durante meu curso, e em dezembro de 2018 me formei. Em fevereiro de 2019, fui chamada pra tomar posse no concurso, já tinha se passado três anos e não imaginava mais que isso seria possível, fiquei muito feliz, pois não tinha nada em vista ainda após o término da faculdade. Tomei posse, escolhi a escola, cheguei a

UMEI sem saber muito bem o que iria fazer, não me passaram orientações específicas do papel do professor de apoio, eu também não tinha formação na área de educação especial ainda, porém fui muito bem acolhida por todos.

Assim que comecei, vi que precisava buscar conhecimento, e foi isso que fiz, a vontade de acertar, de fazer o melhor e o amor pelas crianças eu já tinha, mas precisava me qualificar. Comecei a fazer cursos, fiz uma pós-graduação em Educação Especial e Psicomotricidade, mas sentia muita falta de aprender a prática, o dia a dia do mediador na escola, foi então que a Deise entrou na minha vida, professora da sala de recursos, que também escreveu seu memorial para este livro, uma mulher incrível que me ensina todos os dias com sua experiência, sua vasta formação acadêmica e, principalmente, pelo amor ao que faz e às crianças, compartilhamos nossos dias na escola, nos ajudando mutuamente, procurando sempre fazer o melhor, pois entendemos que é preciso todos os dias buscar aprender mais. As demandas das nossas crianças nos fazem procurar por cursos, formações, estudos, e hoje estamos cursando o Curso de Especialização em Educação Especial e Inovação Tecnológica pela (UFRRJ) em parceria com (CECIERJ) juntas, o que tem enriquecido muito o nosso trabalho e nos provocado a continuar a estudar e pesquisar por meio do ingresso no Mestrado.

Um ano depois, nos deparamos com a pandemia da Covid-19, aulas presenciais suspensas, aulas remotas para crianças da educação infantil, que grande desafio! Um mundo novo, tivemos que nos reinventar e enfrentar a situação e fizemos o que estava ao nosso alcance mesmo com todas as dificuldades. Retornamos ao presencial ainda em pandemia, e foi outro grande desafio, fazer com que crianças tão pequenas mantivessem o distanciamento social, quando pensamos exatamente o contrário, que é na interação entre os pares que o aprendizado acontece, mais uma vez nossa resiliência nos fez passar por esse caos, e hoje, Graças a Deus, as coisas estão voltando a normalidade e podemos lançar mão de um dos maiores recursos, a interação e a afetividade.

Sobre minha formação acadêmica, atuei como fisioterapeuta, porém em outra área, por dois anos em uma clínica em paralelo a escola, trabalhava na escola pela manhã e na clínica da tarde para noite. Hoje me dedico somente a educação fazendo uma dupla regência, permanecendo o dia todo na UMEI, na escola atuo somente na área pedagógica, porém a fisioterapia me possibilita ter um olhar diferenciado para as demandas das crianças, especialmente na área motora, agregando a minha prática e contribuindo com a equipe. O meu sonho de atuar com neuropediatria é vivo dentro de mim, pretendo fazer cursos, que no momento por questões financeiras ainda não posso fazer, como o Bobath, Therasuit, Método RTA e Formação em Psicomotricidade, que são imprescindíveis para a atuação na área. Na educação, além de concluir a especialização que estou fazendo, minha meta é ingressar no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) da UFF.

O meu sonho de menina era cuidar de crianças como médica, a minha meta de vida é usar a educação inclusiva e a fisioterapia para fazer a diferença na vida de uma criança com deficiência ou necessidades educacionais especiais. Cuidar, amar, ensinar, reabilitar, tudo que eu queria que tivessem feito pelo meu irmão!

Diante da experiência que vivi na minha família, do olhar inclusivo da minha parceira de trabalho, e estudos realizados, buscamos atuar estabelecendo uma parceria com a família, a escola e as instituições que assistem as crianças, tendo como objetivo principal o pleno desenvolvimento das crianças.

TRAJETÓRIA

Maria Antonia Tripodi Giglio

Sou feita de retalhos.
Pedacinhos coloridos de cada vida
que passa pela minha e que
vou costurando na alma.
Nem sempre bonitos, nem sempre
felizes, mas me acrescentam e
me fazem ser quem eu sou.
(Cris Pizzimenti)

Responder ao desafio de escrever sobre a minha chegada à UMEI (sigla utilizada no município de Niterói para as instituições que atendem à Educação Infantil – Unidade Municipal de Educação Infantil) Dr. Paulo César de Almeida Pimentel é falar um pouco do meu momento mais recente, rememorando uma trajetória que eu nunca havia vislumbrado. Uma história que teve início com uma escolha que eu pensava ser passageira, mas se tornou opção há algumas décadas.

Vou me apresentar para vocês. Sou Maria Antonia, professora da Rede Municipal de Educação de Niterói desde 2001 e uma novata nesta escola. Juntei-me ao grupo em 2020: um ano, pessoalmente, de muita alegria e grandes incertezas para todo o mundo, pois vivíamos o início de uma pandemia. Mas como se diz: “toda história tem início no começo.” Então, vamos lá....

Agora eis a dúvida: Por onde começar? Qual é o meu começo? Como é difícil!

Acredito que a história de cada pessoa começa antes mesmo do seu nascimento, tem início na concepção, no ventre materno. E se esse for o início, temo que o texto se torne cansativo para quem o lê, mas por mim não, pois amo falar de minhas origens, do

primeiro encontro dos meus pais, do namoro deles, do casamento, da minha chegada, da escolha do meu nome, enfim... Falaria por horas. Mas retomando: Então qual começo? Pessoal ou profissional? Como escolher apenas um aspecto se sou o conjunto de mulher, esposa, filha, irmã, professora? Como diz o poema destacado acima: sou feita de retalhos daqueles que passaram por mim e por quem passei!

Para este momento acho oportuno recortar a minha escrita a partir da escolha profissional que fiz e recuperar as minhas memórias a partir de então.

O ano era 1992, a cidade: Niterói. Eu tinha apenas 16 anos. Já faz algum tempo, mas parece que foi ontem! Naquele momento eu não tinha a dimensão do que estava escolhendo para seguir. Afinal, quando uma menina poderia pensar que escolher o magistério lhe traria tantos desafios?! Eu não imaginava o quão inacabada é a profissão que havia escolhido!

Quando optei pelo magistério foi pensando apenas em ter um diploma nas mãos ao final de dois anos de estudos e ter a possibilidade de pensar com mais calma que carreira seguir. E somente há pouco tempo me dei conta que este foi o pensamento de tantas outras meninas como eu!

Avisos não faltaram quanto ao meu futuro. Minha mãe foi totalmente contra, dizia que eu era muito estudiosa, que poderia escolher outra profissão, ser bem-sucedida financeiramente e ter uma rotina mais tranquila que a de um professor. A coordenadora da escola me alertou para pensar direito porque, segundo ela, o magistério era como uma cachaça. Viciava com o tempo!

Eu, muito segura de mim mesma, ignorei tudo o que me diziam e segui em frente, certa de que tudo estava sob o meu controle e que, quando quisesse, eu mudaria de rota.

E acho que me sai bem ou, pelo menos, tento todos os dias.

Estou a caminho, no processo. Só não alterei a rota!

Como uma breve pausa na narrativa, reflexões surgem à minha mente: Será que naquele momento ao escolher a minha profissão eu achava que ela se resumiria em um transmitir de

conhecimentos? Não me recordo! Pensava apenas em terminar o Curso Normal e a minha formação enquanto professora!

Tampouco imaginava que aquele “fim” seria apenas o começo da minha formação. Ou será que a minha formação teve início antes mesmo do segundo grau?

Hoje entendo que ela teve início com o meu nascimento, atravessou minha infância nas brincadeiras de escolinha, nas de rua e a minha adolescência auxiliando os colegas de classe. É verdade que sempre tive facilidade com os estudos e gostava muito de aprender. Se isso tem alguma influência na minha trajetória também não sei! Neste momento me falta conhecimento científico para embasar a questão, mas sei que esta reflexão é inicialmente importante. Acredito que os fatos ocorrem e como o dia a dia não nos damos conta.

Então será que ser professor é algo inato? Também não sei! Talvez não! Mais uma questão se apresenta para um futuro aprofundamento.

Logo no primeiro ano do Curso Normal, após os estágios de observação, fui convidada pela direção da escola a auxiliar a professora do 3º ano, antiga segunda série. Como a turma era numerosa, me cabia as atividades burocráticas como olhar as agendas e corrigir cadernos. Poucos meses depois, mais um convite: trabalhar inglês às segundas-feiras com as turmas de 4º e 5º anos, uma vez por semana e ganhando por isso.

Claro que naquele momento não questionei nada, apenas aceitei. Seria mais uma oportunidade e agora receberia um pagamento por isso. Quem não gosta de ter seu próprio dinheiro no fim do mês? Na época ganhava dez por cento do piso inicial do professor da escola particular. Não era quase nada, mas a cada mês me presenteava com um mimo.

Hoje, tenho a clareza que as atribuições de um professor não se limitam às questões burocráticas e o quanto fora vantajoso para a escola dispor de uma estagiária para realizar as funções de um profissional.

Mas seguimos em frente...

Penso que na minha trajetória, a minha formação ocorreu como uma melhor FORMA de AÇÃO para o que eu realizava.

Até meados do mês de janeiro em 1993, eu tinha a minha rotina organizada como a da maioria das meninas da minha idade: estudar e ajudar nas tarefas de casa, mas a partir de tal data surge a necessidade de auxiliar também financeiramente a minha família. Meu pai, que até então era o único provedor da família, adoecera e, a partir de então, precisei me reorganizar para auxiliar nos cuidados com ele, no sustento da casa e nos estudos.

Como toda a minha trajetória escolar aconteceu em uma única instituição educacional, a notícia do adoecimento do meu pai foi de conhecimento da equipe diretiva e dos professores. Com o início de um novo ano letivo, uma professora me convidou a lecionar numa turma de alfabetização. A tão temida classe de alfabetização! Claro que o convite me causou grande nervosismo, mas não podia descartar aquela possibilidade.

A minha vontade de aprender cada vez mais despertou na minha professora de didática a iniciativa de também me auxiliar. Ela me convidara a ir várias vezes em sua casa, aos sábados, para compartilhar comigo seus materiais, orientações e conhecimentos.

Certamente, essa surpresa que tivemos com o adoecimento de meu pai trouxe mudanças e novos desafios para todos da família. Foi necessário um tempo para nos adaptarmos, mas a realidade que se impusera me mostrou o caminho a percorrer profissionalmente. A cada dia me dedicava a realizar da melhor forma o meu trabalho e os meus estudos.

Concluo o ensino médio...

E continuo em formação!

Em 1994 me matriculo no Curso Adicional para trabalhar com a Educação Infantil, que era uma exigência da época. Trabalhava durante a semana e estudava aos sábados. No fim do mesmo ano, presto vestibular e no segundo semestre de 1995, ingresso na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e sigo conciliando trabalho, faculdade e cursinhos aos sábados.

Certo dia, um cochicho ocupava os corredores da faculdade, tratava-se do concurso público para a Rede Municipal de Educação de Niterói. Quem iria tentar? Quem não?

Quando questionada se participaria de tal processo, respondi que “não”, pois não acreditava no respeito à ordem de convocação dos aprovados. Então uma colega na época, e hoje amiga, que já era professora da rede, me contestou dizendo que a ordem era muito respeitada no município e todo o processo muito bem elaborado. Ela acabou me convencendo a tentar. E sem muitas expectativas, participei do concurso.

Olha eu bebendo mais um gole da cachaça magistério!

Em 2000 terminei a faculdade e no ano seguinte, quando nem mais lembrava, fui convocada para ser professora de Niterói e aqui estou há pouco mais de 20 anos trabalhando nesta rede.

Neste período de serviço público, no qual, em sua maioria, atuando com a Educação Infantil, tive a oportunidade e não hesitei em concorrer a uma vaga no curso de Especialização em Pedagogia da Infância que a Fundação Municipal de Educação, por meio da parceria com uma Faculdade Particular, disponibilizou em 2005 para docentes desta etapa.

Conquistei a minha vaga e sigo me formando na ação! Mais um gole da cachaça!

Ao pensar neste presente texto, me dou conta que a Educação Infantil despertava meu interesse desde bem cedo. Na graduação desenvolvi meu estudo monográfico cujo título “Revendo o passado para compreender o presente e projetar o futuro: refletindo sobre a construção do conhecimento na pré-escola”, como uma forma de confrontar a teoria aprendida na universidade e prática que eu tinha naquela etapa. Na especialização permaneci pensando sobre esta etapa e procurei entender quais são as representações sociais da Educação Infantil e o título do meu trabalho foi “Isto e aquilo: as diferentes representações sociais da Educação Infantil”.

A Educação Infantil é mais um retalho da minha colcha. Somos partes uma da outra!

O quanto de interesse ainda tenho por esta etapa! Uma etapa que é tão jovem em estudos! Que somente há pouco mais de trinta anos começou a receber nossa atenção. Etapa que algumas vezes erroneamente não é compreendida como suas especificidades e importância.

Após concluir a especialização em 2007, a minha formação acadêmica teve uma pausa e a formação continuada esteve ainda mais lenta devido às demandas profissionais e familiares.

Em 2009 solicito transferência de escola e no mês de setembro chego a uma UMEI recém-municipalizada, onde, até então, ficaria somente por três meses. Em dezembro do mesmo ano, recebo o convite para assumir, a partir do ano seguinte, a direção adjunta da unidade, algo que nunca pensei ou tivera interesse em fazer.

Lembram que no início desta narrativa, disse que fui alertada que o magistério era uma cachaça? Pois bem, acho que ao responder a tal convite estava sob seu efeito e disse SIM, sem pensar em nada.

Neste período a atividade profissional era muito intensa. A escola tinha poucos funcionários, a diretora-geral prestou outro concurso, saiu da unidade e eu trabalhei sozinha por um ano, até ter uma direção adjunta. Eu permanecia praticamente 11 horas por dia na escola. Abria e fechava o prédio, atendia famílias e ao telefone, fazia matrículas, respondia documentos, participava de reuniões, enfim chegava à casa exausta. Minha formação limitou-se às atividades obrigatórias da minha função.

Com o passar do tempo, a escola foi se organizando e eu dividia minha rotina entre o trabalho e os cuidados com a minha mãe que já apresentava uma saúde mais debilitada. Conciliar as demandas estava cada vez mais corrido, o que começou a me causar insatisfação. Então, decido encerrar um ciclo profissional de aproximadamente sete anos.

Deste modo, em 2018 permaneci na unidade e retorno à sala de aula para me dedicar mais aos cuidados com a minha mãe. Assim, trabalhei por quase dois anos com redução de carga horária,

enquanto minha mãe esteve comigo fisicamente. Pela manhã estava na escola e tarde me dedicava aos cuidados a ela.

Em meados de 2019, surge a oportunidade de morar em outra cidade, Maricá. A fim de melhor administrar o tempo, desejei trabalhar em uma unidade que fosse próxima a minha nova residência, não precisando ficar horas no trânsito e evitando momentos de estresse. Então, pesquisei no Google Maps quais seriam as possíveis escolas. Solicitei minha saída da atual escola, participei do concurso interno de remoção e consigo transferência para uma UMEI em Itaipu, a mais próxima da minha residência. Era só felicidade! Um novo tempo em minha vida! Novo local de trabalho, nova residência. Novas oportunidades!

E assim minha narrativa chega ao ano de 2020 e à UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel. Começo a trabalhar e pouco mais de um mês, o mundo parou devido à pandemia do COVID – 19. Desta forma, a minha experiência pedagógica, de modo presencial, no novo ambiente de trabalho, foi muito pequena. Quando eu estava começando a me ambientar ao espaço e às pessoas, foi preciso realizar o isolamento social, como norma de segurança.

Assim, houve o fechamento da escola, devido às novas exigências sanitárias. E enquanto pensávamos em estratégias de interação com as crianças, busquei algo para “ocupar o tempo” e, por meio das redes sociais e da internet, procurei retomar minhas leituras há tanto tempo esquecidas.

Neste contexto, de uma nova reorganização mundial, busco me aprofundar em leituras que auxiliem a minha prática com crianças pequenas diante de uma educação remota, o que para mim seria impensável até anos atrás.

Trago uma fala de Paulo Freire, extraída de seu livro *Pedagogia da Autonomia*, que considero oportuna, não só para esse momento, como para a minha trajetória enquanto professora pesquisadora:

Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (1996, p. 14)

Nos primeiros meses de pandemia, ficamos atordoados com a incerteza dos dias vindouros. Tivemos momentos de silêncio e muitas dúvidas. Uma enxurrada de notícias repletas de tristeza nos chegava a cada minuto. Não sabíamos o que fazer! E o sentimento de impotência nos tomava por completo. Como poderia a escola, o mundo, a vida parar?! Foi preciso um tempo para nos reestruturarmos e pensarmos estratégias para que a escola de alguma forma pudesse atuar e chegar às suas crianças e famílias.

Após reuniões pedagógicas remotas com o grupo de profissionais, decidimos criar para a UMEI um canal no YouTube¹ objetivando não perder o vínculo com a comunidade escolar e nos aproximarmos, mesmo que virtualmente dela.

Foi um superdesafio!

Eu nunca tive proximidade com a tecnologia e achava que isso era muito distante para minha realidade. A solução? Investir na minha formação! Agora se fazia urgente me apropriar desse recurso e buscar entender como eles me auxiliariam neste novo momento com as crianças.

Posteriormente, sob as orientações da Fundação Municipal de Educação, iniciamos os encontros afetivos de cada professor e seu grupo de referência. A partir daquele momento o desafio era semanal. Era preciso pensar atividades que atraíssem a atenção das crianças e que fossem significativas para ela.

Não foram tempos fáceis!

Com toda essa rápida mudança vivida mundialmente e, em especial, na educação, me questiono mais uma vez sobre a minha prática pedagógica neste momento que vivemos. Não desconsidero

¹ Disponível no endereço: <<https://www.youtube.com/channel/UCbmevx3mJAhRSPBEf2OxDMQ>>

os efeitos desses encontros remotos, é muito bom ver cada rostinho toda semana, a apropriação de cada criança sobre esse recurso, o desenvolvimento de sua fala, da compreensão sobre o que falamos. Não é o que eu desejaria vivenciar, mas é o atualmente possível. Mesmo com minhas limitações e me sentindo tolhida quanto aos recursos materiais neste cenário, busco me dedicar ao máximo, não desanimando frente à frustração de não poder ver todos os alunos, já que por várias circunstâncias suas famílias não conseguem acessar os encontros.

Paralelamente à minha busca por estratégias remotas junto às crianças, comecei a pensar possibilidades de continuar a minha formação acadêmica. Vontade essa que surgiu como mais um retalho a se juntar à minha colcha de retalhos.

A formação continuada e acadêmica é muito incentivada pela Equipe de Articulação Pedagógica da UMEI. Nesta unidade, percebo o quanto as pessoas abordam o conhecimento como algo a ser adquirido por todos. Não existem segredos, egoísmo, o só querer para si a possibilidade de estudos. Neste contexto, me motivei a pensar que eu poderia me aproximar da academia. A partir de então, cursei disciplinas como ouvinte, participei de cursos de extensão, grupo de estudo e tenho a intenção de realizar uma especialização *stricto sensu* que dialogue com a minha ação pedagógica na Educação Infantil.

Seguirei em formação acreditando na Educação Infantil das trocas, do toque, do movimento, do olho no olho sem ter uma tela nos separando. Mas, enquanto isso ainda não nos é permitido, vamos mantendo nosso contato virtual com as crianças.

Estamos em 2021, mais de um ano se passou do início da pandemia e apenas algumas crianças de 4 e 5 anos retornaram ao ambiente escolar. O grupo com o qual trabalho tem entre 2 e 3 anos e ainda está em atividade remota.

A expectativa é enorme quanto ao retorno presencial de todas as crianças. Quanta saudade da escola barulhenta, risonha!

Enquanto isso ainda não acontece sigo esperando por dias melhores!

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIZZIMENTI, Cris. **Sou feita de retalhos**. 2017. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/pnaic//files/2018/06/Sou-feita-de-retalhos-Cris-Pizzimenti.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2022.

A VISTA DE CIMA DO MURO: COMO CHEGUEI AQUI

Maria Inês de Azevedo Ventura

*O que faz a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar
a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os
caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.
(Mia Couto)*

As lembranças que tenho de cima do muro contam histórias clandestinas de uma infância com marcas do vivido, da experiência e do acaso. De cima do muro tecia o sonho de ser professora, ao observar as aulas de uma jovem professora no fundo do quintal de sua casa. Soletrando o alfabeto e juntando sílabas, o mundo da escrita se vislumbrava aos olhos curiosos da criança clandestina, que de cima do muro de sua casa conhecia o mundo.

As crianças são atraídas por desafios, isso é uma verdade, mas “as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas” (BENJAMIN, 2012 p. 17). Em cima do muro acontecia minha primeira experiência sobre o trabalho, por meio da observação e da imitação da professora. O muro era meu canteiro de obras.

Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que propõe materiais de espécies muito diferente, através daquilo que eles aprontam no brinquedo, em uma nova, brusca relação entre si. Com isso as crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas (BENJAMIN, 2012, p.17).

O trabalho estava presente naquela ação do brincar, atraída pelo som residual da voz da professora, começava a compreender a relação entre o mundo dos adultos e o mundo do trabalho. Durante meses a fio, meu canteiro de obra foi o muro que dividia minha casa da casa da professora de onde todos os dias eu assistia a suas aulas, sem ser notada, escondida entre os escombros, aprendi a ler e a escrever.

Nem toda experiência deixa marca, resíduo, traz fragmentos da memória. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2016, p.18). Sendo assim a experiência é marca do vivido, não acúmulo, ela altera e modifica nossa relação com o mundo e com os indivíduos.

Existem espaços que libertam e transcendem. O muro foi à trincheira de uma “infância da experiência”. “O que pode ser uma experiência que só a linguagem sustenta” (SOUZA, 2009, p.193). A linguagem que se transforma em sentidos múltiplos

é na linguagem e pela linguagem que o homem constitui a cultura e a si próprio. Assim sendo não é fora da linguagem que devemos procurar os limites da linguagem, mas na própria linguagem; entretanto, fazer uma experiência desse gênero só é possível onde às palavras desaparecem dos lábios. (*idem*, p.192).

O desaparecimento das palavras dos lábios de quem aprende é uma experiência doída, uma busca interna, uma luta, a linguagem vai além dos códigos convencionais, ela é construção de sentidos, troca de afeto, criação e recriação, transformar língua em discurso, informação em conhecimento. “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2016, p.18).

A modernidade trouxe o advento da tecnologia, transformando os sujeitos em agentes da informação, a internet, as redes sociais, os jornais e todo aparato dos meios de comunicação transformaram a sociedade em “sociedade de informação”.

Concordando com Larrosa informação não é experiência, absorvidos pela máquina do capital e do consumo perdermos segundo Benjamin (1996) a capacidade de intercambiar nossas experiências. A experiência está em vias de extinção.

A experiência perde sentido com a vida moderna pós-revolução industrial. “Dessa forma, o declínio da faculdade de intercambiar experiências determina a extinção da arte de narrar, já que a narração não é apenas produto da voz, mas de tudo que é aprendido na vida social” (KRAMER, 2007, p. 53). Minha história profissional está impregnada por essas marcas, esses vestígios de experiências da infância, foram construídos e perpassaram pelas inúmeras conexões com outros ouvintes. “Ouvinte e narrador partilham de uma coletividade, de uma experiência comum (p.53)”.

Segundo a Larrosa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção. Um gesto quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (2016, p. 25).

A criança que caminhava por cima do muro era um observador da paisagem, parava onde algo chamava sua atenção, gostava de flunar sem pressa, sua Paris era uma faixa de cimento frio, duro, sem cor, ela gostava de se apoderar do momento. Benjamin escreveu ensaios sobre Baudelaire nas suas andanças pelas galerias de Paris, observador que caminhava sem presa, apreciando o que estava a sua volta, jogado ao ócio e a vadiagem ele ia construindo imagem sobre a estética atenta às histórias dos transeuntes, dos lugares. O *flâneur* é uma extensão da cidade e passa a observá-la com lentes de mistérios, criação e possibilidades, ele se utiliza da sua experiência para explicar

os fenômenos do seu cotidiano, ele é um colecionador sensações, um apanhador de sonhos.

A criança do muro era ouvinte e apreciadora de histórias, ao se deixar “gravar com o narrado” (QUEVEDO, 2008, p.108), ela também se torna narradora de outras histórias. Walter Benjamin ao descrever sua infância em Berlim, narra com detalhes paisagens, ruas, móveis, espaços públicos, cômodos de sua casa, suas impressões sobre os acontecimentos vividos. Relata uma infância da experiência cercada por imagens de pensamento, ficção, realidade, livros de histórias, objetos, penduricalhos, sabores, cheiros que revelam fragmentos que marcam temporalidades da sua infância.

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios (BENJAMIN. 2012, p.73).

Os vestígios da infância que deixam marcas e criam labirintos de lembranças se apaga com o tempo, a memória pode ser frágil como um graveto, mas tem o poder de retornar em forma de experiência. A obra de Benjamin é uma viagem no tempo, uma imersão, um desafio, um encontro que vira desencontro quando me deparo com a complexidade, profundidade, beleza, incompletude de sua obra. Seus textos abrem inúmeras possibilidades de compreensão e interpretações, esse é seu diferencial, seu estilo literário é quase um labirinto, se for pelo caminho errado perde o sentido de suas palavras caindo num desfiladeiro.

O passado não desaparece. Ele retorna como uma onda vai crescendo em forma de memória. “Lembrar de si a fim de transcender o espaço privado da memória, foi uma marca deixada

pela reflexão filosófica que supera a finitude do eu e alcança o histórico” (FERREIRA, 2009, p.130).

A imagem de cima do muro fazia meu corpo tremer. Era uma escola presente no afeto, no sonho. O corpo de cima do muro tinha uma visão sublime, uma miragem, um olhar sobre um todo multifacetado, um universo de sentidos que se ressignifica a cada momento. Recordar o tempo é como fazer uma viagem de retorno àquela época, o vivido necessita ser narrado. Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (BENJAMIN, 1987, p.187).

A escola pode ser considerada como espaço de produção de cultura e experiências, espaços de trocas, de interações e de mediações, mas também espaços de disputas, de exclusão e de violência. O canteiro de obra de que fala Benjamin é o lugar das coisas, das descobertas do mundo, da percepção e do afeto. Entretanto, se considerarmos a categoria experiência como elemento para compreendermos as relações entre as pessoas e o mundo e sua transitoriedade nas mudanças ocorridas no tempo, podemos entender as múltiplas possibilidades do trabalho docente,

Concordando com Larrosa:

É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer que sabemos coisas que não sabíamos, que temos tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. (2016, p.19)

O que escrevo está escrito em mim, dentro de mim, armazenado em minha memória, fruto das minhas experiências. A certeza de que somos constituídos por nossas experiências reafirmam minhas escolhas ao longo da minha trajetória humana e

profissional. O vivido diluído se transforma dando outros significados a fatos, memórias, experiências. Porque como diz Clarisse, ao viver deixo corpos pelos caminhos, rastros, pequenos pedaços de nós, que se juntam nas tramas do cotidiano. Minha escolha é de certa forma o resultando desses corpos pelo caminho.

Ao escrever sobre minha experiência de cima do muro, de certa maneira, abro diálogo para esses corpos deixados pelo caminho. As questões que ainda me mobilizam enquanto educadora da rede pública de Niterói, atravessam meu percurso deixando fragmentos desses corpos. Todo processo de construção da minha trajetória profissional começou em parte de cima do muro, porque ao ser afetada pela experiência daquela professora, tive a certeza do desejo de ser professora dos anos iniciais, foi a partir dali que começo a construir minha docência.

E foi em 1980 que tudo de fato acontece, com a minha tão sonhada formatura no Curso de Formação de Professores do Instituto Ismael Coutinho (IEPIC), confesso que no início do exercício de minha docência tive dificuldade na compreensão da complexidade do fazer pedagógico com as crianças da classe de alfabetização da rede particular e pública.

Minha primeira experiência profissional foi em 1981, na Escola Monsenhor Uchôa em Tenente Jardim. Era um casulo aprisionado numa prática reprodutora, que aprisionava corpos e mentes. Naquele momento acreditava que alfabetizar era somente ensinar letras, sílabas e sons, por meio de exercícios repetitivos e leituras desconexas das famílias silábicas. A cartilha “Caminho Suave” era minha Bíblia, meu recurso, minha segurança, não entendia a alfabetização enquanto processo permanente e contínuo do desenvolvimento dos sujeitos. Nunca tinha ouvido falar de Paulo Freire e seu método de alfabetização de adultos, meu trabalho era pautado na repetição, mecanização e instrumentalização da leitura e escrita.

Dentro do casulo reproduzi, por alguns anos, o ideário da escola mecanicista. Os cadernos tinham que ter carimbos de bichinhos com palavras de ordem, do tipo: você é capaz, melhore a

letra, atenção, capriche mais etc. Não se discutiam a importância das histórias, as múltiplas linguagens, a concepção de infância. A criança era tratada como um objeto, sem história, vazia de sentimentos e emoções, uma tábula rasa, um depósito de informação.

Eu nunca me sentei com meus alunos para fazer a roda de conversa, para escutar suas vozes, seus sentimentos e vontades, isso não era importante. Os livros didáticos adotados era prioridade absoluta, os pais cobravam seu uso diário, à direção as atividades mimeografadas de controle motor e as atividades de casa. Lecionei nessa unidade até 1986, quando entrei para a rede municipal de educação de Niterói.

Foi a partir desse evento que a menina retorna a sua experiência de cima do muro, também é o início do seu processo de metamorfose e da construção da sua identidade docente. O casulo transforma-se em borboleta, a lagarta foi deixada pelo caminho na tessitura de novos sentidos no exercício da docência.

Minha primeira lotação foi na Creche NÓS Odilo Costa Neto. Essa unidade pertencia a Secretaria do Bem Estar Social. A maioria dos funcionários não tinha formação no magistério. Conseguir a vaga porque implorei a funcionária responsável na lotação de professores que me deixasse ficar na unidade por um ano, até meu filho ter idade para frequentar escola maternal. Na época ele tinha 4 meses de idade, não tinha com quem deixar e precisava trabalhar na creche próxima a minha casa e com possibilidade de matriculá-lo no berçário. O acordo foi cumprido e em maio de 1987 fui remanejada para a Escola Municipal Ernani Moreira Franco, no Fonseca.

Ao chegar à unidade fui recebida pela diretora que me disse a seguinte frase: 'Essa turma tem só 18 alunos, você vai poder fazer um trabalho de professora particular.' Porém ela se esqueceu de mencionar que os alunos não estavam alfabetizados, e a faixa etária era dos 10 anos aos 18 anos, alunos com uma história de fracasso escolar séria. Com baixa estima, problemas sérios de aprendizagem.

Só restava fazer três coisas, voltar para o casulo, reproduzir o ideário da escola reprodutora, mecanicista, Ser lagarta e fazer o que todos faziam, seguindo o método sem refletir sobre o processo da leitura e escrita ou ser borboleta, voar alto, buscar um caminho , um norte para desenvolver meu trabalho com esses alunos.

A menina de cima do muro, não cabia mais no casulo. Ela já tinha construído algumas certezas: As teorias servem para fundamentar a prática, não existe aprendizagem sem desejo, é um processo dinâmico que vai ser resignificando na práxis.

Estava em maio e precisava alfabetizar esses alunos. Como? Qual o método adotar?

As dúvidas eram muitas, na busca de respostas procurei orientação com as professoras que estavam com as turmas de alfabetização. Fiquei surpresa com o método adotado na rede, silabação. O método era em etapas, que ia da primeira a sétima. Não entendia muito a proposta de se dividir a alfabetização em etapas.

Como estava estudando a teoria psicogenética de Jean Piaget através dos estudos da pesquisadora Emília Ferreiro, ainda que muito embrionariamente fosse me aprofundando na teoria e desconstruindo a minha visão de alfabetização mecanicista e fragmentada que desconsidera o saber acumulado do aluno.

Era preciso retorna ao muro para novamente definir minha prática, minha ação pedagógica. Queria desenvolver um trabalho consistente, fundamentado, capaz de alfabetizar um grupo totalmente heterogêneo em pouco tempo. Um desafio que tinha que vencer. Como não sabia? Não tinha receita pronta. A metodologia adotada pela escola certamente não daria conta, precisava então definir uma linha de trabalho eficiente.

A escola pode ser considerada como espaço de produção de cultura e experiências, espaços de trocas, de interações e de mediações, mas também espaço de disputas, de exclusão e violência. A expectativa daqueles alunos era baixa em relação ao sucesso escolar. Era preciso construir um canteiro de obra, que

Benjamin diz ser o lugar das coisas, dos acontecimentos, das descobertas, dos afetos.

A minha negação de não acomodação perante a dura realidade daqueles alunos me aproximou da obra de Paulo Freire, da certeza que o saber-fazer é construído nas trocas de experiências e na compreensão da realidade como algo mutável, o conhecimento é posto sempre a serviço da ação.

Escolhi a pedagogia de projetos como metodologia de trabalho, por trabalhar com a perspectiva de um currículo vivo, construído no coletivo e nas demandas surgidas pelos alunos tendo como base um planejamento multidimensional que agrega elementos do cotidiano, que vai além dos limites da sala de aula, que valorize o protagonismo e os saberes dos alunos acumulados ao longo de suas vidas.

Iniciava minhas aulas sempre com uma história, arrumei as carteiras em círculos, fiz pequenos agrupamentos, cada grupo tinha um desafio diferente para resolver. O conhecimento circulava entre os alunos, não existia a possibilidade de não saber, todos se ajudavam, o individual deu lugar ao coletivo. A cada desafio proposto, os alunos avançavam na proficiência da leitura e escrita.

Ao final do ano todos os dezoito alunos estavam alfabetizados e eu apaixonada pela alfabetização. Trabalhei 16 anos nessa escola como professora alfabetizadora. Investir na minha carreira na busca de um trabalho de excelência. Minha monografia de graduação foi sobre a trajetória do leitor no espaço escolar. Fiz o curso de especialização PROFA, além de participar de grupos de estudos e ser coordenadora do núcleo integrado de alfabetização na escola, que trabalhei até 2002, esse tempo todo trabalhando com classe de alfabetização.

Meu retorno à educação infantil se deu em 2007, na unidade de educação infantil NAEI SANTA ROSA, hoje Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes. Novamente precisei me redefinir enquanto profissional, me inseri ao trabalho da UMEI, foi aí que tive a certeza de que você é fruto de suas descobertas, de suas experiências, do seu inventário social, cultural e histórico.

Exerci o cargo de professora de 2007 a 2010, nesse período fiz pós-graduação em Educação Básica na modalidade Gestão Escolar na UERJ e no ano seguinte ingressei na pós-graduação da UFRJ sobre Especialização em Docência na Educação Infantil.

Exerci por dois anos o cargo de Diretor Adjunto da UMEI Geraldo M. B. de Menezes foi uma experiência reveladora e dolorosa ao mesmo tempo. Nesse movimento de ir e vir, me encontrei com a menina de cima do muro na sua crença de uma educação que seja capaz de romper a barreira da impossibilidade para uma prática de possibilidades, de construções e significados, “na boniteza do achado” (FREIRE, 2014), na convivência entre sujeitos que acreditam na esperança e na educação pública que respeite o conhecimento que adquirimos durante nossa presença no mundo

A menina de cima do muro me ensinou que não há neutralidade na educação, nenhuma prática é dissociada de uma ideologia política, era preciso acreditar na utopia e na impossibilidade, na imprevisibilidade. O canteiro de obra era meu horizonte para avançar cada vez mais na minha formação profissional, para isso era necessário deixar a direção adjunta da UMEI e ir trabalhar na Coordenação de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação.

Um novo desafio se apresentava aos meus olhos e com ele a possibilidade de ampliar minha experiência profissional de outro lugar. Minha função era visitar as escolas de Educação Infantil do polo 7, na Região Oceânica com o objetivo de levar as demandas para a Diretoria de Educação Infantil na tentativa de encontrar alternativas para os problemas dessas unidades. Nem sempre a diretoria encontrava solução para as demandas apontadas pelas direções. Isso, de certa forma, me frustrava, devido à incapacidade de atender as expectativas das direções.

Essa função de coordenadora me conduziu à direção da UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel em 2017 e, com isso, à possibilidade de concluir o mestrado em educação na UFRJ em 2018.

Atualmente estou exercendo de maneira transitória o cargo de diretor da UMEI, a possibilidade de confrontar na prática todo o

conhecimento que adquirir nos meus 36 anos de magistério, nessa unidade estou tendo a oportunidade de dividir com a equipe de profissionais a complexidade e o desafio de uma gestão participativa e democrática, que tem como pressuposto fundamental o consenso e o diálogo permanente entre a ação-reflexão-ação.

O encontro entre o casulo, à lagarta e a borboleta foi o retorno ao muro, daquela menina que continua observando a passagem do tempo e as transformações da sociedade. A menina do muro transitou por múltiplos espaços, foram muitas experiências ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional.

O tempo é um elemento poderoso, transformador da história. “Há uma concepção da história que, confiando na eternidade do tempo, só distingue o ritmo dos homens e das épocas que correm rápida ou lentamente na esteira do progresso” (BENJAMIN, 1986, p.151). Entre o tempo passado e o presente existe o tempo dos acontecimentos, das experiências e trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos históricos. O tempo das coisas e acontecimentos desafia a esteira do progresso a partir da lógica da partida.

O olhar para o passado me trouxe ao tempo do agora, da memória, da experiência, da temporalidade, da finitude e do acaso, foi a visão do muro que agenciada por meio da experiência da infância e da paixão transformadora da realidade tem me ajudado a explicitar e a revelar indícios sobre meu papel no mundo e na sociedade, enquanto sujeito de sua própria história.

Referências

- ARROYO, Miguel: **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**: 15^a ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única-infância berlinense**: 1900. Obras escolhidas II. BARBOSA, José Carlos Martins; TORRES FILHO, Rubens Rodrigues (Trad.). 6^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. Obras escolhidas I. ROUANET, Sergio Paulo. (Trad.) São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas cidades Editora 34, 2002.

Enfoques em diálogo. Campinas: Papyrus 2011.

FERREIRA, Marcelo Santana. Uma varanda na África: quando o corpo é também continente. In: JOBIM, Solange e Souza; KRAMER Sonia (org). **Política Cidade Educação**: itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC, 2009.

FERREIRA, Zenilda. Tempos e espaços para brincar: o parque como palco e cenário das culturas lúdicas. In.: ROCHA, Eloisa A, C., KRAMER Sonia. **Educação Infantil**

FREIRE, Adriani. Formação de educadores em serviço: construindo sujeitos, produzindo singularidades. In.: KRAMER, Sonia [et al] **Infância e educação infantil**. Campinas: Papyrus, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um encontro com a Pedagogia do Oprimido. 21ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOBIM, Solange e Souza; KRAMER, Sonia. **Histórias de Professores**: Leitura e pesquisa em educação. 1ª ed. São Paulo: Ática. 2003.

JOBIM, Solange e Souza; KRAMER, Sonia. **Política Cidade Educação**: itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC, 2009.

KRAMER, Sonia (org). **Infância e educação infantil**. 11ª ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2011. (coleção prática pedagógica)

KRAMER, Sonia. **A Política do Pré-escolar no Brasil**: A arte do disfarce- 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras arma e sonha na escola**: São Paulo: Ed. Ática, 2007.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina. **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. São Paulo: Papirus Editora, 2017.

LANTER Ana Paula. A política de formação do profissional de Educação Infantil: os anos 90 e as diretrizes do MEC diante da questão. *In.*: KRAMER, Sonia [et al] **Infância e Educação infantil**. Campinas: Papirus, 1999.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. ANTUNES, Cristina; GERALDI, João Wanderly (Trad.). 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SER PROFESSORA NÃO É DOM, É UMA QUESTÃO DE ESCOLHA E FORMAÇÃO

Silvia Leal

Flashes e poucas lembranças me levam a escola da minha infância. Sei que estive lá, mas de poucas coisas me recordo.

Um salto no tempo me faz reviver o frio na barriga da 4ª série, em 1994, quando fui convidada a homenagear Ayrton Senna, que infelizmente faleceu naquele ano. Lembro-me das emoções que pairavam naquela sala.

Daquele tempo, só trago na memória o sorriso da minha professora, seus cabelos volumosos e o prazer que eu tinha em estar ali. Como num passe de mágica, já estava na 8ª série, novamente com a doce recordação de um professor que me arrebatava toda vez que entrava em sala. Adorava suas aulas! O tempo não é palpável, mas as emoções eu sinto no corpo quando lembro.

Minha vida paralela a escola ia se desenrolando como um romance. Nem em sonhos eu conseguiria imaginar o seu rumo. Na verdade, eu não tinha o hábito de tecer planos. Vivía as sensações do presente.

Minha mãe tinha um comércio no qual eu tinha a tarefa de ajudá-la. Enquanto ela estava à frente das vendas, eu estava nos bastidores, auxiliando. Lembro-me de quando bem pequena, ainda sem saber ler e escrever, brincava que era secretária. Pintava todas as letras como se nelas estivesse escrevendo.

Os anos atropelaram os acontecimentos. Os negócios ficaram difíceis e nós nos mudamos para outro bairro, acreditando ser o melhor. Com isso, a mudança de escola foi inevitável. Já no ensino médio, em 1999, fomos a procura de uma escola. A primeira opção foi a formação de professores. Nunca me imaginei em tal função e rejeitei a ideia. Ora, se não tinha paciência nem com os meus familiares, como seria professora? E o dom? Ouvi dizer que para ser professora era requisito primordial ter o dom. E eu claramente não tinha.

Conseguimos então uma escola técnica. Comecei a estudar contabilidade. Eu adorava, porque sempre gostei de matemática. Meu professor favorito e o que me causava pânico era o de matemática. Sem saber, ele me fazia estudar todos os seus conteúdos, antes mesmo de explicar, só porque ele nos mandava ir ao quadro e eu não queria decepcioná-lo.

Enfim, o ensino médio terminou e com ele a minha perspectiva não era das melhores. Não conseguia pensar em como trabalhar com a formação que tive. Estava fadada a ser comerciante como a minha mãe. No entanto, o futuro nem sempre corresponde aos fatos.

Logo que me formei, em 2001/2002, minha mãe adoeceu e em pouco tempo faleceu. Foi uma mudança brusca na rota da minha vida. Regressei ao bairro que morava, mas agora como integrante de outra família, que acabara de se constituir. Fui morar com meu irmão e sua esposa. Naquele instante eu não imaginava, mas estava entrando no universo da educação, do afeto, acolhimento, em todo o sentido da palavra.

Sempre gostei muito do uso das tecnologias e tudo o que me desafiasse. Era eu a fotógrafa, mesmo quando ninguém tinha câmera fotográfica, estava sempre a filmar os eventos da família. E por esse motivo, fui convidada a realizar uma filmagem na escola onde a minha cunhada trabalhava. O evento era a formatura do filho da diretora. No entanto, não era algo simples, porque a escola era e ainda é de difícil acesso. Então eu teria que passar o dia inteiro lá, pois não tinha transporte para voltar para casa.

Chegando à escola, comecei a conhecer o seu funcionamento e todo desdobramento complexo que a sua rotina exigia. Comecei a interagir despreziosamente com as crianças, participando de suas brincadeiras. Quando a diretora me viu atuando com elas, gostou e me convidou para participar de uma seleção para aulas de reforço. Foi a primeira pessoa que me viu com olhar que eu mesma nunca havia pensado. Aceitei de pronto e com o entusiasmo que uma jovem tem ao ser desafiada. Naquele instante passei a fazer planos. Mas nem nos melhores sonhos imaginei como esse caminho seria traçado. Era impossível!

A vaga para o reforço escolar fora preenchido por professoras capacitadas, e a mim coube a vaga de auxiliar de creche. Na época, para essa função não era necessário formação específica.

Comecei então, em 2003, a trilhar por esse caminho sem volta da educação. Éramos duas auxiliares por turma. A parceira com a qual dividia as responsabilidades da turma era formada na área. E apesar de não ser uma pessoa de boa convivência, me ensinou bastante. No percurso da nossa convivência, resisti em não desistir. Sabia que aquilo não era para mim. Pelo menos, era assim que eu pensava. Porém, não era mais uma opção. Eu precisava trabalhar.

Ao final do ano letivo fiquei doente. Estava estressada! Eu pensei por vários momentos - educação é isso? Como disse, gosto de tudo que me desafia. E a educação me desafiou. Quando ingressei nesse mundo, não tinha ideia do quão complexo seria. Mas me senti atraída a fazer e a ser diferente.

A instituição na qual trabalhava, tem uma parceria com a Fundação Municipal de Educação de Niterói. É uma creche comunitária. Além de estar voltada para as questões sociais e compreender o sujeito como um todo, se preocupa em formar os seus profissionais. Foi no chão dessa escola o meu primeiro contato com a teoria, que fundamenta e diferencia a nossa prática. Foram os temas estudados exaustivamente, as reuniões semanais, os debates, os trabalhos em grupo que me fizeram acreditar que só a prática não faz a diferença. Vislumbrei um futuro...

Entrei para a Universidade Salgado de Oliveira, em 2005. Na época havia uma parceria entre a faculdade e a Fundação Municipal de Educação de Niterói, aproveitei o momento e arrisquei. Não o fiz porque ganharia mais financeiramente, mas porque entendia que eu precisava melhorar o trabalho que tinha começado. O encantamento arrebatador de vivenciar no dia a dia a teoria discutida na faculdade me fez querer fazer o melhor que eu podia naquele momento. Muitos acertos e erros ao longo desse caminho, mas com a certeza de que educação não é dom, é formação. Boa parte do que carrego comigo vem do chão daquela escola. A primeira que me impulsionou a dar um salto para a minha

profissão. Foram seis anos de muitas descobertas. Crianças que vi crescendo e com elas eu cresci também.

Fui com toda a minha bagagem, achando que era muito, trabalhar em outra escola. Dessa vez, uma instituição particular. Em 2010 já estava formada na faculdade e estacionada lá. O que eu levava para essa nova era somente a experiência riquíssima que adquiri ao longo desses anos. Mas será que era o suficiente? Por um bom tempo foi.

No entanto, houve um período que me senti sufocada, com um vazio imenso e com a dúvida se o que eu fazia era de grande valia para mim e para os outros. As formações continuadas já não eram mais uma prática. Estar em constante aprendizado não era um requisito necessário e obrigatório. Então me acomodei. É claro que a responsabilidade é totalmente e somente minha. Por isso, resolvi que não podia parar e retomei meus estudos e com ele o hábito da leitura. Parece que o horizonte fica mais limpo. A visão mais nítida e a coragem de mudar o mundo fica gigante. Com passos de formiguinha comecei a estudar para concursos, porque ali já não era mais o meu lugar. Precisava alçar novos voos.

E aqui estou, na educação pública, acreditando nas suas potencialidades e me permitindo ser fundamental para isso. Não foi uma tarefa fácil. Muitas tentativas, expectativas frustradas, dias e dias estudando. Cheguei a ouvir que era bobagem fazer concursos, porque os profissionais fazem o que querem e não têm compromisso com as crianças, com o trabalho. Mas a realidade foi completamente diferente. Deparei-me com profissionais que pensam e entendem que para fazer diferente, temos que ser diferentes e persistentes. Em 2019, quando ingressei na rede pública de Niterói, senti-me como regressando à casa, pois foi em parceria com essa rede, que dei os meus primeiros passos. Escolhi sem conhecer a UMEI Paulo César de Almeida Pimentel. Era a mais próxima da instituição particular que continuava a trabalhar. Após a escolha, chegou o dia da apresentação. Assim como eu, outras professoras estavam chegando para integrar a equipe. Tudo era muito novo e surpreendente.

Na primeira reunião do ano letivo, percebi o quanto poderia crescer e amadurecer o meu trabalho e experiência fazendo parte dessa unidade. Observei muito entrosamento das profissionais que ali estavam e, principalmente, o comprometimento e paixão pela gestão daquela escola. E ao longo do ano, as minhas expectativas foram sendo supridas e ganhando mais energia quando participava das relações e complexidades do cotidiano escolar. Retornava em mim o encantamento que me arrebatou anos atrás pela educação, pois via na UMEI um espaço de formação e respeito às crianças, às infâncias e ao trabalho docente.

Como todo ano que se finda, 2019 chegou ao fim e 2020 estava para ser surpreendente. O frio na barriga era inevitável, afinal, teria uma nova turminha. Mas a surpresa não foi tão positiva. Estávamos no momento de adaptação na escola quando fomos obrigados a nos distanciarmos e rompermos com todo e qualquer contato físico. O toque, o olho no olho, o afago que acolhe, o colo, já não eram possíveis.

Ficamos por um tempo sem saber como reagir. Como acolheremos as crianças pequenas? Como manteremos o vínculo com a escola, se agora temos que ficar distantes? Não encontramos as repostas tão logo desejamos, mas aos poucos fomos dando sentido ao nosso trabalho e ressignificando a nossa prática. Mantivemos contato por meio de telas. Quilômetros de distância nos separavam, no entanto, a equipe tornou-se muito mais unida, coesa. Os laços de amizade estreitaram-se e foi possível sentir uma energia positiva em meio ao caos que o mundo vivia. Passamos por um momento de perda de uma funcionária na nossa UMEI. Fomos acometidos por um desânimo, um desassossego, mas a conexão que mantínhamos não foi só pelas telas, WI-FI, o nosso fio condutor continuou sendo a esperança do verbo esperar (Paulo Freire). E assim seguimos, esperançosos. Usamos o tempo a nosso favor. Participamos de formações, lemos, aprendemos a trabalhar com uso das tecnologias, preparamos vídeos para o canal que criamos no YouTube. Enfim, fizemos a engrenagem da educação girar, a despeito de muitos que criticavam a nossa atuação e profissão.

Em outubro começamos os encontros afetivos. Esse era o nome dado para os encontros on-line com as crianças. Toda semana passamos a nos ver. A expectativa era sempre muito grande. Antes de nos sentarmos em frente ao computador, trabalhávamos horas e horas pelo WhatsApp, trocando informações, experiências, descobrindo formas de melhor atender àquelas que agora estavam longe de nós, as crianças. Afinal, entraríamos em suas casas, na intimidade de suas famílias.

Embora as palavras sejam para nomear fatos, coisas, sentimentos, são indescritíveis os momentos que vivenciamos nesse período de 2020 com as crianças. Não há palavra que descreva o quão gratificante foi estar com elas nesse período.

O nosso ano letivo de 2020 terminou no ano de 2021, assim como demos início ao próximo. Somente no mês de agosto, pudemos retornar à escola. As crianças de 5 anos foram as primeiras a regressarem. A escola voltou a ser um espaço de (re)encontros e (re)descobertas. Redescobrimos um novo jeito de acolhê-las. E embora não pudéssemos tocar, abraçar, beijar as crianças, o nosso olhar de felicidade foi um jeito genuíno de mostrá-las que estávamos com saudade e que era muito bom tê-las ali.

Foi um período de muita troca. As crianças estavam ansiosas por explorar os espaços da escola novamente, de rever os amigos, as professoras. Os olhinhos brilhavam de tanta curiosidade. Apesar de termos voltado presencialmente, continuamos com os encontros afetivos, priorizando àquelas que não puderam voltar.

Revivi grandes momentos de aprendizagem ao narrar um pouco dessa trajetória. Sou uma grande questionadora do sentido da minha prática. Essa sensação de incompletude, de inacabado é bússola que me guia para aprender e ensinar. Para a minha sorte, meu caminho se cruzou com outras trajetórias, outras fontes de aprendizagem, outras histórias. E entendi que a educação não se faz solitária como eu imaginava, se faz em rede, conexões, entrelaçamentos de ideias e ideais.

MEMÓRIAS DO PASSADO QUE NOS TRAZ PARA O PRESENTE E NOS FAZ PLANEJAR O FUTURO

Millena Guerra Lourenço Nunes Maia

O desafio de escrever a narrativa da minha trajetória se dá à medida em que mais do que revelar de onde vim, por onde passei e para onde desejo ir. É manter um diálogo entre as memórias da trajetória trilhada por mim e a possibilidade de problematizar questões que sejam relevantes para outras pessoas.

Neste sentido, acredito que toda trajetória percorrida por cada ser humano seja constituída ora por caminhos pedregosos e espinhosos e ora por caminhos mais planos e fáceis de serem trilhados onde a multiplicidade de cores, de formas, de odores e sabores tornam-se mais atraentes aos nossos sentidos e, por isso, vamos passando por esses caminhos de maneira mais prazerosa. Assim é a vida de boa parte da população, seja na infância, na adolescência, na fase adulta; seja em casa, na escola, na universidade, no trabalho. Em todos os momentos das nossas vidas, somos desafiados a dar vários passos à frente visando a realização pessoal/profissional.

E assim tem sido minha trajetória neste mundo!

O papel da escola na minha vida

Meus pais se separaram quando eu tinha um ano de idade e, desde então, minha mãe precisava se ausentar o dia inteiro para trabalhar, pois era o arrimo da família e, por este motivo, fui cuidada por múltiplos personagens como amigos, familiares ou pessoas indicadas por amigos, que acabaram por me oferecer uma infância bastante vulnerável física e emocionalmente.

Foi uma fase de poucas possibilidades, poucos acessos, onde eu precisava me adaptar às realidades de cada adulto que cuidava de mim. No entanto, Ferenczi aborda a necessidade da família adaptar-se à criança, na medida em que o adulto já foi criança um dia e “voltar” a esse tempo é muito mais fácil do que a criança tentar pensar e agir como o adulto. Segundo o autor,

a adaptação da família à criança só pode iniciar-se se os pais começam a *compreender-se melhor eles próprios* e assim chegam a adquirir uma certa representação da vida psíquica dos adultos. [...] Assim, o primeiro erro dos pais é o esquecimento de sua própria infância (FERENCZI, 2011, p.02, grifos do autor).

Confirmando a citação de Ferenczi, de fato o grande equívoco que os adultos que estão em contato com as crianças podem cometer é o esquecimento de sua própria infância?! Pois é fundamental que o adulto apreenda sua própria infância para compreender melhor as questões vividas pelas crianças.

Neste sentido, quando pude frequentar a escola foi uma alegria na minha vida! Lá eu podia ser criança e viver como criança. Fui matriculada pela minha mãe na Educação Infantil da Escola Municipal Júlia Cortines, pertencente à rede de Educação de Niterói/RJ, e brincar de ser a motorista do trenzinho que tinha lá – o trenzinho era formado por manilhas largas, grandes e coloridas e o dinheiro eram as folhas das árvores – era o momento mais feliz para mim. Como eu amava aquela escola, as minhas tias com suas vozes lindas e suaves no falar, no contar a história e no cantar, e os meus amigos!

O Ensino Fundamental também foi muito significativo para mim! Com a nomenclatura atual, estudei na Escola Estadual Manuel de Abreu (hoje chama-se Colégio Estadual) do primeiro ao nono ano, e foi lá que criei as amizades mais marcantes. O tempo passou, não encontrei mais os meus amigos daquela época, mas eles estão guardados nas minhas memórias e no meu coração; sei o nome e tenho uma história vivida com cada um deles... Nossa, como é bom

relembrar esse momento... Que saudade... Não aguentei e chorei... Queria voltar no tempo para reviver tudo novamente!

No Manuel de Abreu tive professores apaixonantes. Foi lá que dei meu primeiro “selinho” e aprendi a matar aula... Era bom e dava sensação de liberdade! Mas foi lá também que passei pelo caminho pedregoso quando eu estava em sala no quinto ano e pedi algo para a tia no primeiro dia de aula... Ela olhou para mim e disse com toda rigidez “NÃOSOU SUA TIA, SOU SUA PROFESSORA”. Pobre Paulo Freire, deve estar se debatendo no túmulo com tamanha falta de sensibilidade na interpretação do seu livro “Professora sim, tia não”. O Ensino Médio foi cursado no Liceu Nilo Peçanha com algumas lembranças boas, mas nada que se compare as experiências vivenciadas nas escolas anteriores. Pois acreditem, ainda hoje quando passo em frente ao Julia Cortines e ao Manuel de Abreu me arpejo toda e morro de saudades de um tempo que não volta mais!!!

Ao resgatar as memórias acerca da trajetória trilhada ao longo da Educação Básica, desejo trazer para a reflexão a multiplicidade de infâncias que encontramos nas escolas, na sociedade. Crianças nas ruas, em hospitais, em orfanatos, que trabalham; crianças com famílias estruturadas, que possuem casa para morar e não precisam trabalhar; crianças amadas e crianças rejeitadas. Uma multiplicidade de realidades referentes ao ser criança!

Em alguns espaços a criança é vista como sujeito socialmente discriminada, numa realidade que não concede protagonismo às infâncias e prioriza o controle pelo mundo adulto. Em outros, a criança aparece como agente importante na sociedade, que é valorizada e incentivada a expressar seus pensamentos, sentimentos e necessidades.

Assim, “ser criança” varia entre sociedade, culturas e comunidades, pode variar no interior da fratria de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica e com a definição institucional da família dominante em cada época (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 17).

Neste sentido, destacamos a importância da cultura de pares, pois o fluxo das descobertas infantis é imenso, inesgotável, múltiplo e dinâmico. Pensar na cultura de pares é possibilitar a ampliação das vozes infantis e o alargamento da escuta das falas que as crianças trazem consigo. Conforme define Corsaro (2011, p. 128) “a cultura de pares se caracteriza como [...] um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com os demais”.

Em uma era de tanto desenvolvimento tecnológico, muitos acreditam que a escola parou no tempo, não avançou, não se desenvolveu. No entanto, creio que um grande avanço que a escola poderia ter tido, foi trazer para o debate a necessidade de ampliar o olhar para os educandos; compreendê-los como sujeito social, cultural, produtor de cultura tanto quanto os adultos que se relacionam com eles. A importância da escuta sensível, o olhar atento e parafraseando o pensamento de Spinoza (2010), possibilitar que o outro me afete, me toque e me mobilize em direção ao fazer, ao mundo da ação. Por isso, como afirmam Pinto e Sarmento, é importante

pensar a escola como o espaço privilegiado de olhar as crianças como protagonistas; olhá-las por elas mesmas; entender o universo da criança pelas crianças, contemplando todas as suas dimensões humanas, percebendo-as como seres integrais, com plenos direitos. Direitos de proteção, de provisão e de participação (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 19).

Considerando esse protagonismo infantil e a imagem da criança potente, é fundamental que os educadores das infâncias ampliem sua capacidade de escuta. Neste sentido, para Rinaldi

a tarefa do educador é de criar um contexto em que a curiosidade, as teorias e a pesquisa das crianças sejam legitimadas e ouvidas, um contexto em que as crianças se sintam confortáveis e confiantes, motivadas e respeitadas em seus processos e percursos cognitivos e existenciais. Um contexto em que o bem-estar seja a expressão

dominante, um contexto de escuta em diversos níveis, cheios de emoção e entusiasmo (RINALDI, 2012, p.28).

É importante entender a criança como um ser que participa, que tem parte no processo, e não que está à espera de alguma participação neste processo.

Ingressando no mundo adulto

E assim o tempo foi passando... Findado o Ensino Médio, comecei a trabalhar aos dezoito anos. Cursei um ano de Administração de Empresas em uma universidade particular, tranquei o curso para cursar o pré-vestibular. Sai do emprego e ingressei em uma universidade pública. Meu ingresso no mundo acadêmico teve início em 1999 quando prestei vestibular para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e no ano seguinte ingressei no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Em 2007 obtive o título de Especialista em Educação Infantil, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e em 2011, o de Especialista em Gestão do Trabalho e Educação em Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ). Nesses variados momentos conheci professores que foram significativos para minha formação enquanto profissional, enquanto cidadã e enquanto ser humano, e de lá para cá, usando uma expressão de Paulo Freire, tenho aprendido a ler o mundo, as pessoas, a sociedade e a vida com amorosidade, comprometendo-me com elas por meio do vínculo afetivo, do respeito e do cuidado com o outro.

Ao longo da minha trajetória profissional, já na área da Educação, tive a oportunidade de atuar como professora em instituições de Educação Infantil e como pedagoga em instituição de Educação Profissional Técnica de Nível Médio para profissionais da área da Saúde; atuei em instituições de nível médio para Formação de Professores, onde lecionei disciplinas pedagógicas. E em 2014 fui convocada para atuar como pedagoga na Unidade

Municipal de Educação Infantil (UMEI) Dr. Paulo César de Almeida Pimentel pertencente à rede de educação do município de Niterói, trabalhando em parceria com toda a comunidade escolar envolvendo docentes, discentes, familiares, além de profissionais que atuam na sede da Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME) e lá estou até hoje.

Estar inserida novamente no contexto da Educação Infantil é estar conectada às infâncias de várias épocas e variadas culturas, sem deixar de considerar a singularidade da infância de cada um. É fazer o exercício de conhecer, entender e escutar essa diversidade de infâncias, de forma a ampliar o olhar para essas crianças; e assim, manter com elas uma relação de troca entre adulto-criança, onde além de aprendermos com esses meninos e meninas, também possamos oferecer a eles um ambiente rico em vivências de maneira que possam se desenvolver de forma integral.

No entanto, o desempenho das atividades de pedagogia em uma instituição pública de Educação Infantil não são nada fácil, pois lidar com a direção, docentes, educandos, responsáveis e a multiplicidade de realidades e valores que envolvem esses sujeitos é extremamente desafiador! Além disso, em Niterói as UMEIs possuem apenas um pedagogo que acumula atribuições do Orientador Pedagógico (O.P.) e do Orientador Educacional (O.E.), mantém contato frequente com os familiares das crianças e participa de reuniões periódicas junto a FME; Além de possuir uma demanda burocrática bastante significativa que acaba por tomar boa parte da carga horária de trabalho; considerando também que a carga horária do pedagogo na rede de Niterói é de 20 horas semanais, sendo que 04 horas são de planejamento externo e a carga horária de uma UMEI é de 40 horas semanais. Isto significa dizer que o (a) pedagogo (a), pelo menos essa que vos escreve, trabalha muito, e trabalha contra o tempo determinado e disponível, além de acumular funções tanto de O.P. quanto de O.E.

Como dito no início do texto, alguns caminhos são espinhentos e pedregosos, mas ainda assim encontramos em torno deles a beleza das cores, das formas, dos cheiros, das texturas, dos sons, dos gostos.

Assim tem sido minha trajetória na UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel ao longo desses anos. Lá tenho encontrado pessoas incríveis, sejam elas da equipe de limpeza, da equipe da cozinha, da área administrativa, da direção, dos docentes, do grupo de responsáveis, e claro, das crianças também. Tenho aprendido com essas pessoas a ser um ser humano e uma profissional melhor. Os desafios são muitos, mas quando temos uma gestão horizontalizada e um grupo que veste verdadeiramente a camisa do que representa estar no espaço da Educação Infantil, os caminhos ficam mais planos e fáceis de serem trilhados. Dialogando com Mendes, “o espaço de diálogo, em que a fala e a escuta são asseguradas, significa um lugar de formação profissional e de crescimento pessoal” (2009, p.1). E estar inserida no grupo da UMEI é estar nesse lugar de formação profissional e crescimento pessoal.

Trilhando caminhos que levam ao futuro

Sabem como tem se constituído minha trajetória dentro da UMEI?! Por meio da escutasensível a partir das demandas de toda a comunidade escolar. Além da Educação, sempre gosteimuito da Psicologia e sempre acreditei que ambas estão intimamente ligadas.

Neste sentido, me senti motivada a estudar Psicanálise, buscando sempre refletir sobre a atenção, o cuidado e o acolhimento que é necessário dar a todos que estão a minha volta. E assim tem se dado o meu fazer pedagógico, mediando demandas docentes, demandas da direção, demandas das famílias e demandas da FME; estabelecendo e fortalecendo relações de confiança de forma a ampliar o meu ouvir para as confissões pessoais e profissionais da equipe como um todo, pois muitas vezes assumo o papel de “Psicóloga” junto às famílias e à equipe, por terem em mim uma possibilidade de resolução de conflitos, por confiarem que terei uma escuta sem julgamentos. E mesmo ainda sem formação para o exercício de tal função, acabo aceitando o desafio de ter a fala mansa, de educar os ouvidos e de desenvolver o olhar sereno por me sentir sensibilizada e afetada com as histórias de vida

que os sujeitos da escola trazem consigo. E por me sentir sensibilizada e afetada com as demandas desses sujeitos é que busco sempre oferecer a eles leituras reflexivas e proporcionar conversas pedagógicas com psicanalistas, terapeutas comportamentais, professores universitários da área da educação com o intuito de provocar no grupo sentimentos e sensações que o motive a crescer, a seguir em frente deixando para trás tudo aquilo que os desanima e os endurece enquanto pessoas/profissionais.

Sei que por meio dessas leituras e dessa troca com esses profissionais estabeleço e fortaleço uma relação de confiança, amizade, profissionalismo e parceria com o grupo. No entanto, ainda que façamos o exercício de afetar o outro e permitir que o outro nos afete, temos vivido em uma sociedade adoecida, física e mentalmente, pois muitos de nós temos sido afetados e/ou afetamos nossos pares de maneira negativa por meio do excesso de informação, da violência, do consumo descontrolado, da automedicação, do uso excessivo das tecnologias, que tem levado milhares de pessoas ao estresse, à ansiedade, ao pânico, à depressão, ao suicídio. E cabe salientar que esse adoecimento tem estado cada vez mais presente nos espaços escolares! Atingindo de maneira significativa toda a comunidade escolar.

Em época em que a sociedade mundial vive um caos pandêmico em virtude da crise sanitária que acarretou uma grande crise financeira desde março de 2020, a população brasileira tem sofrido com a perda de emprego, com o aumento do uso de drogas lícitas e ilícitas, com a impossibilidade de espaços de lazer, com a perda de entes queridos. Desta forma, boa parte da população tem sido vítima no aumento dos casos de violência física, sexual e psicológica. Diante do exposto, penso que como pedagoga/futura psicanalista a melhor forma de afetar e ser afetada pelos meus pares da UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel é saber falar, saber ouvir, saber olhar, pois esses saberes são características fundamentais para o exercício da minha atuação profissional, pois é por meio desta tríade que tenho, ao longo dos anos, conseguido estimular e encorajar a comunidade escolar como um todo a se

permitir a ser afetada por mim e, assim, afetar outros também. Sendo assim, Rinaldi afirma que

[...] a Pedagogia da Escuta exemplifica para nós uma ética de um encontro e edificado sobre a receptividade e a hospitalidade do outro, uma abertura para a diferença do outro, para a vinda do outro. Ela envolve uma relação ética de abertura ao outro, tentando escutar o outro em sua própria posição de experiência, sem tratar o outro como igual. As implicações para a educação são revolucionárias (2012, p. 42).

Não finalizo esse texto porque enquanto tivermos vida estaremos trilhando caminhos por onde passarmos, mas dou uma pausa para refletir acerca de tudo que vivi até aqui, e chego à reflexão de que o passado não volta mais, o que fica dele são as lembranças. O presente está aqui diante de mim, diante de você leitor, e o que vamos fazer com ele?! É no presente que agimos, praticamos, realizamos, vivemos. E o futuro?! Ah, o futuro não existe, pois não sabemos se estaremos nele. Mas é a partir da possibilidade de pensarmos que estaremos nele que temos a oportunidade de sonhar, de ansiar, de idealizar, de planejar, de projetar. Por isso, no meu passado guardo as boas lembranças! No meu presente escrevo esse texto que tem me afetado de maneira significativa e estudo intensamente para ser uma psicanalista diferenciada! Para o meu futuro?! Não sei se estarei nele, mas tenho planejado e anseio unir a psicanálise à pedagogia de forma a ser uma profissional mais completa no atendimento/acolhimento de todos os indivíduos que passarem pela minha vida pessoal/profissional.

Referências

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

- FERENCZI, S. **Obras Completas: Psicanálise IV**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Editora Olho d'água, 1997.
- MENDES, Flávia Olibeira dos Santos. Hieróglifos e pergaminhos: uma escuta do saber-fazer do professor da educação infantil. **Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual da Bahia**, 2009. 167 fls. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp131265.pdf>. Acesso em: 15 de fev. de 2022.
- PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). **As Crianças: contextos e identidades**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997, p. 9-29.
- RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paze Terra, 2012.
- SARMENTO, Manoel J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria R.; SARMENTO, Manuel J. (Orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007, pp. 25 – 49.
- SPINOZA, B. **Ética**. SILVA, Tomaz Tadeu da. (Trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MEMÓRIAS DE UMA CUNHANTÃ

Palas Brazão

Eu sou Palas Brazão. Filha de mãe mineira e pai pintacuaia¹ que começaram sua história de amor em Niterói, onde nasci e ainda cunhantã, me mudei para a terra natal do meu pai, já aposentado cultivava o sonho de retornar as suas origens e terminar sua vida onde esta começara. Monte Alegre é uma cidade muito pequena no baixo Amazonas, cercada pelo verde exuberante da Floresta e o calor equatorial característico da região. Lá, pude curtir junto a natureza toda riqueza da infância. Vivências e experiências que foram determinantes para eu me tornar a mulher que sou hoje: uma pessoa vivaz, determinada e resiliente que procura sempre encarar os desafios e situações do dia a dia da melhor forma possível.

Aos doze anos, meu pai decidiu voltar a Niterói para que meu irmão e eu pudéssemos ter acesso a uma educação melhor. O plano dele deu tão certo que hoje em dia eu, como professora, procuro proporcionar uma educação de qualidade para as crianças da Rede Pública Municipal de Educação de Niterói. Onde atuo na Educação Infantil com muito amor e dedicação desde 2006.

Em 1999 teve início a minha trajetória com o Curso Normal. Desde então, me interessei pela Educação Infantil. Penso que é nela que se inicia o trabalho com valores e atitudes, onde a criança tem oportunidade de reconhecer-se como sujeito de direitos, produtora de conhecimento e cultura. Quando considerada desde a tenra idade como tal tem grandes possibilidades de tornar-se um adulto reflexivo, crítico e consciente do seu papel na sociedade.

Em 2001 terminei o Curso Normal e no início de 2002 ingressei na UERJ-Maracanã na graduação de Pedagogia. Estudar lá foi (e ainda é!) motivo de grande orgulho para mim, uma grande conquista para

¹ Diz-se de pessoa natural de Monte Alegre, Pará.

uma mocinha vinda de tão longe. A UERJ representava o mundo! A ampliação dos meus horizontes e possibilidades, lugar de conhecimento, descobertas e amizades queridas.

No âmbito profissional, a UERJ foi onde aguicei meu olhar para outros níveis e modalidades de Ensino, me aproximando da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Desta forma, escrevi minha monografia a partir dos estudos realizados na Faculdade e da experiência de três anos como professora em um pré-vestibular comunitário. Experiência que enriqueceu demais a minha vida. O título escolhido, *“A participação da sociedade civil na educação de jovens e adultos”*, teve como orientadora a Professora Jane Paiva, visava elucidar as mesmas questões que me atentaram para EJA: a falta de políticas públicas e investimentos nesta modalidade de ensino e também os modos de organização da sociedade civil para preencher uma lacuna deixada pelo poder público e o reflexo desta na vida de milhares de pessoas que não puderam estudar na idade “correta” para ingressarem no mercado de trabalho e que a vida escolar e os sonhos ficaram para trás sem que houvesse uma reparação do Estado. Em dezembro de 2005 com a apresentação desta monografia, encerrei minha graduação e comecei a prestar concursos públicos na ânsia de pôr em prática tudo que havia aprendido nos bancos da Universidade.

Em 2006, recebi um telegrama e fui convocada pela Prefeitura de Niterói para tomar posse como professora. Até hoje me emociono quando lembro o peso daquele papel tão pequeno, mas que continha muita alegria e alívio. Pois eu era recém-casada e não estava trabalhando. Fiquei muito feliz! Apresentei-me à UMEI Rosalina de Araújo Costa, e ao chegar lá, vi que estava no lugar certo. Uma escola onde as crianças eram produtoras de conhecimento, autoras de todo espaço. Lá, o meu encantamento com a primeira etapa da Educação Básica só crescia.

O trabalho com a primeira infância me impulsionou a fazer uma pós-graduação na área visando melhorar a minha prática docente e manter-me atualizada com os debates do meio acadêmico. Sendo assim, em 2007 iniciei meus estudos na PUC-Rio onde fiz a

especialização *Educação Infantil: perspectivas de trabalho em creches e pré-escola*. Lá, conheci o professor Aristeo Leite Filho e tive oportunidade de visitar a escola Oga Mitá (na Tijuca), da qual ele fazia parte da direção e fiquei maravilhada com a forma que as turmas eram organizadas e iam ao encontro com a prática que estávamos tentando instituir na UMEI que eu trabalhava, o Rosalina. Inspiradas pela Escola da Ponte, estudamos e organizamos as turmas de forma heterogênea, mesclando as idades. Cada turma possuía crianças de idades próximas: três, quatro e cinco anos. Foi uma experiência maravilhosa que poderia ter durado mais tempo, não fosse a falta de autonomia da escola e a tirania por parte da Fundação Municipal de Educação de Niterói que, ao longo de incontáveis reuniões e coações, alegou que fazíamos parte de uma rede e a escola não poderia passar por cima da portaria de matrícula e não organizar as turmas pelo critério etário.

Em julho de 2007, atenta as discussões das mudanças eminentes no Ensino Fundamental, juntamente a duas colegas de trabalho, decidimos escrever um artigo para o 16º. COLE (Congresso de Leitura e Escrita) intitulado de *“Saberes necessários à Educação para Infância: um debate entre professores da escola básica”*. No qual, pretendíamos socializar parte do processo coletivo de ação-reflexão que a UMEI buscava realizar. Elucidando saberes que considerávamos necessários ao trabalho com a pequena infância e, também, às articulações possíveis com as escolas vizinhas de ensino fundamental. Esta comunicação oral foi apresentada no seminário *“Linguagens em Educação Infantil”*, apresentada na sessão coordenada no. VII do dia 11/07/2007.

No início de 2008, tive a oportunidade de apresentar o pôster *“A importância do brincar no cotidiano da Educação Infantil”* no II Congresso Internacional Cotidiano – Diálogos sobre Diálogos” realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, de 03 a 06 de março.

No Rosalina, onde eu trabalhava, éramos estimuladas a refletir acerca da nossa prática pedagógica, desta forma, além das discussões, leituras e formações nos planejamentos coletivos,

semestralmente, promovíamos um seminário onde recebíamos convidados, professores da rede e havia a valorização da nossa produção, expondo nossa práxis. Sendo assim, em setembro de 2008, apresentei a Comunicação Oral *“Práticas de Letramento”* no IV Seminário de Formação Permanente da UMEI Rosalina de Araújo Costa.

Ainda em 2008, visando a conclusão da pós-graduação, finalizei a escrita da monografia em dezembro cujo título *“Multiidade: vivências e desafios”* baseava-se na minha realidade de trabalho com turmas heterogêneas. Tive o professor Aristeo Leite Filho como orientador. Na ocasião, a escola já havia voltado a ser organizada pelo critério etário. Toda monografia foi escrita a partir de registros escritos e fotográficos que ficaram como recordação de um tempo em que a escola tentou ser diferente, contudo a estrutura imposta pela Fundação de Educação nos exigiu que fôssemos iguais a todas as outras escolas da rede.

Em 2009 fui convocada em novo concurso público para professora e tomei posse na segunda matrícula, permanecendo na escola que já trabalhava. A segurança de ter duas matrículas repousou sobre mim. Logo em seguida, fui convidada pela direção da escola para ocupar o cargo de coordenadora - turno da manhã, um cargo de confiança que atualmente só existe em UMEIs onde não há diretora adjunta. Uma experiência que contribuiu para o engrandecimento da minha prática como professora, pois estar do “outro lado” me tirou da zona de conforto da sala de aula. Lugar que sempre ocupei. Participar mais diretamente da gestão da escola, me possibilitou expandir meus interesses profissionais.

Em 2010 fui presenteada com a espera da minha filha Lara. Tive uma gestação tranquila, contudo precisei desacelerar alguns aspectos da minha vida, dentre eles, os estudos. Após seu nascimento e meu retorno ao trabalho, foi necessário reorganizar a minha vida profissional. Infelizmente, permanecer trabalhando no Rosalina seria inviável, mesmo gostando muito da escola, precisei sair de lá.

Desta forma, em 2012 iniciei um novo ciclo profissional numa Unidade de Educação mais próxima da minha residência. Fui apresentada à Educação de tempo integral da Rede na UMEI Dr^o Paulo César Pimentel, onde atuo como professora até os dias atuais.

Mesmo tendo experiência como professora de Educação Infantil na mesma rede, na UMEI integral tudo era novo para mim. A Paulo César, era muito diferente do Rosalina não só no tempo de permanência das crianças bem como nas demandas do cotidiano. As escolas fazerem parte da mesma rede não pressupõe a mesma organização nem atribuições do trabalho docente.

O grande diferencial da Umei de horário integral é a bidocência onde o compartilhamento do tempo-espaco com outra professora regente e o ambiente colaborativo resultam num trabalho alinhado de grande ganho para as crianças que recebem o olhar atento de duas professoras com a mesma formação.

Um dos maiores desafios da escola de horário integral é organizá-lo de forma que não engessem seus sujeitos. A estrutura escolar não dá liberdade para respeitar o tempo da criança, sendo esta atropelada por uma grade rígida que precisa ser seguida para não atrapalhar o andamento das outras turmas. Cabe a nós, corpo docente, estudar para burlarmos essa estrutura e encontrarmos formas de oportunizar às crianças serem protagonistas da sua história bem como contribuindo através do diálogo para a construção de um espaço pedagógico democrático.

Os meandros da Educação Infantil em horário integral no Município de Niterói me levaram de volta aos bancos da Universidade. Encontrei na UNIRIO o Núcleo de Estudos – Tempo, Espaços e Educação Integral. Do qual, orgulhosamente, faço parte como mestrandia desta Universidade. Um espaço conquistado por meio de muita luta. No qual eu não colheria vitórias nem batalhas sem o apoio das minhas diretoras e parceira de trabalho. O mestrado me possibilita pesquisar sobre a bidocência, objeto de estudo que conheço na prática, facultando compreender a importância de uma boa parceria no enfrentamento de uma jornada tão longa de trabalho, atuando de forma colaborativa com

a riqueza de ações e reflexões que o trabalho em dupla nos fornece. Bem como investigar histórica e politicamente a bidocência como estratégia na Educação Infantil de tempo integral da rede pública municipal de educação de Niterói.

HERANÇA DO MEU ÁLBUM DA INFÂNCIA

Rachel Moreno Folly

Minha primeira memória de educadora remonta à minha infância, quando já dizia que seria professora e “treinava” com meus irmãos e algumas bonecas, a partir daí não me recordo de querer fazer outra coisa. Já no Ensino Fundamental, me apaixonei pela Língua Portuguesa e pela poesia, aos 12 anos comecei a escrever meus primeiros poemas e, inevitavelmente, decidi que seria professora de Português.

Meu professor de Língua Portuguesa me incentivava sempre a escrever e ler o que escrevia, aos poucos fui me sentindo segura pra apresentar meus poemas publicamente e participei de alguns concursos que me renderam prêmios. Mas a vontade de dar aula permanecia.

No Ensino Médio mudei de escola para fazer o Curso Normal no Instituto de Educação, já esperando a oportunidade de começar a lecionar, e logo no primeiro ano de estágio passei a trabalhar na escola em que estagiava, estava com apenas 15 anos e já sabia que ali era o meu lugar!

Trabalhei nessa escola por três anos, tive boas experiências e também algumas frustrações que chamo de “encontro com a realidade”, algo que não tem como evitar na minha profissão, mas que foram essenciais para minha formação não só acadêmica, mas também para meu crescimento pessoal.

Ao fim do Curso Normal prestei concurso público para a prefeitura de Niterói e fui aprovada. Em 2007 fui convocada. Nos primeiros anos atuei no Ensino Fundamental e recebi uma grande demanda de alunos com necessidades especiais, o que me fez buscar conhecimento nessa área. Após me formar em Letras no ano

de 2008, estudei LIBRAS e passei a dar aula só para surdos, foi muito enriquecedora e transformadora essa experiência.

Com a chegada do meu segundo filho e em prol da minha organização financeira e profissional, em 2014 tive minha primeira experiência com a Educação Infantil. No início foi muito difícil me adaptar às demandas de uma UMEI, principalmente, pela agilidade da rotina que acaba por se tornar cansativa. Mas a extensa possibilidade de conhecimentos que podiam ser compartilhados sem a necessidade de compactação me fez vislumbrar um novo horizonte. Essa foi a minha maior riqueza nesse nível de atuação!

Após o tempo em que meus filhos estiveram na Educação Infantil, retornei ao Ensino Fundamental, até que em 2019, ao tomar posse da minha segunda matrícula, me vi novamente capturada pela Educação Infantil e escolhi a UMEI Paulo César Pimentel como o espaço de reencontro com essa lembrança de um tempo de liberdade.

E nesse ambiente pude desenvolver ainda mais as habilidades que havia adquirido anos atrás, por estar em contato com outras profissionais com uma larga trajetória na Educação Infantil, podendo aprender e compartilhar conhecimentos, além de ter passado por grupos de crianças sempre atentas, curiosas, participativas e interessadas em construir um aprendizado que não é só para fim de registro, mas é de fato significativo.

TRILHANDO MEMÓRIAS DA CIDADE SIMPATIA ENTRE MONTANHAS E FLORES À CIDADE SORRISO

Tharcila de Abreu Almeida

Resgatando memórias afetivas construídas em minha pobre e feliz infância em um pequeno município do interior do Espírito Santo, onde a semente que continha meu sonho de ser professora foi plantada, tenho certeza de que hoje colho frutos maravilhosos.

Nos primórdios anos da década de 1980, iniciei minha trajetória escolar, como aluna da rede pública de um Jardim de Infância que permitiu-me colecionar histórias dentre as quais destaco meu insistente pedido de um pedaço de giz todos os dias à professora para que eu brincasse de escolinha quando chegasse em casa. Assim, o desejo de ser professora se fortalecia a cada dia.

O tempo passou e ao chegar a hora de escolher o curso que faria no segundo grau, não tive dúvidas ao optar pelo magistério. Nesse momento, o sonho de criança passava a ganhar outros contornos. As responsabilidades vieram com os estágios em escolas municipais da zona urbana e rural do município, já mostrando desde aquela época que não seria fácil, mas que com amor e persistência podemos conquistar nossos sonhos e fazer a diferença na vida de muitas crianças.

No decorrer dos estágios em escolas da zona rural, observava o quanto era difícil ser professora onde não tínhamos condução para chegarmos à escola. O único ônibus passava cedo, porém na volta, dependíamos de ficar no asfalto pedindo carona, onde muitas vezes não passava ninguém e tínhamos que voltar a pé, percorrendo alguns quilômetros.

As dificuldades me davam ânimo e coragem para seguir em frente na profissão. Assim, ao ver como a comunidade ao redor da

escola era participativa e acreditava que a educação poderia proporcionar um futuro diferente a seus filhos eu tinha a certeza de que estava no lugar certo. Nessa época, a oferta de merenda escolar era precária, muitas escolas da zona rural não tinham merendeiras e me emocionava ver as mães se revezando entre o trabalho na lavoura e a preparação da merenda escolar, feita no fogão à lenha de uma das casas, levando até a escola para que as crianças pudessem se alimentar.

Ao concluir o magistério no ano de 1995, percebi que o sonho de ser professora tornara-se maior, pois havia um desejo enorme de chegar ao curso superior. Mas como? Não tínhamos universidades públicas por perto. Com muito esforço e dificuldades consegui ingressar na graduação em Letras de uma faculdade particular de um município do interior do estado do Rio de Janeiro. Foi uma época desafiadora. Estava iniciando minha vida laborativa por meio de contratos firmados ora com a Secretaria Municipal de Educação, ora com a Secretaria Estadual de Educação do estado do Espírito Santo e todos os dias deslocava-me para outro município, em outro estado, em busca de alçar voos maiores em minha prática pedagógica.

Nesse período, eu deixava de comer na hora do intervalo para pagar as apostilas no cantinho da xerox existente na faculdade ou comprar algum livro. Fome? Era de estudo e aprendizagem!

Que menina sonhadora! Mal concluíra a graduação e o sonho já se ampliava com a possibilidade de uma pós-graduação, uma das primeiras a serem ofertadas na região naquela época. Lá estava eu me inscrevendo, enquanto me desdobrava entre escola particular e pública de municípios diferentes para que eu pudesse me proporcionar essa oportunidade de ampliação de novos conhecimentos que enriqueceriam meu trabalho enquanto professora de Língua Portuguesa.

Nesse período, minha prática ia se construindo permeada por experiências que transitavam da Educação Infantil ao trabalho na EJA, tendo a oportunidade de ser professora de um dos meus tiovôs. Quantas trocas! Quantos saberes! Quantos aprendizados!

Conforme Paulo Freire (2021, p. 31): “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” e eu aproveitava ao máximo as experiências e conhecimentos tácitos para aprender ainda mais.

A vida é feita de escolhas e no final de 2001, despedi-me das escolas em que lecionava no interior do Estado do Espírito Santo e em 2002 trilhei por novos caminhos profissionais, dessa vez no município de Niterói, onde fui acolhida com muito carinho em uma escola particular da Região Oceânica.

Mediante ao novo contexto, o desejo de alçar novos voos ia aos poucos aumentando. O trabalho com crianças na Educação Infantil era pautado na observação e na escuta atenta, onde íamos juntos construindo uma história cheia de afetividade.

A vida é cheia de surpresas e alguns anos após prestar o concurso para a Fundação Municipal de Educação de Niterói fui chamada por esta instituição, vindo a atuar como professora na Escola Municipal Eulália da Silveira Bragança, no Jacaré, em Piratininga.

O desafio de alfabetizar crianças que tinham em seu pouco tempo de vida uma história de luta, de sobrevivência e dificuldades fez-me buscar estratégias diferenciadas que buscassem contemplar cada uma delas da melhor forma possível para que avançassem no processo de alfabetização. Segundo Freire (2021, p.134) “preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica”. Neste contexto, um olhar sensível enquanto professora, fez a diferença.

Foram 11 anos de vivências oportunizadas nesta escola que contempla o Ensino Fundamental I, atendendo crianças oriundas das comunidades próximas a mesma. Durante um período a escola oferecia Educação Infantil em horário parcial e eu, por identificar-me bastante com esse segmento da Educação Básica, fui convidada a assumir as turmas de greis 4 e 5 respectivamente.

As interações e brincadeiras, eixos estruturantes da Educação Infantil, sempre se fizeram presentes em minhas práticas pedagógicas se estendendo inclusive por minha vida pessoal adulta. Há quem diga que serei uma eterna criança. Que assim seja!

Em 2018, por força das circunstâncias, optei por trabalhar em uma Unidade Municipal de Educação Infantil mais próxima ao novo endereço residencial. Neste contexto, iniciei minha história na UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel, onde fui acolhida por toda comunidade escolar.

Ao mesmo tempo em que fui acolhida, eu acolhia e observava o quanto o acolhimento é importante para nossa prática docente, por ser uma necessidade fundamental para que as crianças possam se sentir seguras no ambiente escolar.

O trabalho em conjunto com outra professora devido à bidocência traz à tona a importância da parceria para que todo o processo envolvido entre cuidar e educar numa escola de tempo integral aconteça de forma satisfatória. Estarmos em consonância e unidas em prol do desenvolvimento de nossos alunos é gratificante.

Ah, mais uma vez trazendo Paulo Freire (2021, p. 40) “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Assim, quantos momentos de trocas vivenciamos nesse espaço escolar onde constantemente pensamos e repensamos nossas práticas. Ao ingressar na UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel, motivada por uma direção compreensiva da importância da formação continuada do professor, o desejo de retornar à vida acadêmica reacendeu e ingressei no mestrado.

Contribuir para a formação do aluno enquanto um cidadão crítico e reflexivo faz parte do papel do professor desde a Educação Infantil, assim, sigo acreditando na educação pública de qualidade e buscando a cada dia me construir, desconstruir e reconstruir enquanto profissional.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69^aed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

O RETORNO DA FAMÍLIA: RELATO DA ALICE MÃE DO NICOLAS

Alice Raquel Fortunato Rocha

Nicolas, meu filho mais velho, de 6 anos e portador do transtorno do espectro autista, já frequentava escola desde 1 ano e 9 meses. No ano de 2021 foi contemplado com uma vaga na UMEI Paulo Cesar Pimentel. Oramos por essa vaga, pois sabíamos que ele seria melhor atendido e estimulado em uma escola municipal.

De qualquer forma, tivemos os mais variados sentimentos. Uma mistura de gratidão e tranquilidade com ansiedade de estarmos entrando em um novo ambiente, com novas professoras e novos amigos.

Iniciamos a relação mais profunda com a escola em uma reunião online com as professoras Deise Parreiras e Luciana Pintas da sala de recursos. Essa reunião foi importante, pois pudemos iniciar uma parceria fundamental para melhor acolher o Nicolas e suas necessidades específicas. Todo esse trabalho individual com cada criança que frequenta a sala de recursos me despertou para que eu colocasse em prática a inclusão de crianças com necessidades específicas também na comunidade cristã a qual frequentamos, nossa igreja. Sendo assim, enviei um projeto para trabalharmos de forma individual com as pessoas que apresentassem alguma necessidade diferente das habituais.

O ano letivo iniciou de forma remota, o que de certa forma era ao mesmo tempo "estranho" e difícil, pois o tempo de atenção dele era reduzido e tínhamos um contato muito impessoal. Por outro lado, foi fundamental esse primeiro contato com as professoras, pois ele foi se familiarizando com o rosto, a voz e o jeitinho de cada professora.

Ele sempre foi um aluno frequente mesmo no período remoto, e sempre recebeu o incentivo da família toda para participar com alegria dos encontros.

Nicolas é muito bem atendido pela escola, junto de toda equipe pedagógica e corpo docente. Todas as professoras, diretoras e funcionárias da escola estão envolvidas para que ele se desenvolva da melhor maneira possível. Ele teve uma evolução muito grande em todas as áreas, cognitiva, social. É surpreendente ver o quanto ele ama a escola e o quão sério e importante é o trabalho desenvolvido com as crianças. A equipe toda trabalha de forma muito comprometida para desempenhar seu papel fundamental no desenvolvimento das crianças. E não se trata de uma mera opinião pessoal, pois há um tempo, solicitei um relatório da equipe para que Nicolas pudesse ser acompanhado pela neuropediatra responsável pelo neurodesenvolvimento dele. Ela também elogiou o trabalho da equipe e ficou muito grata por terem profissionais bem detalhistas e dedicados ao seu trabalho.

Recentemente tivemos uma perda importante. Infelizmente, Nicolas perdeu o pai que faleceu há cerca de 2 meses. Mais uma vez recebemos todo o apoio da equipe escolar que se mostraram solícitos nesse momento de luto da família, e disponíveis em adaptar toda a rotina escolar, além de apoiarem emocionalmente meu filho.

Não tenho palavras que expressem minha gratidão a UMEI Paulo Cesar Pimentel e todas as professoras, diretoras, pedagoga, merendeiras e faxineiras. Já me sinto saudosa, pois esse será o último ano do Nicolas na escola. Minhas orações continuam por eles e pela nova escola que virá. Que Deus possa colocar em nosso caminho profissionais tão amorosos e dedicados quanto esses que encontramos na escola Paulo Cesar Pimentel.

MEMÓRIAS ÓBVIAS E ENTRECruzADAS: UM CAMINHO EVIDENTE

Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga

Ao ler sobre a vida de outra pessoa, cabe perguntar-nos: O que fica? Obviamente fica uma marca indelével, ou não, das memórias entrecruzadas entre as pessoas que habitam em nós, dos vários outros com que cruzamos ao longo de nossa trajetória de vida e formação e a nossa própria pessoa como sujeito escolar e sujeito deste tempo histórico.

A cada leitura, obviamente, o mundo do texto (RICOEUR, 1990) vai no capturando. O mundo do texto presente nos memoriais que se antecederam à minha escrita e transborda nesse *script* de memorial por vir que vos apresento. Não é um memorial esta escrita. É uma centelha do divisível, pois é impossível passar por toda a trajetória de construção deste encontro-livro em forma de texto que seria impossível não ser transcrito para o papel, também, como forma de agradecimento, em uma configuração textual que Paul Ricoeur (2010) chama de refiguração. Ou seja, já passamos pela pré-figuração – o primeiro encontro com a história; a configuração – a materialização de uma reflexão em forma de texto, um fragmento narrativo, o memorial; Chegamos a refiguração quando o texto reverbera em nós e retorna ao círculo mimético.

No campo da formação docente, Antônio Nóvoa e Filomena Bandeira em 2005 escrevem “evidentemente”. A obra traz elementos escolares, e ao lermos os verbetes nos damos conta que parece que a escola é formada de elementos dados, que são lidos como imutáveis, e que, obviamente, o seu resultado é sempre o mesmo. Sendo que, por ora, ela se liga à trajetória das pessoas. Ora, por compor essa instituição escolar com moldes do século XIX, que formou profissionais com características do século XX e ministra

propostas pedagógicas para cidadãos do século XXI. Obviamente o atraso é a marca deste encontro escolar. É quase um descompasso estudar a escola, se não há inovação.

Entretanto, o que parece muito evidente, se desfaz ao passo da leitura. Evidentemente, existem similaridades, como boa parte do professorado ser das classes populares e os sujeitos de memória da família e os sujeitos de memória professoral, e termos muitos espaços de sucateamento. Contudo, outra base que se apresenta é que, evidentemente, os docentes querem mais. E isso pulsa nas falas, nos encontros, nas memórias. E por pulsar é vivo.

Darcy Ribeiro (1986) também compreendeu o que fica evidente no Brasil. Ele chama o que nos salta aos olhos de óbvio, e está óbvio para o povo brasileiro, ou se faz óbvio que a escola é ruim, inábil, incompetente. Um prefixo, que mais vez, não combina com a escola que pulsa vida. Em “sobre o óbvio”, o autor expõe uma face da educação brasileira, saindo de sua raiz oligárquica, escravocrata e classista.

Assim como em evidentemente existe um pouco de escola em todas as pessoas do nosso século, há, também, uma leitura turva do que são os processos educacionais hoje. Seja pelo saudosismo de uma aurora escolar, sob o prisma de quem viveu, que tende a crer que a sua vivência do passado supera as experiências fecundas da educação que se imprimi no cotidiano.

O que o mundo do texto, e dos textos aqui presente, bem como os autores nos apontam é que na escola, nada é óbvio. Se crês que algo estás óbvio demais, desconfie! E como freire nos ensinou, converse. Parece tarefa fácil. Aliás, fácilima. Mas à medida que nos aprofundamos nas histórias, na conversa, no entrelaçar de vida-vívida, encontramos a condição Humana. Aprendemos que uma das principais condições da raça humana é narrar. Narrar como forma de compreender e explicar o que fora a experiência, dando novo contorno ao espaço do tempo vivido, como algo vívido, no aqui e agora. O exercício de narrar desloca, internamente,

Parece que, obviamente, somos o hoje, porque vivemos um ontem, mas não são todos os aspectos do passado que se

relacionam com o que somos. Especialmente, porque só quem pode dizer como sou no sentido do verbo ser, em seu modo no infinitivo, tomado aqui como fluxo e movimento, quando nos compreendemos como narradorxs.

Um aspecto importante dessas narradoras são os lugares de memória. Em quase todas as narrativas, a universidade pública como sonho, concretude e realização está em suas diretrizes. Digo, especialmente, a Universidade Federal Fluminense (UFF), casa que me acolheu no doutorado e que impacta a cidade de Niterói. O diálogo escola-universidade e o engajamento de uma formação voltada para as classes populares estão sempre presentes nos encontros das formações em serviço.

O destaque na formação é exaltado na comunidade. Em meu primeiro encontro presencial na escola, a fala da equipe era estudar, levar o conhecimento das novas tecnologias, e dos estudos do campo da infância para o fazer diário. Lembro-me, com alegria, que toda a equipe utilizava a lei do Piso Salarial Profissional Nacional do magistério (PSPN) – Lei 11.738 de 2008 – para investir na trajetória profissional dos profissionais da unidade. Há de me questionar: Este é um traço, obviamente, das políticas e das lutas por uma educação de qualidade para todos. Essa prática instituinte vai na contramão do que Darcy Ribeiro disse sobre o óbvio: “a Crise na educação é um projeto”. O projeto de destruição cai por terra ao encontrar a publicização de práticas que defendem o lugar de saber da escola. Então, que espaço é esse que, obviamente, não está sendo olhado? Ou melhor, que lente perversa é colocada sobre a escola que apresenta apenas mazelas? Também esse aspecto é parte de um projeto contra as classes populares.

Talvez, esta escrita aqui memorialística não saia apenas como narrativa, mas tome uma nova forma, o gênero narrativo, mas em conto. Este conto, conta de uma brecha na minha tese. Uma brecha, que se apresenta como possibilidade, que nos abraçamos. Obviamente, ela deriva dos afetos, pois não há narrativa sem afeto.

São nessas brechas que eu me encontro nos bancos da brincadeira infantil da escolinha, na casa da minha avó. Deparo-me

com as professoras que me constituíram, que me constituem e em quem me espelho em muitos momentos. Também nas narrativas das colegas de profissão, vou ao encontro das andanças de professores. Por quantas escolas passei como profissional, em vários espaços das regiões do estado do Rio de Janeiro. Obviamente, me reconheci nas funções. Ora, toda professora já passou algum tempo entre a gestão e a docência em sala.

Mas nada me tocou mais do que ler sobre as triplas jornadas e os caminhos para formar-se. Pineau, quando evidencia que não existe uma formação linear “escolha-formação-atuação-aposentadoria”(PINEAU, 2003), mostra-nos que é preciso uma escuta atenta para entender que formação é um ticket de trem que a cada estação vamos marcando as paradas. A formação, tal como propõe Pineau, está muito mais para uma embarcação em alto-mar. Sabe o porto de saída, mas o mar.... Ah, o mar é uma condição que depende de vários fatores externos ao desejo. E pode se dobrar ou

Como o Tríplice presente em Ricoeur (2010), a pedagoga Milena Maia reflete sobre sua narrativa, defendendo que a escrita é uma escrita atravessada pela lembrança, e versa com passado, presente e futuro em suas palavras:

Não finalizo esse texto porque enquanto tivermos vida estaremos trilhando caminhos por onde passarmos, mas dou uma pausa para refletir acerca de tudo que vivi até aqui, e chego à reflexão de que o passado não volta mais, o que fica dele são as lembranças. O presente está aqui diante de mim, diante de você leitor, e o que vamos fazer com ele?! É no presente que agimos, praticamos, realizamos, vivemos. E o futuro?! Ah, o futuro não existe, pois não sabemos se estaremos nele. Mas é a partir da possibilidade de pensarmos que estaremos nele que temos a oportunidade de sonhar, de ansiar, de idealizar, de planejar, de projetar.

Não só Milena traz a força da memória. Como a forma da memória da escola que habita a criança é consolidada no relato da Mãe:

Nicolas é muito bem atendido pela escola, junto de toda equipe pedagógica e corpo docente. Todas as professoras, diretoras e funcionárias da escola estão envolvidas para que ele se desenvolva da melhor maneira possível. Ele teve uma evolução muito grande em todas as áreas, cognitiva, social. É surpreendente ver o quanto ele ama a escola e o quão sério e importante é o trabalho desenvolvido com as crianças. A equipe toda trabalha de forma muito comprometida para desempenhar seu papel fundamental no desenvolvimento das crianças. E não se trata de uma mera opinião pessoal, pois há um tempo, solicitei um relatório da equipe para que Nicolas pudesse ser acompanhado pela neuropediatra responsável pelo neurodesenvolvimento dele. Ela também elogiou o trabalho da equipe e ficou muito grata por terem profissionais bem detalhistas e dedicados ao seu trabalho.

As memórias das trajetórias das docentes que as constituem como sujeitos da experiência concreta, são àquelas que evidentemente não se imprimem apenas para um olhar desatento, obviamente, é preciso chegar mais perto, é preciso se comprometer. A crise na educação é um projeto, mas o projeto de vida que é constituído no interior de cada sala de aula subverte a ordem instituída, pois a escola é constitutiva de resistência. A resistência de quem acredita que os projetos que transpassam à escola são de diferentes grafias, mas, sobretudo, circunscrita nas grafias da vida. Viva as histórias de vida, evidentemente!

Referências

BANDEIRA, Filomena NÓVOA, António. **Evidentemente:** histórias da educação. 2005.

NÓVOA, António. Imagens do futuro presente. **Lisboa:** Educa, 2009.

PINEAU, Gaston. Ouverture. Paradoxes existentiels et temporalités de l'accompagnement. In: BOUTINET, Jean-Pierre et al. (Orgs.). **Penser l'accompagnement adulte.** Paris: Presses Universitaires de France, 2007. p. 331-346. Disponível em: <https://>

www.cairn.info/penser-l-accompagnement-adulte---page-331.html (Hors collection).

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**: rumo a novos sincronizadores. São Paulo: Triom, 2003.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologia**. Trad. org. Hilton Japiassu. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Ed. Guanabara, 1986. Disponível em: http://www.biolingua.com/biolingua_antropologia/ribeiro_1986_sobreobvio.pdf. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

MINICURRÍCULOS DAS AUTORAS

Alice Raquel Fortunato Rocha → Mãe do Nicolas que está na UMEI desde 2021 → Curso Normal (Instituto Estadual de Educação Elisa Ferrari Valls); Bacharel em Ciências Biológicas (PUCRS); Mestrado em Ciência dos Alimentos (UFRJ). **Temas de Interesse investigativo:** Diversidade e inclusão, educação inclusiva e tecnologia assistiva.

E-mail: alifortun@gmail.com

Andréa Dias Nunes Valério → Merendeira na UMEI desde 2018 → Curso Normal (Instituto de Educação Sarah Kubitschek); Pedagogia (Unyleya); Especializando em Educação Ambiental e Sustentabilidade (Faveni). **Temas de Interesse investigativo:** Educação Ambiental e Sustentabilidade.

E-mail: a.diasvalerio@gmail.com

Andressa de Sá Teixeira → Professora na UMEI desde 2019 → Curso Normal (Instituto de Educação Célia Nanci); Graduada em Letras - Português/ Inglês (Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO); Especialização em Estudos de Mídia (Universidade Federal Fluminense - UFF); Especialização em Psicopedagogia Institucional e Educação Especial (Universidade Veiga de Almeida - UVA); cursando Mestrado Profissional em Letras (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ). **Temas de Interesse investigativo:** Letramento; Práticas de letramento na educação infantil; Letramento crítico.

E-mail: andressa.teixeira2010@hotmail.com

Angélica Costa da Silva Soares → Professora na UMEI desde 2019 → Curso Normal (Instituto de Educação Clélia Nanci); Graduação em Pedagogia (Universidade Luterana do Brasil / ULBRA);

Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica (Instituto Batista- IPEMIG). **Temas de Interesse investigativo:** As Infâncias, suas interações e relações com a Natureza. O corpo, suas reações, relações com o meio e suas potencialidades. A criança, sua essência, suas brincadeiras e aprendizagens. Autonomia, liberdade, reações, expressões e aprendizagens. Música, corpo e movimento no universo infantil. Culturas de pares, brincadeiras e aprendizagens. Literatura, o universo infantil e letramento...

E-mail: angelicacostadasilva@gmail.com

Deise de Azevedo Parreiras Brito → Professora na UMEI desde 2019 → Graduação em Pedagogia (FFP/UERJ); Especialização em Gestão Escolar - Modalidade Educação Básica (FFP/UERJ); Especialização em Alfabetização das Classes Populares (FE/UFF); Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FAMATH); Especialização em Educação Especial e Inovação Tecnológica (UFRRJ/CECERJ) **Temas de Interesse investigativo:** Narrativas, memórias e histórias de vida e formação; Educação das Infâncias e Alfabetização; Educação Inclusiva.

E-mail:deiseparreirasbrito@gmail.com

Elisabete Ferreira de Moraes → Merendeira na UMEI desde 2011 → Graduada em História (Faculdade Anhanguera), Especializada em História da África (Faculdade São Luís). **Temas de Interesse investigativo:** História da África, Educação Antirracista, Educação Inclusiva.

E-mail:vidamor25anos@gmail.com

Inês Ferreira de Souza Bragança → Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Doutora em

Ciências da Educação pela Universidade de Évora-Portugal e Mestre em Educação e Pedagogia, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é Coordenadora do Centro de Memória da Educação da FE/UNICAMP e Vice-Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOGRAPH). Coordena o Grupo Interinstitucional de Pesquisa Formação Polifonia (<https://grupopolifonia.wordpress.com>), vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP) e ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação (FFP/UERJ). Seus trabalhos tematizam a formação docente, em suas políticas e práticas, e a abordagem narrativa (auto)biográfica como modo de viver, pesquisar e formar em partilha. É autora do livro *Histórias de Vida e Formação de Professores: Diálogos entre Brasil e Portugal* (<https://doi.org/10.7476/9788575114698>) e de diversas produções bibliográficas nesse campo.

E-mail: inesbraganca@uol.com.br

Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga → na UMEI desde 2020 → Professora Assistente do Departamento de Ensino Fundamental da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) e Doutora em Educação (CCE/ UFF). Mestre em Educação, Especialista em: Currículo e Gestão Escolar; Pedagogia (FFP/UERJ). Associada à Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica - Biograph. Integrante dos grupos de pesquisa: Currículo, Docência e Cultura (CDC/UFF) & Grupo interinstitucional de *Pesquisa Formação Polifonia* (Vozes – UERJ/ UNICAMP), Dialogia (CAp-UERJ). **Temas de Interesse investigativo:** Formação Docente - Narrativas; Histórias de vida e Projetos de si; Intergeracionalidade; Formação permanente e Políticas de Formação.

E-mail: juliana.alvarenga@uerj.br

Luciana Machado Monteiro → Professora na UMEI desde 2017 → Formação de professores de 1º Grau/Curso Normal (Colégio Cenecista Lara Vilela), Graduação em Pedagogia (UFF),

Especialização em Alfabetização de crianças das classes populares (FEUFF), Especialização em Psicopedagogia(UCAM /Universidade Candido Mendes).**Temas de Interesse investigativo:** Educação antirracista e formação de professores numa perspectiva antirracista

E-mail: lucianamonteiro324@gmail.com

Luciana Pereira da Silva → Professora de Apoio Educacional Especializado na UMEI desde 2019 → Curso Normal pós-médio (Colégio Santa Catarina); Graduação em Fisioterapia Universidade Salgado de Oliveira; Especialização em Educação Especial e Psicomotricidade (Faculdade de Educação São Luís); Especialização em Educação Especial e Inovação Tecnológica (UFFRJ / CECIERJ) **Temas de Interesse investigativo:** Diversidade e Inclusão, Educação inclusiva, tecnologia assistiva e comunicação alternativa, fisioterapia neuropediátrica.

E-mail: lucianapdasilva293@gmail.com

Mairce da Silva Araújo → Professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-Doutorado no Instituto Politécnico de Leiria, Portugal e na Faculdade de Educação - Unicamp. Doutorado em Educação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003).Mestrado em Educação, pela Universidade Federal Fluminense (1994) Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Barra do Piraí (1982), É professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Procientista, docente do Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades sociais, Líder do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: memórias, histórias e formação docente. Coordenadora da pesquisa Alfabetização, memória e formação de professores e relações etnicorraciais (ALMEFRE). Coordenadora do grupo de pesquisa Rede de docentes que estudam e narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e escrita (REDEALE) Pesquisadora do Grupo de Alfabetização dos alunos e alunas das classes populares, da Universidade Federal Fluminense. Interesse

nas seguintes temáticas: cotidiano escolar, formação de professores, memória e história, alfabetização e relações etnicorraciais. A pesquisadora é mãe de dois homens Rodrigo e Rafael e é também integrante da Ala das Baianas da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, desde 2014.

E-mail: mairce@hotmail.com

Maria Antonia Tripodi Giglio → Professora na UMEI desde 2020 → Curso Normal (Instituto Educacional Taurus); Graduação em Pedagogia (UFF) Especialização em Educação Infantil (Universidade Estácio de Sá). **Temas de Interesse investigativo:** Infâncias, Educação Infantil e Bebês.

E-mail: magiglio2011@gmail.com

Maria Inês de Azevedo Ventura → Diretora geral na UMEI desde 2016 → Curso normal (Instituto de Educação Ismael Coutinho); Graduação Normal Superior (Centro Universitário Plínio Leite); Especialização em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar (Centro universitário Plínio Leite); Especialização em Gestão escolar (FFP/UERJ). Especialização em Docência na Educação Infantil (UFRJ). Mestrado Educação (UFRJ). **Temas de Interesse investigativo:** Currículo na Educação Infantil, formação de professores e políticas públicas na Educação Infantil.

E-mail: venturamariaines1@gmail.com

Mariana Godoy de Miranda Queiroz → Bacharel em Ciências Sociais e estudante de licenciatura em ciências sociais (UFF). **Temas de Interesse investigativo:** Relação entre capitalismo, trabalho e saúde mental.

E-mail: marianagodoyqueiroz@outlook.com

Millena Guerra Lourenço Nunes Maia → Pedagoga na UMEI desde 2014 → Licenciatura plena em Pedagogia (UNIRIO); Especialização em Educação Infantil (PUC/RJ); Especialização em Gestão em Educação em Saúde (Escola Nacional de Saúde Pública

- ENSP/FIOCRUZ); Mestranda em Psicologia (Universidade Salgado de Oliveira/ UNIVERSO) **Temas de Interesse investigativo:** Formação continuada de professores da Educação Infantil e comportamentos autolesivos em crianças entre 3 e 5 anos.
E-mail: millenaguerram@gmail.com


Palas Brazão → Professora na UMEI desde 2012 → Curso Normal (Colégio São Vicente de Paulo); Graduação em Pedagogia (UERJ); Especialização em Educação Infantil (PUC-Rio) e Mestranda em Educação (Unirio). **Temas de Interesse investigativo:** Educação Infantil; Educação Integral; Políticas em Educação.
E-mail: palasalbrazao@gmail.com

Rachel Folly → Professora na UMEI desde 2019 → Curso Normal (Instituto de Educação Clélia Nanci); Graduação em Letras (Universidade Estácio de Sá); Especialização em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica (Unileya); Capacitação em Psicanálise Clínica (Sociedade psicanalítica ortodoxa do Brasil - SPOB). **Temas de Interesse investigativo:** Desenvolvimento comunicativo, relações afetivas.
E-mail: rachelfolly@hotmail.com

Silvia Lucia Moreira Leal → Professora na UMEI desde 2019 → Graduada em Pedagogia (Universidade Salgado de Oliveira), Especialização em Educação em Tempo Integral (Faculdade São Luís). **Temas de Interesse investigativo:** Pedagogia participativa, leitura e escrita na Educação Infantil.
E-mail: silvialmleal@gmail.com

Tharcila de Abreu Almeida → Professora na UMEI desde 2018 → **Curso de Magistério** - Escola de 1º e 2º graus Mercês Garcia Vieira/ 1995; Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna - Fundação Educacional e Cultural São José/1999; Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Itaperuna - Fundação Educacional e Cultural São José/2001; Pós-

Graduação Lato Sensu em Gestão Escolar - CENTRO UNIVERSITÁRIO FAVENI/2020. Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação- UniCarioca/2022. **Temas de Interesse investigativo:** Afetividade, engajamento infantil e tecnologias digitais na Educação.
E-mail: tharcila78@gmail.com



Este livro deixa uma contribuição para a memória e história da UMEI Dr. Paulo César de Almeida Pimentel e para a rede municipal de Educação de Niterói, apresentando uma história da educação contada por suas protagonistas professoras, merendeiras, pedagoga, diretora e mães, mulheres que tecem no cotidiano da escola e das relações, histórias e memórias.



ISBN 978-85-265-0624-0



9 788526 506240